COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA
VIRGILIO VARZEA
Historias Rusticas

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes in-8.º, de 200 a 300 paginas impressa em bom papel, typo elzevir

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte-Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere.
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres.
72 — Um livro.
73 — A Sereia.
74 — Esboços de apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — Theatro: I — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.
77 — Theatro: II — Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

CAMILLIANA

Camillo Castello Branco — *Notas a margem em varios livros da sua biblioteca,* recolhidas por Alvaro Neves. — 1 vol.

Camillo Castello Branco — *Tipos e episodios da sua galeria,* por Sergio de Castro. — 3 vols., contendo inumeras transcriçces da obra de Camillo.

Poesias dispersas de Camillo Castello Branco — 1 vol. de 247 pags. em papel de linho nacional. Tiragem 48 exemplares.

Hosanna ! Por Camillo Castello Branco. Fiel reproducção zincografica da 1.ª edição de 1852, hoje rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Os pundonores desagravados, por Camillo Castello Branco. Reproducção como acima da 1.ª edição de 1845. Tambem rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Prefacio da 1.ª edição do Diccionario de Azevedo, por Camillo Castello Branco.

COLLECÇÃO ECONOMICA

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A Daudet.
2 — Esgotado.
3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet.
4 — Esgotado.
5 — Esgotado.
6 — Esgotado.
7 — Esgotado.
8 — Esgotado.
9 — Esgotado.
10 — Esgotado.
11 — Esgotado.
12 — Esgotado.
13 — Um coração de mulher, por Paul Bourget.
14 — Esgotado.
15 — Esgotado.
16 — Esgotado
17 — Esgotado.
18 — O ultimo amor, por Ohnet.
19 — Um bulgaro, por Ivan Tourgueneffe.
20 — Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp.
21 — Esgotado.
22 — Esgotado.
23 — Camilla, por G. Ginisty.
24 — Trahida, por Maxime Paz.
25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
26 — Esgotado.
27 — Esgotado
28 — Esgotado.
29 — Mentiras, por Paul Bourget.
30 — Marinheiro, por Pierre Loti.
31 — Esgotado.
32 — A Evangelista, por Daudet.

33 — Aranha vermelha, por R. de Pont Jest.
34 e 35 — Esgotado.
36 — Parisienses!... por H. Davenel.
37 — Ao entardecer!... por Iveling Rambaud.
38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmento.
39 — Esgotado.
40 — Esgotado.
41 — O abbade de Faviéres, por J. Ohnet.
42 — Esgotado.
43 — Esgotado.
44 — A nihilista, por C. Mendés.
45 — Esgotado.
46 — Morta de amor, por Delpit.
47 — João Sbogar, por C. Nadier.
48 — Viagem sentimental, por Sterne.
49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
51 — Esgotado.
52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.
53 — Amor de Miss, por J. Blain.
54 — A sogra, por Laforest.
55 — Colomba, por P. Merimée.
56 — Katia, por L. Tolstoï.
57 — Alma simples, por Dostoiewsky.
58 — Duplo amor, por Rosny.
59 — Esgotado.
60 — A princeza Maria, por Lermontoff.
61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
62 — Esgotado.
63 — O romance do homem amarello, pelo general Tcheng-Ki-Tong.
64 — A dama das violetas, por F. Guimarães Fonseca.
65 e 66 — Nemrod & C.ª, por Jorge Ohnet.
67 — Prisma de amor, por Paul Bonnhome.
68 — Historia d'uma mulher, por Guy de Maupassant.
69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
71 — Depois do amor, por Ohnet.
72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
73 e 74 — O herdeiro de Redclyffe, por Mrs. Yongue.
75 — Uma ondina, por Theuriet.
76 — A familia Laroche, por Marguerite Sevray.
77 — As grandes lendas da humanidade, por d'Humive.
78 e 79 — A filha do Dr. Jaufre, por Marcel Prevost.
80 — A dama das camelias, por A. Dumas, Filho.
81 — Dezeseis annos..., por F. C. Philips.
82 e 83 — O Desthronado, por A. Ribeiro.
84 — Ninho d'amor, por A. Campos.
85 — Bodas Negras, por Almachio Diniz.
86 — Do amor ao crime, por Alphonse Karr.
87 — A ilha revoltada, por Ed. Lockroy

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA — 53.º Volume

HISTORIAS RUSTICAS

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

VIRGILIO VARZEA

HISTORIAS RUSTICAS

LISBOA
Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 50, 52 e 54
1904

De VIRGILIO VARZEA

Obras publicadas:

O brigue flibusteiro (lenda sobre a ilha da Trindade)...... 1904
Garibaldi in America, versão para o italiano por Clemente Getti 1904
Mares e Campos, contos, 2.ª edição 1903
George Marcial (romance da sociedade e da politica do fim do Imperio). 1901
Contos de Amor 1901
A noiva do Caladino, novella............................ 1901
Santa Catharina, 1.ª parte: A ILHA........................ 1900
Rose-castle, novella...... 1893
Tropos e phantasias, contos 1885
Traços azues, versos 1884

A publicar:

Garibaldi na America (grande estudo historico).
Santa Catharina, 2.ª parte: O CONTINENTE.
A ingleza (romance de costumes da provincia).
Episodios heroicos (narrativas historicas).
O rouxinol morto, contos.
Impressões da provincia (silhuetas e paizagens).
Um philosopho brasileiro (ensaio scientifico sobre o dr. Gama-Roza).

A' minha Mãe

As scenas da vida real, ora enfeixadas n'este livro, foram na sua maior parte por nós testemunhadas na bella terra catharinense onde ambos tivemos a felicidade de nascer; e como constituem ellas as flôres mais queridas do meu espirito e da minh'alma, eu as desfolho agora sobre a tua cabeça e sobre o teu coração, minha adorada, minha santa e veneranda Mãe!

Virgilio.

Rio de Janeiro, maio de 1904.

I

A Volta ao Lar

A Clarinda tinha sahido com o filho, um rapazinho de dez annos para o denso cafeeiral que se estendia á direita da habitação, ao longo do caminho, n'um terreno barrancoso e alto. Levava uma grande cuia na mão para apanhar os primeiros bagos maduros, cobrindo aqui e ali de grossas pintas de sangue as hastes delgadas dos ramos, vergados ao peso da fructificação. Com um lenço vermelho á cabeça, uma sáia de chita azul desbotada e um corpete de cassa branca, os braços claros e rosados sahindo, nús e roliços, dos regaços das mangas e ainda frescos e humidos d'agua da fonte onde estivera lavando, caminhava com elegancia matuta, balançando os turgidos quadrís femininos pela fita serpenteante do atalho, parando ás vezes um instante, entre irritada e carinhosa, para cha-

com as pedrinhas do *tento*, tombando não raro a vasilha e derramando o café que se alastrava no solo sobre o humus resequido.

— Quieto ahi, Manuel! senão de repente te «assisto!» gritava então a Clarinda.

E voltando logo á colheita, avolumando-se pouco a pouco na cuia, embalava as dores intimas, entoando com a sua voz fresca e moça, suavemente expressiva, uma d'essas adoraveis cantigas campestres que são tão communs nos sitios. E assim, seguidamente cantando, desenvolvia a tarefa. A's vezes porém suspendia-se para reprehender meigamente a creança, que se divertia agora a trincar os bagos rubros sugando-lhes gulosamente o néctar. Mas isso era só um instante, porque o canto voltava-lhe logo á garganta sonora em toadilhas seguidas. As quadras mais amorosas e tristes, de uma vaga espiritualidade e paixão, as repetia ella n'um rythmo desolado e dolente, tão humano e tão casado á sua magua que, em certos momentos, se quedava suffocada, os olhos arrasados de pranto, comprimindo o collo cheio para abafar os suspiros. Depois, mais alliviada, soltava de novo a cantiga:

Eu tinha o teu nome escripto
Dentro do meu coração,
Mas tu feriste a minh'alma
Co'a mais negra ingratidão!

E continuava a apanhar o café ás mancheias, arremessando-o á cuia que o menino segurava nos bracinhos tenros.

II

A Clarinda vivia só com o filho havia dez annos porque os paes a tinham escorraçado cruelmente do lar, apenas viera ao mundo esse fructo dos seus amores. Era pae do menino um rapaz roceiro, noivo d'ella, o qual pela grande intimidade na casa chegára áquella falta que pensava poder reparar antes de qualquer desfecho deshonroso, quando rebentou a guerra com o Paraguay. Veiu então o recrutamento, espalhando-se pelos sitios num alarma geral e levando toda a mocidade matuta que não queria pegar em armas para a defeza da Patria, a homisiar-se pelo interior ou a emigrar furtivamente para o estrangeiro em navios do commercio. As freguezias e arraiaes eram percorridos inesperadamente por pelotões de permanentes a cavallo, que arrebanhavam, a torto e a direito, os rapazes. Talando os campos e culturas, guiados por delatores de toda a ordem, enxameando ali como em toda a parte em taes occasiões, os capitães recrutadores e seus soldados faziam uma limpa na juventude dourada do Inferninho e localidades proximas. Uma noite em que esse péga-péga selvagem attingira o extremo, o Luiz Gandra — tal era o nome do noivo da Clarinda — que ainda não pudera casar-se, fôra apanhado com um bando de camaradas no sertão das Tijuquinhas.

Transportado com os outros para o litoral e embarcado n'uma lancha para o Desterro onde devia jurar bandeira, elle, um nadador de força, planeára desde

logo escapar-se a nado para qualquer ponto livre da costa, ou para bordo de um dos navios estrangeiros ancorados no porto. Effectivamente, pela madrugada, quando a embarcação largou n'aquelle rumo com todos os recrutados sob a guarda de uma escolta, elle, illudindo a vigilancia das praças, jogou-se de repente ao mar, na altura dos Ratones. A lancha, muito velejada, não poude voltar promptamente atraz, e quando o conseguiu já não o encontrou, porque a densa escuridão da noite de inverno desde logo o sumiu sobre as aguas...

No outro dia o rapaz era acolhido a bordo de um navio baleeiro que sahia por aquella semana para as Terras Antarcticas. Na vespera da partida escrevera á Clarinda narrando-lhe tudo que se passára. Terminava a carta pedindo-lhe «que tivesse fé em Deus, e rezasse por elle, que em breve voltaria.» A moça, ao lêr a missiva, ficou como louca e desandou a chorar, comprehendendo bem toda a sua desgraça. E no dia seguinte, um domingo, o navio ergueu velas ao vento, e disse adeus á terra fazendo-se em rumo do mar... Tempos depois a creança nascia e a pobre mãe, expulsa do lar paterno, começava com o filho uma vida de amarguras. Conheceu então todos os abandonos do mundo, faltando-lhe até inteiramente a propria compassividade — sempre em geral tão viva, amparadora e solicita na vida campesina — do arraial onde nascera e onde agora todos a condemnavam. Desamparada e perdida, entrou a vagar de lar em lar, com o filhinho quasi a morrer de fome nos braços, a mendigar trabalho e abrigo. Por fim, foi parar ao Alto-Biguassú,

onde encontrou occupação, e a ella se dedicou noite e dia, mantendo-se, com a mais heroica honestidade, sempre na incessante esperança de que o noivo volveria, mais tarde ou mais cedo, para a fazer feliz e ao filho. Em Biguassú, passados oito annos, conseguiu comprar, com escassas mas abençoadas economias, uma casinha e umas terras... Mas o Luiz não voltava e a ausencia a prolongar-se interminavelmente, sem uma só noticia, alegre ou triste, que lhe alentasse a alma afflicta! Ali, como no Inferninho e nas Tijuquinhas, todo o mundo já o fazia morto, sepultado para sempre nas geleiras austraes: e ella, por vezes, nos seus momentos de desanimo, o acreditava egualmente... Mas isso era só por vezes, porque a Esperança, incomparavel consoladora que não abandona o peito dos simples senão á derradeira agonia, afugentava-lhe para logo essa idéa sinistra, segredando-lhe ao espirito com uma voz mysteriosa e divina: «Não, Clarinda, elle ha de voltar! Deus jámais desamparou a virtude que soffre por injustiça dos homens...» Ella então, refeita d'animo novamente, e n'uma vaga alegria, abraçando e beijando o filho com extremos, como se n'elle revisse o noivo adorado, com quem se parecia o menino, esperava, muito crente, confiada no Destino...

III

Só em pleno mar, quando a terra começou a esbater-se á pôpa, n'uma linha longinqua e saudosa, é que o Luiz Gandra entrou a experimentar as primeiras

puadas da nostalgia. N'um recanto de prôa, sob as velas claras de lona oscilando n'uma cantilena rangida, os braços apoiados á borda, olhos banhados de pranto, não cessava de fitar um instante a nevoa azul do horisonte. onde se occultava pouco e pouco a sua ilha querida. Quedou se ahi longas horas, revendo pela imaginação, em largos e abstractos quadros evocativos, toda a sua vida passada, desde as descuidosas correrias da infancia até ás aventurosas andadas de amoroso noctivago, através os caminhos e campos do seu arraial, atraz de um par de olhos amados, encantadores, bemditos. E eram esses olhos, magia de um rosto ineffavel de moça, com uma luz que até os astros invejariam, o que mais o flagellava, torturava e pungia na precipitação d'aquelle triste apartamento e na ancia esmagadora de uma saudade infinita. Mas a noite cahira, negra e desolada. cortada de um vento frio. Recolheu-se então ao rancho, onde por fim adormeceu, em sonhos em que só via a Clarinda.

Uma semana volvida, na aérea alacridade de uma bonançosa alvorada maritima, sorria já resignado, meditando no futuro e na volta ao sitio natal, a cumprir a sua promessa á Amada e construir o seu ninho. E, afazendo-se ás manobras, começou a distinguir-se entre toda a companha. O capitão do baleeiro, um velho marinheiro *yankee*, percebendo n'elle uma decidida vocação para o mar, chamou-o em breve para a ré, iniciando-o na arte nautica e promovendo-o a praticante-de-piloto. Esta sympathia do *master* subiu á verdadeira dedicação e estima quando, já nos mares antarcticos, o rapaz revelou extraordinarias qualidades de intrepi-

dez, sangue-frio e pericia na perseguição e arpoagem dos grandes cetaceos e nas difficeis e trabalhosas manobras para evitar as banquises.

Onze annos rolou n'esses mares na veleira *White Wings,* onde occupava desde muito o posto de segundo official, quando a barca teve de recolher aos Estados-Unidos. Durante esse tempo, porém, nem um só dia esquecera a Clarinda e, muitas vezes, nos longos invernos austraes quando o navio se fazia para o norte e vinha invernar junto ás Shetlands ou nas costas das Malvinas, escrevia-lhe extensas cartas saudosas, em que lhe narrava a sua vida e as economias que fazia para vir gozar com ella no seu arraial querido. Mas essas cartas, que eram entregues aos capitães ou pilotos dos palhabotes que iam áquellas paragens tomar o carregamento da barca para o conduzir a Nova York, nunca as recebera a Clarinda — ou porque desapparecessem na faina d'essas longas viagens ou porque se extraviassem pelos correios, na obscuridade inintelligivel de sobrescriptos traçados por inhabeis e toscas mãos de marujo, productoras sempre, na escripta de uma garranchosa calligraphia impossivel. De sorte que, em todos esses largos annos de pesca á balêa, o Luiz, embora não recebesse noticias da noiva, andara tranquillo e feliz, na supposição consoladora e ingenua de que a ella houvessem chegado, uma a uma, todas as suas amorosas missivas.

Ao chegar aos Estados-Unidos com uma economia de mais de tres mil libras, apenas a barca ancorou, passou-se para um *steamer* que partia, ao outro dia, para terras do Brasil. Tres semanas depois saltava no

Rio de Janeiro, de onde logo seguiu, n'um hiate, para o Inferninho. Ahi, mal pozera pé em terra, entrou a indagar da Clarinda. Os conhecidos, amigos e parentes narraram-lhe então tudo que succedera á pobre rapariga durante a ausencia d'elle, fallaram lhe do filho e informaram-lhe, por ultimo, que a Clarinda estava vivendo agora mais folgadamente lá para o Alto-Biguassú, onde comprára uma casinha e um sitio. Elle, n'um profundo alvoroço de a vêr, comprou immediatamente um bom cavallo de sella, e jogou se a galope para o local indicado, que conhecia de menino como o proprio arraial onde nascera. E assim, á mesma hora em que a noiva e o filho se dirigiam tristemente para o cafeeiral, a fazer a sua pequena colheita, o Luiz Gandra corria, como um louco, por estradas e atalhos, em demanda da casinha querida onde ambos moravam.

IV

A Clarinda, muito longe de pensar na grande felicidade que ia em pouco experimentar, apressava agora a tarefa, cantando ainda as suas maguas :

> Tão longe de ti distante
> Minh'alma vive a chorar,
> Quanta dôr, quanta tristeza
> Eu sinto, só por te amar !

N'esse instante, justamente, um cavalleiro que vinha dos lados do Inferninho, a galope, estacou subita-

mente em frente ao barranco. Ella callou-se de repente e, curiosa, pôz-se a espreitar por entre as ramagens. Mas estava um pouco afastada e o rendado espesso das folhas não lhe deixava vêr bem o recemvindo. Abeirou-se então alguns passos, parando em frente a uma aberta da extrema, e deparou com um rijo moço aloirado e de barba inteira, trazendo botas e chapéo de abas largas, e que, esticado nos arreios, á outra margem da Estrada, a fixava vivamente. Desconhecendo aquelle homem, ia já retirar-se, quando elle acercou-se em dois galões do animal e, de rosto erguido e radiante, gritou debaixo, n'uma alegria em que lhe arremessava a alma:

— O' Clarinda, ó querida, já me não conheces?... Não te lembras mais do Luiz Gandra?... Pois cá estou felizmente, graças a Deus!... Saltei hoje no Inferninho, e mal soube que aqui estavas com o pequeno, toquei-me por ahi acima...

Reconheceu-o então, apezar da barba toda e da pelle côr de papoula que lhe déra o sol do mar. E fundamente emocionada, quasi a suffocar de alegria, murmurou a tremer, os olhos rasos de lagrimas:

— Então, és tu mesmo, ó Luiz?!... Quem diria! Assim de repente! Isto até parece um sonho!... Mas sobe depressa, querido... Olha, lá mais adeante, pela porteira do terreiro...

Elle picou o cavallo, o rosto illuminado de indizivel prazer, emquanto ella, nervosamente arrebatada, o coração quasi a saltar-lhe do peito, corria ao seu encontro, com o rapazinho pela mão, dizendo-lhe enternecida e tumultuosamente:

— Anda, meu filho! Vamos vêr teu pae! Nossa Senhora afinal nos ouviu, e foi ella quem fez este milagre...

O Luiz transpôz a porteira como um pensamento, vindo encontrar a Clarinda junto ao jardim, á sombra olorosa de uma immensa roseira da India que se desfazia em florescencia, n'uma profusão infinita de corollas d'ouro, estrellando deliciosamente no alto, contra o céo azul, a umbrella verde-escura de um velho tamarindeiro.

E por momentos estreitaram-se os dois, n'um largo amplexo emovente: e, os rostos unidos com doçura, como os seus corações, choravam de enternecimento e prazer... Depois, o Luiz tomou ao collo o pequeno, que o fitava com um limpido sorriso ingenuo, e poz-se a beijal-o nos cabellos e na testa, dizendo-lhe festivamente:

— Oh, meu querido filhinho! Agora é que vamos viver para sempre unidos, para sempre felizes!...

E todos tres, grazinando alegremente, encaminharam-se para a casa pelos fundos do terreiro, onde, em meio á creação jubilosa, o orgulhoso sultão do gallinheiro, um grande gallo escarlate, trepado no cercado da horta, batendo as azas ao sol e erguendo o pescoço recurvo, soltava triumphantemente, como n'uma saudação de boa-acolhida, o seu vivo canto guerreiro.

Rio, janeiro de 98.

I

Em Busca de Ouro

Episodio dos tempos coloniaes

(A Guerra Junqueiro, o immortal poeta dos «Simples».)

Desde 1525, quando Christovão Jacques fundou Itamaracá, que um alvoroço de curiosidade e cubiça agitava o espirito das populações do velho Reino com as noticias da existencia de minas de ouro e pedras preciosas que de Santa Cruz lhes chegavam, de vez em quando, pelas frotas exploradoras que estabeleciam um immenso rosario fluctuante de velas brancas, aligeras, cortando em vôo o Atlantico, entre o breve littoral portuguez e as praias virgens, sem fim, da nova terra descoberta. Essas noticias, porém, eram vagas e incertas, porque nenhuma expedição se organizara ainda para explorar o interior da opulenta região com

que Cabral enriquecera a corôa lusitana, na sua memoravel viagem á India.

Mas, sete annos depois, em 1532, quando Pero Lopes de Souza chegou ao Algarve, enviado por seu irmão Martim Affonso de Souza, a communicar a El-Rey a fundação da capitania de S. Vicente e do primeiro povoado, as riquezas naturaes que n'esse territorio existiam, assim littoraes como pelos sertões, conforme as informações de João Ramalho — um portuguez que desde muito ali vivia na maior confraternidade com os indigenas — novas noticias da descoberta de ouro, diamantes e mais pedraria se espalharam electricamente por todos os recantos do Reino.

Immediatamente ambições, ainda as mais obscuras, se desencadearam e um certo movimento de colonos espontaneamente se estabeleceu, nas embarcações da carreira, para a tentadora terra de Santa Cruz, que apparecia á imaginação de cada qual como um excepcional e phantastico paiz, onde o solo era de ouro, bem como o céo que o flammejante sol tropical cobria de um ardente e faustoso velario d'ouro.

Então alguns humildes mas aventurosos aldeãos, com o espirito já longamente saturado pelo refulgir prestigioso das lendas das riquezas da India, abandonavam os seus estreitos logares, as suas veigas e rebanhos e, moços e velhos, despedindo-se das esposas e mães, com o coração vivamente a palpitar de esperanças e sonhos, lançavam-se pelos agrestes caminhos das serras ou pelas amplas estradas das chãs, em demanda de Lisboa. E ahi embarcavam nas primeiras caravellas ou galeões que partiam.

Durante a longa e embaladora travessia atlantica, passados os primeiros enjôos, o cerebro superexcitado pela ambição, dia e noite velavam esses homens, sob os retesos estáis e as brancas velas em bôjo, com os olhos fixos no horizonte ao longo, na ancia ascendente e nervosa de vêrem surgir de repente, á prôa, o almejado littoral do Brasil que se lhes afigurava, elle mesmo, uma immensa barra de ouro...

II

Os marinheiros de cabotagem, como os de longo-curso, e os pescadores — almas erradias e inquietas, adoradoras dos tumultuosos, espumantes escarcéos da Borrasca e das marulhosas ondas azues da Bonança — ao ouvirem zumbir de boca em boca, pelos ranchos, a narração sensacional das riquezas d'essa terra maravilhosa, que pertencia a El-Rey e que o Atlantico tão vastamente separava da «occidental praia lusitana», ainda mais que os aldeãos do interior, sentiam morder-lhes fundo no peito a tarantula da aventura e, arrebatada e enthusiasticamente, deixavam as praias nataes em busca dos grandes portos de embarque, a tomar logar na bohemia das companhas, á prôa dos vasos das frotas que, prestes a singrar ao mar alto, envergavam as velas brancas. E todos os postos-de-pesca da costa, desde Caminha a Olhão — já tão despovoados pelas viagens da India — foram cahindo em abandono. Seguindo os exemplos dos outros, os pes-

cadores isolados das pequenas praias partiam tambem, fascinados pela tentação irresistivel d'esse prodigioso Novo Mundo, que ficava além-Atlantico, para as bandas do occidente feliz, que fizera a desgraça e a gloria suprema de Colombo.

Assim foi que dois pescadores da Ericeira, largando o seu velho cahique, arranjado á pressa o sacco-de-viagem, n'uma madrugada de agosto de 1532, se metteram caminho de Lisboa, onde uma armada de duas caravellas, ao mando de João de Souza, aguardava a monção de outubro para se fazer ao largo, em rumo da Capitania de S. Vicente, a entregar a Martim Affonso a carta que lhe enviava El-Rey em resposta a d'esse almirante, sobre a fundação d'aquella grande colonia e povoado brasileiro. D'esses dois pescadores o mais moço, um rapaz solteiro, João de Vilhena, tinha apenas vinte annos; o outro, que era seu tio e viuvo, Luiz de Vilhena, quinquagenario já. Mas este, apezar d'essa edade e na sua admiravel saude de maritimo, mantinha ainda a antiga robustez da mocidade, passada, dia a dia, no trato rude das ondas. Chegados a Lisboa, os dois homens cuidaram immediatamente de arranjar-se e obter logar a bordo da armada e partir: embarcaram n'uma das caravellas, sob a condição de ajudarem as manobras durante a travessia, mas apenas chegassem a S. Vicente desembarcarem livres de outras quaesquer obrigações.

Effectivamente, nos primeiros dias de outubro, logo que o vento se mostrou de feição, a pequena frota abriu velas entrando a singrar Tejo abaixo, em direcção á barra. Levara-se ancora ainda escuro, á cara-

cteristica e saudosa lupa ou melopéa que canta sempre a maruja em faina: *oaiô-oaiô, leva á riba!* Vinha raiando a madrugada: as primeiras claridades do sol, galgando os recortes graniticos de Cintra, envolviam n'um immenso sendal d'ouro transparente as vagas espumosas do Atlantico, o Mar Tenebroso da Edade-média cujos encantos, terrificos e sinistros, tinham sido ha muito destruidos heroicamente pelos invenciveis quilhas lusitanas e os seus primeiros ousados e inexcediveis Pilotos, que não conheciam trabalhos e perigos, ao acêno imperioso e ineluctavel de um Infante D. Henrique ou de um D. João II, quando se tratava de explorar e dominar «os mares nunca d'antes navegados»...

Aos montanhosos vagalhões do mar alto as caravellas entraram então a oscillar e ranger nos seus altos cascos bojudos e na sua cordualha. Novêllos de espumas albentes rebentavam á prôa, em caturradas continuas, emquanto á ré deslizava e fugia, em direcção á terra, uma larga esteira de aljôfares que colleava sobre as aguas, nostalgicamente. Em pouco a barra se fechou pela pôpa e as montanhas da costa se uniram, esbatidos os relêvos e socalcos n'uma inteiriça muralha cuneiforme, de um azulamento idéal de turqueza, recortando-se gigantescamente a léste, para o norte e para o sul, sobre o fundo magestoso do céo, onde o sol, louro beduino irradiante do Azul, na galopada dos seus corseis triumphantes abria agora amplamente o seu immenso albornoz de luz...

Na caravella *Senhora da Bonança*, já no relativo descanço que succede ás primeiras manobras em dias

de bom-tempo, João de Vilhena e o tio, de pé, a uma das amuradas, junto ao castello de prôa, varados da nostalgia dos que deixam o ninho pela primeira vez, os olhos rasos d'agua, fixavam o ponto recuado da costa por onde se sumira a Ericeira, sua aldêa natal. Em torno d'elles, por todo o vasto convés, do mastro-grande para vante, marinheiros em grupos, n'uma grossa algazarra, discutiam interessadamente sobre coisas do mar. A ré, no alto chaptiés balaustrado, cercado dos officiaes, o commandante, ora apontava a navegação da outra caravella, a *Escola de Sagres* — singrando pela pôpa a dez amarras de distancia — ora o esbatido esfuminhado das serranias da costa, baixando e recuando lentamente, para traz, para traz, n'uma saudosa névoa azulada...

III

Quarenta e tres dias durou a travessia atlantica, até que uma manhã, sob o pallio rosa e ouro da auro rora, se mostraram á prôa os morros de S. Vicente. As caravelas corriam a um largo, com os latinos em bojo, semelhando dois estranhos e gigantescos albatrozes, que viessem, azas abertas ao vento, bicando a crista das vagas. Então as primeiras casas do povoado começaram a destacar nitidamente, manchando de quadrados de alvura a linha rasa dos planos e o massiço arredondado dos outeiros verdejantes.

Pela tarde os dois navios aferravam, na pequena

enseada em calma, em meio á frota de Martim Affonso, que ali se achava ancorada, menos a caravela de Pero Lopes de Sousa, de novo em viagem para Portugal, levando communicações a El Rei. Empavezada em arco, a caravela, capitania de João de Sousa, salvou ao Capitão-mór e á terra, ao reboar das colubrinas e falcões.

IV

No outro dia, ao clangor alacre das buzinas de bordo tocando alvorada, teve logar o desembarque de um pequeno reforço de tropas e de alguns colonos que para ali se destinavam. João de Vilhena e o tio, que toda a noite anterior, sob o velario prateado de um plenilunio saudoso, levaram a velar na amurada, olhando embevecidos, como através de um doce sonho, a terra encantada do Brasil, saltaram na ultima barcada. Já o dia ia alto, sob a calidez do sol alagando tudo e dando ás areias das praias um fulgor diamantino e d'ouro, que mais acendia na imaginação dos dois homens a cobiça pelos estranhos thesouros que jaziam, inexplorados e ineditos, pelas brenhas e sertões. E entraram ambos a subir a encosta do outeiro que levava ao povoado. Admirados e como tontos ante a magestade da natureza tropical, até então inteiramente desconhecida para elles, não sabiam verdadeiramente a que mais attender, se aos esplendores do mar azul onde a frota balouçava, se ás maravilhas

da paizagem que, á proporção que ascendiam a collina, se desenrolava magnificamente a seus pés.

Subiam, assim enlevados e satisfeitos, quando esbarraram de repente com uma vasta tranqueira que cintava o arraial. Transpondo o portão ahi existente, cahiram n'uma especie de praça agreste, ao fundo da qual se erguia uma ermida, de cuja entrada transbordava para fóra, para a rua, uma multidão de gente ajoelhada — paizanos e tropas — alastrando até aos massiços de arbustos e arvores que se alinhavam em torno. Era o santo officio da missa, que ha pouco começára. Os dois ajoelharam então, olhando a pequenina e baixa nave da ermida, onde o sol lançava d'alto, pela porta escancarada, uma larga nesga d'ouro que fazia esmaiar tristemente as chammas vermelhas das velas ardendo no altar-mór...

Terminado o acto sagrado, foram levados entre os demais colonos recem-vindos até uma grande casa de madeira, em cuja cimalha caiada brilhavam as armas reaes, coroadas por uma haste esguia desfraldando triumphantemente no espaço a gloriosa bandeira das quinas, então soberana dos mares. Ahi cada um deu o seu nome, e logo após, escoltados por soldados, seguiram todos para os grandes ranchos erguidos junto á tranqueira e chamados *tapujares*, onde ficaram alojados.

Assim installados, os dois pescadores, quando não se achavam occupados no serviço de derrubada de mattas ou na abertura de estradas, levavam a falar de seus planos, remexendo horas e horas os saccos de lona onde traziam, com a roupa, a ferramenta para as

explorações desejadas. E ouvindo dos indios mansos que com elles trabalhavam a narração maravilhosa das riquezas do sertão, sentiam morder-lhes mais forte e mais fundo no peito a inquieta anciedade de devassar e pisar quanto antes essas regiões encantadas.

Por felicidade, ao chegarem, já se achava em aprestos uma nova expedição exploradora, de 80 homens, ao mando de Pero Lobo, que, dentro de um mez mais ou menos deveria partir, pela serra do Cubatão, para os campos de Piratininga e paragens de Serro Frio, onde esse intrepido bandeirante não pudera chegar da primeira vez (1531), mas de onde havia noticias veridicas da existencia de diamantes e de grandes jazidas d'ouro. Mal souberam da expedição, os Vilhenas, correram a alistar-se n'ella; porém emquanto se não mettiam em marcha, a delonga da partida, que parecia não findar jámais, torturava-lhes a alma. Tal delonga, entretanto, não fôra além de seis semanas, e, n'uma radiante manhã de fevereiro do anno de 1533, a *bandeira* partiu, aos hymnos festivos dos passaros felizes cantando nas ramagens das florestas seculares das serras e sobre os capinzaes rem fim das planicies.

E os dois pescadores lá se foram com a arrojada expedição, o espirito a fervilhar de ambições, o coração a palpitar de alegria, na consoladora esperança de uma grande felicidade futura.

V

Atravessando planaltos e montes, margeando e cortando rios, ora sob vastos e densos bosques coalhando os altos de frondes, por atalhos abertos a foice, a machado e a montante, ora por extensas campinas viçosas, veiadas de rios de prata, os exploradores foram pouco e pouco internando-se. Pousando á beira de cada nascente d'agua, de noite as tendas se armavam, em grupos, como um antigo acampamento romano, branqueando com a sua pyramide oscillante de lona a ennoitada verdura circumjacente, á maneira de uma estranha frota perdida no oceano dos campos desertos e virgens, em que as vagas eram massiços de arbustos e arvores, onde chilravam passaros, ou urravam animaes bravios, ou andavam em furia os selvagens que viam invadidos os seus dominios, e onde os ventos passavam agitando as ramarias em murmurios de musica embalante, pelos dias alegres e limpidos, emquanto, pelas noites enluaradas ou lobregas, as povoava sempre de turbilhões de rumores apavorantes, sinistros. Ao despontar dos dias, envoltos em inebriantes aromas e no choral de gorgeios sublimes com que a passarada desperta hilarisava ás manhãs, os bandeirantes se erguiam e, de almocafres e alavancas em punho, iam revolver herculeamente o cascalho das vertentes, atrás dos tentadores e inestimaveis diamantes. Os braços agitavam se então incessantemente até ao declinar dos crepusculos de lacre barrando os longes de san-

gue: e o desespero doloroso de mais um dia de rude labuta em vão, casando-se á nostalgia desoladora da hora, fazia abater a fronte d'esses homens heroicos, desvairados por uma innominada ambição!

No outro dia, porém, refeitos pelo repouso do somno e pela magia extraordinaria da paizagem que os cercava, volviam outra vez ao trabalho, afervorados de novo por uma grande esperança. Longas semanas e mezes retinha-os alli a ancia da cobiçada riqueza que lhes fugia entretanto; e, explorada completamente esta nascente, que só lhes déra fadiga e desanimo, levantavam as suas tendas e punham-se logo a caminho de outra, onde encontravam, ao fim de tudo, novas e crueis desillusões. Os diamantes, como as outras pedras preciosas, e o ouro, occultavam-se, occultavam-se sem que jámais os exploradores os pudessem vêr refulgir, entre os dedos, na sua profunda fascinação. Já as paragens mais assignaladas até então haviam sido percorridas em balde. Mas lá estavam ainda além, as terras do Serro Frio, e talvez Deus permittisse fossem ahi mais venturosos. Alentados por uma nova esperança, jogavam-se ainda para avante, para avante...

A's vezes, algumas hordas tupys sahindo-lhes bravіamente ao encontro, procuravam embaraçar-lhes a marcha. Mas eram para logo batidas. No emtanto isso custava, não raro, a perda de uma ou outra vida á corajosa expedição. Quando não era o selvagem, eram as feras indomitas — fóra as dilacerações e mortes que lhe causavam as intempéries, as privações, as doenças e os emmaranhamentos quasi inextricaveis, invenciveis, das grandes florestas virgens.

Assim os valorosos bandeirantes erraram pelos sertões durante dois longos annos, findos os quaes voltaram ao logar de onde tinham partido, com as mãos vasias e n'uma inenarravel desolação.

Entretanto, João de Vilhena e o tio, tenazes no seu louco designio, lá ficaram ainda internados, na avidez intranstornavel d'aquellas riquezas fantasticas que os haviam arrastado até alli e com uma parte das quaes, pelo menos, sonhavam voltar um dia, felizes, á sua aldeia natal, ao seu Portugal querido. E sós, affrontando o indigena e as féras, proseguiram resolutos na exploração encetada. Embalde, porém, o fizeram, por que a fortuna sonhada — oh! Destino! — não passava nunca, para elles, de uma enganosa illusão. Mais oito annos ainda os dois homens invenciveis, animados por aquella idéa fixa, que dentro d'elles vivia como uma chamma sagrada, atravessaram montanhas, passaram valles e planicies, alimentando-se unicamente de caça e do producto das arvores fructiferas. Mas a desesperança final chegou um dia, e elles, esmagados pelas fadigas, as molestias, as asperezas dos caminhos, entraram a dirigir-se para léste, em demanda do littoral salvador, guiados, n'esta retirada de derrota, pelo alvorar de cada dia.

O largo e livre oceano tornou-se então, para ambos, a esperança querida. Quando alcançavam a cumiada de uma collina ou serrania, pelas sanguineas manhãs ou pelos dourados occasos, os seus olhos anciosos corriam todo o horisonte, em busca da salvação, em busta do Mar amigo. E só seis mezes depois de deixarem Serro Frio caminhando, n'uma jornada incessante, ora sob

chuvas torrenciaes, ora sob o sol ardentissimo, puderam avistar novamente o oceano infinito. Mas, para chegarem ás recurvas praias alvas, havia ainda a transpor muitas planicies extensas e muitas collinas ingremes. Redobraram então de esforços, e caminharam, e seguiram...

VI

Um mez após, entretanto, ao fim de uma larga planura, os outeiros verdes da costa desenhavam se lhes á vista. Não obstante o longo e profundo cansaço que quasi os vencia de todo, invadidos agora de uma extraordinaria alegria, resolveram subir a um d'esses pequenos montes, a ver se descortinavam acaso o povoado maritimo de onde tinham partido. E lá foram encosta acima até ao pequeno viso escalvado, onde uma grande arvore secular, com a sua densa fronte triumphal, erguia o seu grosso tronco aprumado ao sol d'ouro radiante de um bello dia d'estio. Não era o arraial almejado, mas uma pittoresca enseada que jámais haviam visto.

Em baixo uma vasta planicie se abria, toda coberta de vassoraes e catingas, estendendo-se para o interior, dominada aqui e alli por um ou outro massiço elevado de guapurubús altivos. Uma longa faixa de praia alvejante, que diamantinamente faiscava á luz viva do meio-dia, avançava para além até uma ponta em cabeço, tendo o sopé debruado por um sendal de escumilha. Mais longe, um promontorio se erguia, pene-

trando as aguas mansas n'um esfumado azulino. E, cercando a praia e os cabos, a liquida turqueza ondulante do immenso mar cheio de sol, deserto e sem uma vela, na solidão infinita.

Após contemplar algum tempo a magnifica enseada, o velho, cedendo á incomparavel fadiga que o prostrava, deixou-se alluir sobre o chão, a veneranda physionomia abatida, o grosso thórax musculoso apoiado ao tronco erecto e soberbo da velha arvore amiga. No emtanto, de pé, junto d'ellle, João de Vilhena, seu sobrinho e fiel camarada de ambições e desenganos, com as vestes já reduzidas a uma simples tanga á cintura, alto e de athletica estructura, o rosto ainda illuminado de mocidade e saude, olhava nostalgicamente o horisonte longinquo, a ver se descobria por acaso os pannos brancos de alguma caravella, em que pudessem — elle e o tio — regressar em breve á Patria, perdida agora muito longe, além, Atlantico em fóra mais de milhares de milhas...

Rio, abril de 98.

O Chimpanzé Marinheiro

(Ao dr. Mau Nordau, eminente pensador allemão.)

Na manhã hilariante de sol de um remoto domingo do anno de 1880, o Victor Vasques tomava o bond da Saude para ir á Gambôa, ao modesto mas carinhoso lar de uma familia amiga cujo chefe, velho marujo aposentado, havia sido um dos melhores camaradas de seu pae nas trabalhosas viagens da India, quando, mal o vehiculo recomeçara a marcha, dois rapazes inglezes, robustos e de rosto escarlate, vestidos de branco e com altos capacetes de cortiça, assaltaram os balaustres sentando-se no banco em que ia. Reconheceu-os logo. Eram os filhos do *ship-chandler* Wilson que elle frequentara tantas vezes, aos domingos, no tempo do Collegio Naval, para, na sua grande paixão pelo mar, então em plena effervescencia, fazer o conhecimento dos capitães britannicos e visitar os seus navios. Mas

os rapazes, a principio, nem repararam n'elle, absorvidos na sua alacre conversação em inglez que o Victor comprehendia, entretanto, por uma ou outra phrase conhecida.

Iam a uma excursão maritima. Isto e o desejo intenso que o agitava de lhes fallar, recordando os dias passados em que, uma vez por semana, partiam juntos, em companhia do velho Wilson, para identicos passeios ou pequenos bordejos pela bahia no seu veleiro cutter, o *Mull*, cuja alegre denominação lembrava ao antigo marinheiro a ilha querida onde nascera, na Escocia — levaram-no a não lhes tirar mais os olhos de cima, para que o vissem. Com effeito, instantes após, ao entrar o bond a Prainha, os dous rapazes, voltando-se de repente no banco e vendo-o alli, romperam em exclamações de alegria, sacudindo-lhe as mãos fortemente, n'uma saudação affectiva. E depois de lhe perguntarem com carinho por onde andara que havia quasi um anno não lhes apparecia, convidaram-no a acompanhal-os na excursão que iam fazer a bordo de uma galera ingleza, a *Spring*, que se achava ancorada em frente á praça da Harmonia e que, já de panno envergado, devia partir, dentro em breve, para Dublin.

O Victor, a principio, hesitou, entre as alegrias do lar que o esperava á Gambôa e o convite tentador que lhe faziam os rapazes. Venceu, por fim, o ultimo. E os tres entraram então a confabular alegremente sobre cousas da sua vida passada, emquanto o bond rolava ao trotar dos animaes tilintando as campainhas. A' esquina da rua do Livramento saltaram, dirigindo-

se para a praça da Harmonia. N'um marche-marche vigoroso, em pouco chegaram ao cáes.

A immensa bahia de Guanabara faiscava ao sol, por um retalho grandioso das suas aguas, estreitadas ahi n'uma curva de enseada, tendo á esquerda o cabeço alto da Mortona, á direita a vasta molle dos armazens de madeira, com as suas pontes fluctuantes coalhadas de velhas barcaças. Em torno ao pequeno trapiche gradeado, alguns botes do trafego palpitavam na mareta amarrados ás estacas, emquanto outros cruzavam fóra, de terra para o mar, e vice-versa, por entre um cantar de remadas. A poucas braças de distancia, sobre um pontão cheio de guinchos, uma barca querenava, deitada de banda, as vergas em verticaes, mostrando o fundo de ferro todo em chapas escarlates. E para o largo, no ondular calmo das vagas que o nordéste arrepiava, uma infinita multidão de cascos, coroados pelo pinheiral dos mastros, nús das brancas velas saudosas, com os tópes finos dos mastaréos suspensos, como entre lianas, na trama negre dos cabos...

Apressados e ruidosos, n'um alvoroço de jovens matelotes de outras idades partindo pela primeira vez para aventurosas viagens, a mente sonhadora cheia das lendas ineffaveis das Sereias mysteriosas enchendo de encantos e amores as solidões do alto mar — esquadrinhavam os tres as aguas em volta, em busca do escaler da *Spring*, quando um grumete de bordo, muito louro e de grandes olhos garços, surdiu de repente ao pé d'elles, dizendo a um dos Wilsons que o bote estava já atracado. Desceram então a correr a pequena escada da ponte, que as ondinas babujavam lá em

baixo, em caricias espumosas, cobrindo-as de rendas de prata.

Prestamente, n'um tinir vivo de cróques chocando-se ao longo das vigas pelo alto das estacas, o escaler vogador abriu rumo para o largo. E logo a singradura entrou a desenrolar-se, n'uma velocidade embalante, entre hiates, patachos lúgares e barcas pertencentes a todas as Nações do mundo que alli mosqueavam as aguas. Em pouco, na linha exterior de franquia, onde carregavam e descarregavam *steamers*, a *Spring* se desenhou, no seu alto casco verde-escuro, proada ás grossas amarras. Levando remos á distancia o bote atracou ao costado. Immediatamente, lá acima, ao portaló da galera, uma figura athletica de maritimo assomou, com um riso de bonhomia na larga face escarlate, ornada de curtas suissas.

Os Wilsons, já de pé no panneiro, tirando os seus capacetes de linho, gritaram lhe n'um alvoroço:

— Good morning, capitan Evan! Good morning!

E tomando o Victor pela mão levaram-no escada acima.

Feita a apresentação do amigo, que foi acolhido affectuosamente como os dois jovens inglezes, o capitão conduziu-os a todos para o amplo tombadilho do navio, onde se elevava a gaiúta envidraçada, a roda do leme e a bussola, faiscando como se fossem de ouro, sob o grande tôldo de lona. E, emquanto o Evans falava aos dois irmãos sobre os ultimos preparativos da viagem, o Victor, na sua insaciavel curiosidade pelas cousas de bordo, ia observando já, de relance, o vasto convés da *Spring*. Ao subir a escada de salto, ao lado

dos companheiros, uma surpresa deliciosa tomou-o, arrebatou-o de repente.

Uma rapariga alta e rosada, de fórmas ainda infantis mas exuberantes, toda atacada n'um fresco vestido de musselina branca, vinha caminhando para elles, com um andar balançado d'ave marinha, um sorriso encantador na pequenina bocca carminada e os cabellos soltos, esparsos densamente pelos hombros como um estranho manto d'ouro. Era miss Clara, a filha do capitão Evans, que, desde o fallecimento da mãe, havia tres annos, em Dublin, acompanhava o pae nas viagens de longo-curso pela America.

Apenas o Victor fôra apresentado á loura e celestial creatura, em cujos olhos transparentes de sable elle lia ainda a vaga amargura d'aquelle longo triennio de orphandade materna, sentaram-se todos n'um dos bancos da gaiúta: e ahi ficaram muito tempo a admirar o panorama arrebatador da bahia, que miss Clara affirmava, n'uma voz ideal, de um timbre doce e melancolico, «era dos mais bellos do Globo».

Mas o joven brazileiro, na sua preoccupação de conhecer o navio, não obstante a attracção irresistivel da formosa rapariga, apenas esvasiara o calice de cognac que o Evans mandara servir, pediu-lhe para percorrer a galera, que lhe parecia um dos mais lindos vasos da marinha mercante inglеza, pelo menos dos que elle tinha conhecido até alli. Risonho e solicito, o o velho marujo ergueu se logo, encaminhando-se para a prôa. O Victor seguiu-o, acompanhado do Charles Wilson, que lhe servia de interprete, emquanto o irmão, o Paulo, de certo fascinado pela peregrina bel-

leza de miss Clara, ficava sentado ao seu lado, á sombra do toldo de lona, n'uma palestra affectiva. Depois de visitados minuciosamente todos os compartimentos do convés e da tólda, passaram ao salão da camara, para onde desciam tambem, n'esse instante, miss Clara e Paulo, ambos tão unidos e enlevados na conversação em que vinham que bem pareciam namorados.

Era á hora do jantar a bordo. A larga mesa rectangular já se achava atoalhada, tendo ao centro um alto vaso cheio de flôres, de onde se destacavam vivamente palmas de Santa Rita, cujas flôres amarellas e vermelhas roçavam de leve os *glass rak's* de madeira, onde se alinhavam em profusão calices de crystal colorido, que faiscavam junto ao técto como um engastado gigantesco de topazios, esmeraldas e rubis.

Percorrida toda a camara, que o Evans detalhadamente mostrava ao Victor para bem satisfazer a cuosidade nautica do rapaz, sentaram-se todos á mesa. O despenseiro, um homem plethorico e de cara escanhoada, dando os ultimos tóques aos talheres e pratos, correu então para a tólda. E o capitão, na sua grande jovialidade, emquanto se não servia a sôpa, dizia ao Charles (que logo transmittia as suas palavras ao amigo) que d'ahi a instantes o Victor teria de experimentar uma grande surpreza, que lhe ficaria talvez como a «mais funda impressão» da sua visita ao navio.

Assim prevenido o rapaz entrou logo a pensar em que consistiria a «surpreza» que lhe preparára o *master,* quando o despenseiro entrou, com uma terrina na mão, seguido de um estranho negro, de baixa estatura

mas athletico, horrivelmente pelludo, cujo enorme prognatismo, a bocca rasgada e grossa, onde os caninos se mostravam colossaes e ameaçadores, lhe davam um aspecto feróz. Vestido de zuarte, e com uma faixa escarlate á cintura, o *homem* apoiado a uma vara de pinho segura á mão esquerda e coxeando um pouco nas suas pernas em X, a um signal do despenseiro depôz sobre a mesa um prato travesso que trazia na outra mão, e immediatamente se foi collocar, a certa distancia, por detraz do capitão, que o olhava a sorrir-se, mostrando-o com interesse ao Victor.

Contemplando, assim de perto e pela primeira vez, aquelle esplendido exemplar de anthropoide, o rapaz não se poude conter, e, esquecendo-se de que o Evans não o podia entender, gritou-lhe de repente:

— Oh! capitão! Isto é um dos nossos antepassados! Isto é de certo o chimpanzé ou o gorilla do Gabão!

O *master* explicou então que era com effeito um chimpanzé. Tinha mais ou menos trinta annos. Apanhára-o havia quatorze, n'uma caçada, nas Montanhas Negras, de uma feita em que, desembarcado, fizera parte de uma missão scientifica a estudos n'aquella região. N'essa caçada experimentára uma das maiores emoções de toda a sua vida. A missão era de Edimburgo e compunha-se de uns vinte homens bem armados. N'um dia de descanço tinham resolvido dar uma grande batida aos chimpanzés, que infestavam a floresta proxima e que, ás vezes, á noite, desciam em bandos á planicie onde estavam as tendas. Fôra em plena matta, justamente á hora em que esses animaes se erguem das suas camas de folhas suspensas aos

grandes troncos das arvores. Os caçadores marchavam todos por um atalho que ia dar a uma clareira, quando n'ella repontou de subito um bando de chimpanzés. Recebeu-os logo uma descarga cerrada de carabinas, ante a qual todo o bando dispersou, atroando a floresta com o seu conhecido grito guttural — *rrhô! rrhô! rrhô!* Mas tres ou quatro tinham ficado cahidos e, entre elles, um. mal ferido, que tentava escapar-se aos saltos na espessura das ramagens. Fôra uma luta para o agarrar, o que só conseguiram pela tarde, terminando assim a caçada. E esse era o chimpanzé que alli viam, o Blak, como o denominára por causa da sua côr. Déra-lh'o o chefe da missão, porque julgára que o animal perecesse do ferimento recebido. Elle Evans conseguira, entretanto, cural-o, e desde então alli o tinha a seu lado, como um moço-de-camara trabalhador, alalo e sem pensamento, é verdade, mas já com um sentimento de piedade e ternura só proprio da humanidade...

Ao ouvir, pelo Charles, as ultimas palavras do capitão, o Victor, que começava já o seu preparo scientifico moderno, lembrou-se então das admiraveis descobertas da doutrina evolutiva, que o santo e venerando Darwin firmára, um dia, na biblia da *Origem das Especies*, com o seu poderoso, profundo e genial espirito de investigação e generalisação, porventura o maior de quantos têm existido.

Mas o jantar terminara — e todos subiram para o tombadilho, onde foi servido o café.

A tarde cahia serenamente, para os lados do oeste, em largas barras douradas. E este saudoso amarello

da luz, que já pallidamente illuminava a cidade e o mar, jorrava todo de um denso fóco flammejante e de ouro, que o sol, na linha do horisonte, accendia ainda por traz dos altos pincaros amontoados da Tijuca, do Corcovado e da Gávea.

Então, achegando-se á amurada de terra, o capitão, os rapazes e a moça, n'um alegre grupo palrador, ahi se quedaram algum tempo, a admirar os esplendores do occaso.

Mas, de repente, o Charles Wilson lembrou que eram horas de deixar o navio. E todos tres se despediram de miss Clara que, ao trocar o ultimo *shake-hands*, para os vêr partir, foi collocar-se tristemente aos balaustres de pôpa. O bom Evans, porém, acompanhou os até ao portaló, onde, dado o abraço de despedida, os rapazes desceram para o escaler, que já tremia lá em baixo na vaga, prompto a reconduzil-os ao cáes. E, accommodados ás bancadas, os marinheiros largaram.

O Charles e o Paulo Wilson, então, emquanto se armava remos, tirando os capacetes de cortiça, entraram a abanar para o capitão e a filha, que lhes respondiam vivamente agitando os lenços claros. O Victor Vasques, entretanto, enamorado do bello casco da galera, não cessava de o mirar d'alto a baixo, em todas as suas linhas, quando descobriu de repente, debruçado da borda, junto ás enxarcias de prôa, o vulto do chimpanzé.

O pelludo exilado das Montanhas Negras, n'uma attitude pensativa e nostalgica, alheado de tudo, tinha os olhos pregados á ré, no tombadilho da *Spring*. Como horas antes na camara, o coração torturado,

quem sabe! por uma paixão quasi humana, embevecia-se de certo na contemplação de miss Clara, que, postada ainda aos balaustres, ao lado de Evans, continuava a agitar para os visitantes que partiam o seu lenço de cambraia.

No emtanto, o bote avançava na placidez das aguas, e, em pouco, o grosso casco da galera se sumia no meio dos outros cascos. Mas através da immensa teia de cabos e mastros, sob a cinza do crepusculo, a alta balaustrada da tolda da *Spring* branquejava, e o Victor via ainda vagamente o vulto do chimpanzé, na sua attitude pensativa, voltado para miss Clara, que, debruçada da borda, seguia o bote com o olhar, a cabelleira esparsa ao vento e rutilando como o disco fulvo de um astro.

Rio, dezembro de 1900.

Marujos

A Julio Brandão

O quarto das seis ia começar. Tinha tocado a sineta, e a sonoridade metallica da sua ultima badalada aérea prolongava-se extraordinariamente, ondulando no convés, sob as vélas, e ecoando sobre a infinita amplidão das aguas, com uma vaga e espiritualissima vibração elegiaca, que subtilisava ainda mais os mysteriosos effluvios das ondas e a melancolia etheral das Avé-Marias. Já o sol desfallecera de todo sepultado no occaso, e de seus funeraes incomparaveis e assombrosamente pomposos de rei do Espaço e do Dia, só ficara a manchar ainda luminosamente o céo e o mar escurecidos, no ponto onde ambos se uniam, como uma gigantesca orla sulferina de semi-mortas lavas e brilhos, ou antes, um tragico e immensuravel debrum de sangue flammante no fundo recuado e perdido do horisonte longinquo.

O capitão assomara então á larga porta da camara que abria sobre a vasta tólda, e esta ficou para logo alumiada por uma tenue faixa de luz que jorrava do fundo, do pharolim, já accêso, oscillando nos balanços, pendurado ao tecto branco. Era um forte velho colossal, de uma hombratura de gigante, esse herculeo lobo marinho, cuja alvissima barba em collar e cujos pequenos olhos faiscantes, no rosto largo e leonino, de uma austeridade e energia invenciveis, sob o seu bonet de feltro ou lona, faziam tremer os tripulantes quando o trovão da sua vóz suggestiva e dominante estalava d'alto por todos os recantos do navio, ordenando serenamente as manobras — fosse entre as calmas preciosas da Bonança, fosse entre o tumultuar desolador dos vendavaes ou cyclones. Apenas lançara um geral e rapido olhar para a prôa, tudo photographicamente fixando de relance, na sua admiravel retina inilludivel — subiu a grandes e pesadas passadas o tombadilho e, ouvindo em silencio o piloto que lhe entregava o quarto, foi até á gaiúta e tomando da ardosia encaixilhada encaminhou-se com ella para o pharol de bombordo, a cuja luz escarlate poz-se a lêr o rumo e os occorrencias da ultima singradura andada. O marinheiro do leme olhava-o disfarçada e humildemente, attento agora de corpo e alma até para as nonadas da navegação, porque sabia que com aquelle homem o minimo desvio de guinada poder-lhe-ia valer uma acre ou borrascosa advertencia, senão mosmo um pescoção. O piloto, descendo apressado a breve escada do salto, mergulhou logo no beliche onde, vestido como estava, se estirou de um só movimento e se afundou n'um

somno de ancora em aguas fundas e placidas. Bemdito o repouso d'essa cançada alma de marujo que, apenas o sino voltasse a cantar, á meia-noite, ter-se ia de erguer prestamente para a extremunhada vigilia do quarto d'alva, sempre tão áspera e tão algida, tão custosa de passar!...

Mas a gallera corria serenamente com o vento doce do largo, debaixo d'aqualle céo nocturnal, radiosamente picado do fogo ethereo dos astros como, á noite, pelas grandes festas catholicas, se apresenta, picada do fogo das velas, a nave das cathedraes.

Havia dezesseis dias que a terra se perdera de vista, pôpa fóra, por um crepusculo rosado. D'aquelle ultimo porto de partida na costa da Africa-austral até ao parallelo de 27° sul, onde n'esse instante singravam, a rumo de noroeste — os ventos do quadrante opposto impellira-os felizmente com excellente viagem. Durante esses quasi tres annos de mar, em aventuroso giro occasional de circumnavegação, tocando nos principaes pontos littoraes dos quatro continentes — America, Eurasia, Africa, Australasia — sulcando todos os oceanos, em cruzeiros de commercio, nem um só dos dezoito tripulantes do bravo casco veleiro onde tremulava altivamente o pavilhão auri-verde, tinha tornado a avistar sequer de longe, nas largas travessias atlanticas, os montes e costas das terras visinhas da Patria, quanto mais esta, e os seus arraiaes, freguezias e cidades, quasi sempre pousados dos seios occultos de bahias e golfos, fóra da ampla visão do alto mar. De sorte que a nostalgia e a saudade dos lares, de que essas almas de heroes vinham carregadas e sobre-

carregadas, aguçavam-se agora intensamente, irreprimivelmente, com os esplendores e calmas das duas ultimas semanas andadas e com a proximidade alentadora e alegre das brasileiras plagas, a surgirem, em mais duas ou tres manhãs, ou tres tardes, sob o longo guropés balouçante, á prôa singradora da *Aguia*.

E n'essa deliciosa e feliz espectativa que lhes dera a voz prognosticadora, e raramente fallivel, do capitão, em materia nautica, o qual, ao observar o sol n'essa manhã, trovejara a sorrir: «Camaradas, d'aqui a dois ou tres dias estaremos em casa» — n'essa deliciosa e feliz espectativa, o coração de cada um começava já de se expandir e cantar, á primeira aura da incomparavel ventura almejada, qual é, para o marinheiro, o santo regresso ao lar após longas e trabalhosas viagens. Por isso, todos, n'essa noite em que o bom-tempo timbrava em trazel-os com amor á terra natal, tanto quanto lhes permittia a folga da faina, ora suave, occupavam-se em ir dispondo desde logo as suas coisas para o desejadissimo desembarque, após as ultimas labutas e lupas da amarração e ancoragem.

Assim, á prôa, no interior do vasto rancho talhado em triangulo, cortado a beliches d'alto a baixo contra as amuradas, os velhos marinheiros e moços-de-convez, arrumavam as suas caixas de pinho pintado, á chamma d'ouro de uma lanterna suspensa a um dos pés-de-carneiro da escada. E, no meio de um cheiro de humidade salitrosa, alcatrão, lona e mialhar — cheiro agradavel e hygienico, fundamente peculiar a todos os recantos de bordo dos navios á vela — palrando incessantemente, n'uma voz rude e grossa, enrouque-

cida em geral pelos ventos frios do mar, cada um dobrava a sua roupa, peça a peça, e accommodava com carinho os variados objectos destinados a presentes á familia e comprados aqui e além, na viagem, em os portos onde haviam tocado. Entre fazendas em metros e roupas já feitas para os filhos, as esposas, as irmãs, as mães, os sobrinhos, os afilhados e comadres, avultavam as quinquilherias — sabonetes, espelhos, pentes, caixinhas de segredo, fitas, rendas, lenços, leques, brinquedos, e, sobretudo, os grandes e pequenos registros representando a Senhora dos Navegantes, o Christo, S. Sebastião, Santo Antonio, S. João. E reviam tudo isso miudamente, com enternecimento e affecto, citando o nome dos entes queridos a quem iam ser dados. N'um grupo, aqui, dominava um homem de longas barbas e cabellos annelados já encinzados de neve, que hilarisava os circumstantes fazendo livres ditos marujos a proposito de um polichinelo de molas que se deslocava todo em piruetas macabras sob a guizalhada festiva das suas véstes variegadas de *clown;* n'um outro, ali, um marinheiro, pachorrento e artista, com uma doentia minucia de operario chinez, dava os ultimos toques ao casco e apparelho de um delicado e lindissimo barquinho, que era uma admiravel miniatura da *Aguia* e que destinava ao filhinho mais moço, um que deixara ainda a gatinhar quando sahira para aquella viagem; n'um outro ainda, além, commentavam-se, a altas gargalhadas maliciosas, os berloques e vidrinhos de essencia barata para as namoradas... Um bello rapaz, rosado e louro, ainda inteiramente imberbe, só e acocorado junto ao seu beliche, n'um

recanto isolado, desdobrava e dobrava, lenta e cuidadosamente, com as suas mãos calosas e rijas, um córte de mole-mole: era noivo, e aquelle seria decerto o vestido que a amada havia de levar, sob o véo transparente e a nevada grinalda de flôr-de-laranjeira, no dia feliz do seu noivado...

Isto se dava no bico-de-prôa onde estava a gente de folga e a de quarto em baixo. Lá acima, no convés, onde o vento lufava varrendo a immensa amplidão ennoitada das aguas e bojando as velas a um bordo, a scena era totalmente outra na vigilia das singraduras, das viradas e das manobras nauticas.

A' sombra do mastro-grande, a uma das amuradas, á meia náu da galera, o gageiro grande, um velho quasi octogenario, contava aos oito moços da sua companha de gavea alguns factos extraordinarios dos seus longos annos de mar e, entre elles, o de um terrivel naufragio na Guiné, ao tempo do trafico dos escravos. E dizia, na sua expressão rude e cortada de pragas, mas pinturesca e de uma larga verdade: «Aquillo é que era navegar, raios de Deus! com o perigo por todos os lados: se se escapava das lestadas, trombas e calmas arrenegadas do Golfo, tinha-se logo pela prôa, ou pela pôpa, ou pela alheta, ou por um bordo, os diabos dos corsarios, ou então os brigues de guerra *ingrezes* que andavam alli para recambiar a negrada. E agora verás a inferneira das manobras, das viradas, das fugas e bordejos de não mais acabar, com a artilheria a roncar e a despejar fumo e balazios de levar berdas, pannos e mastros pelos ares, quando nos não mandavam a todos direitinhos para o fundo do mar, a

engordar os tubarões que não largavam a esteira do barco, aos bandões, como manjuba na costa pela quadra estival. Mas se não se podia fugir ou lutar, e se se atravessava, e se ferravam velas, á espera que os taes *ingrezes* ou corsarios viessem por fim á fala ou encostassem, a coisa era ainda peior porque os estupores carregavam o navio e companha e, depois de despejarem toda a *carga* no logar de onde sahira, abandonavam tudo mais sem recursos em qualquer praia deserta da Africa. Fôra por isso que o velho Sumares, de uma feita, pegado a carregar em Lahô, deixára amarras por mão e não podendo ganhar o mar largo — onde ninguem o vencia — metteu o *Espadarte* no cabo de Palmas onde a gente escapou por milagre, passando quasi um mez a caminhar dia e noite pela praia para a Serra-Leôa, todos já quasi nús e a comermos mariscos ou raizes de mandioca crúa para não cahirmos em poder das hordas barbaras do interior, que papavam gente como os tubarões ou os selvagens»...

No emtanto, os vigias de prôa, afim de sacudirem o torpôr das longas horas vasias, na bella bordada feliz, sem pharoes de outros navios a accusar para a pôpa, cantavam em côro uma das velhas cantigas marujas de outr'ora:

Que linda manhã de rosas
Levam os Nautas no mar;
Vão alegres, vão cantando
Ao som do seu navegar.

Mas a sineta rompera a badalar as doze. Era meia-noite, e o céo mostrava-se cada vez mais esplendoro-

samente estrellado. Ia entrar o quarto d'alva. Em pouco, o piloto surgiu no tombadilho e retomou o seu posto ao catavento, emquanto o capitão, o velho lobo do oceano, por sua vez, agora, recolhia tambem a descançar.

N'esse ultimo trecho da viagem, o moço piloto — um robusto rapaz de pouco mais de trinta annos — era o unico que regressava á Patria sem os grandes contentamentos que a todos alacrisavam. Entretanto fôra elle sem duvida um dos que mais satisfeitos e cheios de esperança partiram para esses grandes e lucrativos cruzeiros da *Aguia:* e isto porque, estando noivo, ia arredondar um peculio de soldadas para, ao seu regresso, casar. Mas ao chegar a Padang, em Sumatra, um dos pontos certos do globo onde devia tocar a galera na sua volta ao Brasil — encontrára uma carta da madrinha participando-lhe a morte da mãe, havia seis mezes, na sua villa natal. Era a ultima das viagens da galera nos mares da Oceania, pois que de Padang iria á Colonia do Cabo e d'ahi — como succedera — rumaria direito ao Brazil. Essa perda esmagadora, quando já de volta á Patria, tornára-o estranho e indifferente para todo o resto da viagem, puzera-o de certo modo sombrio e desolára-lhe innominadamente a alma. Tal dôr tambem empanára logo o brilho e alegria do seu proximo noivado, e esse sentimento não o deixava pensar mais n'outra coisa que não fosse a santa creatura finada. E no instante mesmo em que entrava para o quarto d'alva, era essa intensa idéa funeraria o que o estava alli apunhalando de infinita desolação e saudade. — Que triste, pela primeira vez (pensava), esse seu regresso á Patria!...

Assim, apenas o capitão desceu para a camara e foi rendido o homem do leme, o moço piloto foi encostar-se á balaustrada de pôpa e, deixando pender sobre as ondas a sua pobre e fatigada cabeça, quedou-se a chorar longamente, em silencio...

Mas a gloriosa luz da manhã enchia já de róseos clarões triumphaes o limpido azul do firmamento e as primeiras gaivotas da patria surgiam, esvoaçando alacremente em torno aos mastros oscillantes da *Aguia*.

No outro dia, pela tarde, a galera fundeava no porto, após dois annos e oito mezes de longas mas rendosas viagens ao longo de todos os continentes e através de todos os mares do Globo.

Rio, maio de 1903.

A Filha do Pharoleiro

(Ao contra-almirante Affonso de Alencastro Graça).

Manhã alegre de outubro, no sul. A cidade do Desterro acordara ha muito pela linha do cáes, no seu continuo movimento maritimo. O sol, ascendendo gloriosamente por traz do morro do Antão, lançava a principio os seus grandes pannos de luz sobre as montanhas fronteiras correndo na terra-firme; depois estendia-os, pouco a pouco, ás terras altas da ilha onde, pela distancia, disposição e relevo das massas de argila e granito se iam desenhando com nitidez os quadrados irregulares das róças, de um verde de tons infindos. Toda a vasta e magnifica bahia começava a resplandecer então como uma immensa catalufa liquida em que se espelhavam ao littoral, á calmaria da hora, as paizagens e o casarío branco e rareado dos sitios alcandorados, aqui, além, sobre cabeços e cabos, como

immensos ninhos risonhos onde a felicidade habita. Na bella curva do porto, fechada a noroeste pelo monte do Estreito e a sueste pela ponta do Zé Mendes, cruzavam-se, em velêjos graciosos, lanchas, canôas e botes, com velas alvas de linho. Muito fóra, para o largo, a multidão dos navios de longo-curso e de cabotagem: cascos elevados de barcas, bordas de lugares e brigues, de polácas e patachos, e talhes finos de escunas e hiates coroados pelo arvoredo dos mastros, artisticamente entrelaçado á larga trama delicada e aérea da cordoalha. Mais além, para o sul, onde a recortada costa insular finda em ponta, ponta de penedia empinada, entrevia-se, através os rasgões da bruma argêntea, já em dispersão e em fuga sobre a vastidão das aguas, os pórticos amplos da barra abrindo para os rumos austraes — o cabo dos Naufragados e tres ilhotes graniticos, rendados e meio fulvos na orla afastada e nostalgica do horizonte do mar.

De pé, no cimo da escada, ao extremo da longa ponte da Capitania, em que se erguia um alto guindaste de ferro em meio ás duas linhas dos turcos de onde pendiam, içados, os escaléres do serviço — eu e o meu camarada Horacio de Carvalho, official-de-diligencias da repartição onde eramos empregados, contemplavamos, mudos e enlevados, o quadro admiravel do alvorecer na bahia, emquanto embaixo, na vaga, ao longo das muralhas circulares do antigo forte de Santa Barbara, a poucos metros d'ali, um grupo de remadores em faina, n'uma «lupa» maruja, desfazia a amarração da catraia que nos devia levar ao pharol de Naufragados. Assim nos achavamos quando uma

figura alta de caboclo surgiu de repente a meu lado, grosso e athletico na sua japona escura de oleado. a mão erguida em continencia até ao bonet em palmatoria, de pala curta encurvada:

— Prompto, *seu* secretario. 'Stá atracada a catraia...

Accommodando os sobretudos e livros que levavamos, descemos logo a escada, tomando logar á pôpa, sobre as largas bancadas recobertas de tapetes de linho branco orlados de panno azul, com ancoras vermelhas aos angulos. O marinheiro, que embarcara em seguida e se fôra collocar á ré do guarda patrão, depois de me dirigir uma pergunta a que dei assentimento, gritou para os tripolantes:

— Larga! E aguentar remos p'ra vante, até que venha uma aragem...

Doze pulsos musculosos vibraram os punhos dos remos, cujas longas e polidas pás de pinho de Riga entraram a bater a superficie serena das aguas com chápes-chápes continuos, alternando rythmicamente com o cantar monótono e áspero das toleteiras metalicas.

A catraia começou a resvalar pesadamente no meio da calmaria, uma calmaria de fim de suéste, completa, absoluta, «podre», como dizem os marujos. Mas o céu, no alto, era azul, de um azul macio e limpido, sob o pallio d'ouro do sol. E á proporção que avançavamos para o meio da bahia, onde velas e velas passavam, lentamente, em revoadas alvissimas, a amontoação dos navios de longo curso e de cabotagem se ia gradativamente ampliando e cada casco destacava, aproado á maré, nas amarras, a mastreação muito nitida á loura luz da manhã.

Reclinados á borda, e ainda enlevados no pittoresco panorama da *rade*, olhavamos agora, não sem uma vaga nostalgia, as casas brancas da cidade recuando pouco a pouco, sob as scintillações d'ouro do sol, na linha rasa do caes. Era uma profusão de paredes fulgurantes no mar de almagre dos telhados, de onde irrompiam para o alto, aqui, ali, como grandes brochadas de cal, as torres altas das igrejas dispostas aos pares, muito erectas, com as suas cruzes de ferro como se fossem traçadas, á penna, no setim azul do Espaço.

O mar nos attrahia porém no seu lençol d'esmeralda, estreitado entre o continente e a ilha, expondo a cada margem, em recórtes arenosos, alvuras doces de praias: e, passada a linha dos barcos, esquecemos a cidade, fascinados pelos ninhos risonhos das enseadas e saccos, bordando a costa insular para o sul, do Desterro a Naufragados.

Pela ilhota do Largo, um vago sopro de brisa começou de frisar levemente a serenidade das aguas. O patrão mandou então içar velas: e dous latinos alvacentos palpitaram nos mastros, immensamente abertos, como um estranho, gigantesco par d'azas em vôo. Mas a aragem mal pudera bojal-os a um bordo, nas lassas escôtas delgadas. E a catraia parecia adormentada no banzeiro, sem uma esteira d'espuma pôpa fóra, ou borborinho cantante ao talha-mar.

Assim rolámos longas horas, sem quasi nada adiantarmos, até que enfrentamos o arraial da Tapéra para onde mandei aproar. Ahi lanceavam rêdes e pelo alto dos cômoros cresciam já alguns pequenos montes de peixe, cobertos com ramos d'arvores. Por toda a parte

o meio-dia jorrava profusamente do alto um fino pó d'ouro morno — e como estivessemos só com o café da manhã ordenei ao patrão fosse arranjar uns peixes para uma «caldeirada». O prestante marinheiro partiu para o recanto da costa onde andavam as rêdes e d'ahi a instantes volvia com uma cambulhada de corvinas frescas. Rapidamente se fez um fogo de gravêtos e, prompto o «caldo», foi-nos elle servido, em pratos de uma cabana proxima, á sombra de um laranjal, emquanto a catraia, abicada na areia, as velas ferradas nas altas vergas recurvas, balouçava os tópes no ar. E um rapasinho grumete, de quinze annos mais ou menos, a face rósea-morena e de negros olhos nostalgicos, que ficára a tomar conta da embarcação, sentado ao banco de prôa alegremente cantava :

Em que ditosos momentos
Dórme a veleira catráia,
Na calma do mar, dos ventos
Sobre as areias da praia !

Duas horas depois, já a embarcação velejando e ao rumo, a aragem refrescava e, em algumas bordadas, apezar da maré de enchente, alcançavamos Naufragados. Todo esse ultimo trecho da viagem, eu e o meu companheiro, o fizemos estirados ás longas bancadas de ré, com as roupas a bem dizer escaldando, mordidos intensamente nas mãos e no rosto pela viva luz solar que nos batia de chapa, entediados pela singradura morosa e esquecidos das bellas paizagens littoraes e do proprio Mar, que n'essa época irresistivelmente nos levava a passarmos domingos inteiros a bor-

dejar á vela em escaleres ou baleeiras e acordarmos com as estrellas para as pescarias ao largo.

Entretanto, ao pisar o cáes de pedra do porto eu me sentia bem outro, no bom-humor da chegada. O Horacio, muito alto no seu todo de houssard, sobraçando o sobretudo e os livros, o grande *pince-nez* de tartaruga acavallado ao nariz, a face pallida meio tostada agora pelo sol, dizia-se ainda «massado da retardada viagem». Mas no seu vago sorriso transparecia sem duvida um alegre estado d'alma.

Para se ir de desembarque ao pharol era necessario percorrer-se uma extensão de mil metros, ou mais a galgar, por um sinuoso atalho de cabras, a grande lombada de outeiros que começa em Caiacanga e vem morrer em Naufragados. Conhecendo bem o local metti-me logo a caminho, sem esperar que o patrão e os remadores saltassem e, seguido do meu amigo, que ás vezes tenteava cautelosamente as hervagens para não rolar morro abaixo, entrei a recontar-lhe alegremente a deliciosa impressão que eu experimentara, quando alli estivera pela primeira vez, ao vêr a filha do 1.º pharoleiro, a Rosalia, uma morena de rara e adoravel belleza.

— Fôra isso ha quatro annos, dizia-lhe eu, quando tu andavas ainda lá pelo Rio ou São Paulo. Eu tinha vindo examinar o pharol. A inspecção fôra rapida porque o dia ameaçava temporal e a embarcação que me trouxera — um velho escaler de cavernas partidas e mettendo agua — não dava para aguentar o tempo, caso se fizesse preciso arrostal-o. Ainda assim, pude percorrer a grande casa dos pharoleiros e a torre do

pharol, examinar o apparelho da lampada e os sobresalentes. Foi em uma das secções d'essa casa — a que está hoje de luto pela morte do chefe — que vi a Rosalia, uma menina de treze annos então, cujos olhos negros e lindos, a pelle doce e de jambo os cabellos pretos e densos cahindo-lhe até muito abaixo da cinta, fascinavam vivamente. E era de tal graça ingenua essa adoravel criança, no seu pórte alto e cheio, que a gente esquecia-se a olhal-a, n'um enlevo... Emfim, meu amigo, uma verdadeira formosura. Contemplei-a por instantes apenas, pois já estava a embarcar. Mas a impressão experimentada, ao deixar n'esse dia o pharol, ficou-me indelevel no espirito. Vaes ver d'aqui a pouco a Rosalia, que, apezar de um lustre volvido, deve estar ainda a mesma, ou mais formosa, talvez. E mais não digo, por emquanto, para que tenhas uma verdadeira surpreza.

O Horacio, que caminhava mais atraz e já cançado da subida ingreme, ás minhas ultimas phrases murmurou apenas monosyllabos, como n'uma vaga duvida de tudo o que eu lhe narrava...

No emtanto chegavamos ao alto da vasta collina onde se abria o amplo terrapleno em que assentavam a torre branca do pharol e a casa dos pharoleiros: e parámos um pouco, a descançar sob as raras arvores copadas que ahi ensombravam o atalho, admirando a immensa marinha circumdante envolvendo todo o cabo. O sol, posto fosse de primavera e descesse já do zenith, tinha rutilação ardentissima e peneirava moedinhas d'ouro dançantes através as rendas das ramas que tremiam ao vento. E apezar d'essa aragem do

mar era tal a mornidão do ambiente que uma somnolencia invadia-nos, augmentada pelo continuo zumbir dos bezouros e o chiar melancolico e monótono das primeiras cigarras. O verão antecipava-se estranhamente n'aquelle anno.

Como porém o serviço do pharol aguardava-nos com urgencia, recomeçámos a marcha que se fazia agora por caminho plano e livre, de boas andadas. Ao cahirmos no descampado do outeiro encontrámos o 2.º pharoleiro que, tendo visto a catraia atracar, corria já ao nosso encontro. Apenas trocámos os primeiros cumprimentos, eu e o meu camarada démos-lhe os nossos pezames pela morte do irmão, o 1.º pharoleiro. E eu, curioso de pormenores sobre o passamento d'esse obscuro mas digno homem, que conheci durante meia duzia de annos, sempre forte e athletico embora já na velhice, interroguei:

— Mas como fôra a morte do Espirito-Santo, coitado, assim tão de repente, pois não havia ainda um mez estivera na Capitania? Não obstante a edade estava forte, alegre, bem disposto, revelando ainda muita vida. Imagino em que desolação se não acha a familia...

O homem, marchando ao meu lado, o pescoço meio vergado agora pelas desillusões e os desgostos, os cabellos e a barba mais grisalhos que nunca, respondeu-me n'uma vóz trémula e desolada:

— E' verdade, *seu* secretario, ninguem esperava por aquella. O Joaquim, apesar dos setenta, andava ainda muito rijo, trabalhava como ha quinze ou vinte annos passados, e nunca se queixava de nada. E para

vêr, eu lhe conto. Quando se fez a ultima pintura, no pharol, este anno, foi ainda elle quem subiu á cupola da torre. a pulso, para pintar a agulha e os pára-raios... De repente, e quando menos se esperava, apanhou uma que o levou logo á cama... E não houve nada que o alliviasse, nem mésinhas, nem remedios de botica. Em cinco dias deu a alma ao Altissimo. E lá está enterrado no cemiterio do Pântano, desde a semana atrazada...

Approximavamo-nos da vasta casa dos pharoleiros. Pela frente, no terreiro limpo e varrido, um grupo de creanças de luto traquinava. A' empena do norte, elevava-se um alto cercado de jardim e de horta, abrigado dos ventos furiosos do sul. Ao lado opposto, mais avançada para o mar, sobre o descalvado do cabo, a torre alta do pharol, tronconica e de alvenaria branca, destacando no céo azulado como uma das grandes e luminosas cathedraes da Esperança e do Bem, que se erguem humanitariamente por todas as paragens littoraes do globo, beirando de um gigantesco rosario faiscante de bellas estrellas de ouro as ilhas, peninsulas e continentes, para guiarem a asylo remansoso e seguro os Nautas desventurados que, pelas desoladas noites revôltas de tormenta, buscam anciosamente as enseadas e portos de abrigo, fugindo aos tremendos escarcéos do alto mar. Depois, eram os grossos vagalhões do Atlantico que vinham, iracundamente rugindo, desmanchar-se contra a penedia em rôlos de espuma alva.

A certa distancia, eu vi assomarem á porta de uma das secções do amplo casarão duas matronas de preto

— a mulher do 2.º pharoleiro e a viuva cunhada. Estranhando a ausencia da Rosalia, cuja lembrança me bailava vivamente no espirito, perguntei ao bom do homem que caminhava a meu lado:

— Então, sr. Francisco, que é da sua sobrinha Rosalia, que eu aqui encontrei da vez passada?! Casou ou está passando tempos em casa de parentes ahi para algum arraial?...

— A Rosalia? *seu* secretario, acudiu o homem immediatamente, na sua vóz de pesar. A Rosalia anda p'r'ahi, bonita ainda, é verdade, mas totalmente louca, pobresinha! V. s.ª não sabe o que houve? o Joaquim não lhe contou? Pois eu lhe conto. Faz um anno, agora em junho, que se deu uma grande desgraça. A Rosalia ia casar, por esse tempo, com um rapaz da Pinheira, que aqui esteve de uma feita e a pediu ao pae. O Joaquim e a «mana» não lhe negaram a mão da filha, porque o rapaz era bom, de gente pobre e honrada, mas um mouro de trabalho: vivia da pescaria, já tendo a sua casinha e umas braças de terra, que dava a »meias» no logar. As bôdas estavam tratadas para o S. João. Tinha-se fallado ao rapaz para vir nas vesperas p'ra cá, e d'aqui os dois se irem «receber» na egrejinha do Pantano... No dia aprazado, o rapaz, trazendo as suas coisas e «preparos», embarcou n'uma canôa com dois camaradas e fez-se de prôa para cá. Mas o tempo não estava seguro e, logo ao amanhecer, todos nós começámos a scismar que poderia sobrevir de repente um transtorno. E assim foi, por nossa desgraça, porque quando a canôa em que vinha o Thomaz apontou no primeiro ilhote dos Papa-

gaios, o pampeiro cahiu, furioso, acompanhado de uma trovoada que parecia o fim do mundo. A canôa rompeu bem até á ilhota da Fortaleza, mas ao chegar a meio do canal da barra, onde o vento e as aguas eram um Deus nos acuda, e foi virar para o porto, entrevelou-se nas ondas e desappareceu. Nós que estavamos a vêl-a, lá do alto da torre, deitámos logo a correr para a ponta a arriar a baleeira, mas já ninguem viu mais nada, além da canôa emborcada... D'ahi a tres dias dois dos corpos foram parar á Tapéra: o de Thomaz, porém, nunca mais appareceu... Assim que deu com o sinistro, a Rosalia cahiu com um vágado, e teve muitos seguidos durante quasi um mez. Quando isso passou, a coitadinha entrou a malucar, a falar sósinha, a não «assumptar» direito o que dizia... D'então para cá, quando o sol está vae-não-vae, á tardinha, péga n'um braçado de flores que colhe atabalhoadamente no jardim, e lá se atira a correr em direcção á ponta do cabo, onde se afundou a canôa. Ahi, de pé sobre as rochas mais avançadas, e inclinada para as vagas, põe-se a jogar, aos punhados, aquellas flôres no mar, como se ellas porventura cahissem sobre o sepulchro do noivo... O Joaquim, ao vêr a filha n'esse estado, pegou a scismar e a entristecer, cahindo por fim muito mal. Correu para a botica, mas foi o mesmo que nada. Ao cabo de quinze dias succedeu o que já lhe contei, e a viuva, infeliz, ficou p'r'ahi a lastimarse, com os filhos na orphandade... Emfim, *seu* secretario, foi uma grande desgraça...

Quando o homem findou, eu e o meu camarada, vivamente impressionados, exclamamos:

— E' verdade, sr. Francisco, que terrivel desgraça!...

Mas já chegavamos á primeira secção do vasto predio e, saudando as senhoras e creanças, entrámos para uma sala onde logo nos foi servido café. E como desejavamos voltar á cidade n'essa mesma tarde, apenas descançámos um instante, passámos a cuidar do inventario, transportando-nos, acompanhados do 2.º pharoleiro, ao compartimento ou deposito em que se achavam os sobresalentes e demais material. No deposito havia quatro janellas abrindo para um e outro lado do terreiro, e duas pequenas portas — uma para a torre do pharol e a outra, pela qual passaramos, communicando com a enorme habitação dos pharoleiros e do pessoal da baleeira do serviço, que, uma ou duas vezes por mez, viaja entre o pharol e a capital. Prateleiras, como as de uma tasca, tomavam as paredes de alto a baixo, exhibindo uma multidão de objectos de todo o genero e grandes latas cylindricas de oleo mineral.

Sentado n'uma cadeira de ferro junto de uma pequena mesa, o official-de-diligencias abriu os livros e, tirando o tinteiro e a penna, entrou a inventariar os objectos por classes, numero, estado de conservação e qualidades, emquanto o pharoleiro m'os ia mostrando um a um...

Posto que attento ao serviço, eu não esquecia a Rosalia, n'um grande desejo de a vêr, como outr'ora, na sua belleza adoravel. E olhava de vez em quando o terreiro que se alongava pelo cabo batido da aragem do mar e revolvia no espirito a dolorosa historia da

pobre rapariga — quando ella subitamente appareceu rente á janella onde eu me achava, atacada no seu vestido afogado de luto, mas os olhos fascinantes no rosto ineffavel de virgem, carminado pelo sol. Saudou-me silenciosamente, com um gracioso mover de cabeça e estendeu-me a mão pequenina, roliça e de unhas rosadas, que apertei sorrindo, mas com uma emoção de magua. Depois, desviando de mim os seus olhos encantadores, debruados de longos cilios velludosos, pousou-os no meu amigo, e teve um vago sorriso. O Horacio, suspendendo por instantes a escripta, voltou-se, cumprimentou-a e pôz-se a fixal-a tambem. Mas fôra só um relance, porque ella fugiu logo, n'um impeto incerto de louca e n'uma grande mudez...

E agora, mais penalisado e mais triste, eu acompanhava com a vista o seu vulto alto e negro, marchando a passadas violentas, mas erécta e garbosamente, para os rochedos avançados do cabo. Ao voltar-me para dentro, deparou-se me o meigo olhar do meu amigo, buscando vivamente o meu através dos vidros do seu *pince-nez* de myope. E elle murmurou com tristeza:

— Muito linda na verdade, a Rosalia, coitada!..»

Quando o inventario findou já o sol, no outro lado do mar, occultava a sua luz por traz dos montes de oeste.

Sahimos a dar uma volta pelo cabo. E como a cinza da noite começasse a rolar do alto e se accendesse já a leste a pontilhação dos astros, entrámos na torre do pharol para a nossa visita ao apparelho da lampada, que radiava lá acima, pelo seu fóco colossal, aberto como uma phantastica e monstruosa tulipa d'ouro, o

qual, encerrado n'um grande circulo envidraçado, com os seus ecclipses instantaneos, banhava de largas faixas de luz a barra, o longo canal da bahia e a amplidão negra, desolada e nostalgica do Atlantico...

Em seguida embarcámos, entrando a bordejar na catraia em demanda da cidade. O céo estava deliciosamente sereno, muito alto e radioso na immensa rêde prateada das estrellas. O mar, açoutado pelo vento do largo, dobrava, em curtas vagas espumosas, aqui e além feéricamente malhado d'estrias de luz escarlate, sob os pharolins dos navios e os combustores erguidos da profusa illuminação do cáes.

Aconchegados á pôpa, nos sobretudos de inverno, por causa do vento frio do mar, eu e o meu amigo, os olhos alçados ao Azul, nos embebiamos fundamente do esplendor sideral, trocando ainda palavras de compaixão e de affecto sobre a joven e desventurosa Rosalia, flôr de belleza e de graça, irremediavelmente perdida para sempre na noite tôrva e sinistra, peior sem duvida que a Morte, da loucura formidavel!

Rio, fevereiro de 98.

Conto do Natal

(Ao Affonso, o meu filhinho mais velho.)

N'aquelle anno, em Santa Catharina, dezembro andára a lembrar julho, com semanas de dias sombrios, de aguaceiros seguidos e de ventos hybernaes. Mas a vespera de Natal chegara. O sol, que ainda pela manhã se conservara occulto nos densos nevoeiros da costa, se mostrava plenamente á tarde, envolvendo todo o arraial das Aranhas na luz purpurina e de ouro de um dos seus mais lindos occasos.

As rêdes que tinham andado a «cercar» nesse dia alastraram cedo os varaes onde as cortiças e «chumbeiros», como estranhas camandulas que as ondas desfiam em murmurios de bonança ou em rugidos de tormenta, sob o jugo do pescador audaz, escorriam e seccavam, para os grandes «lanços» futuros, em frente aos ranchos desertos, fechados egora á fresca aragem

do mar. De sorte que pelas Ave-Marias cada um se acolhera ao seu lar, onde a ninhada dos filhos folgava já alacremente, nas primeiras expansões venturosas da noite entre todas notavel.

A'quella hora vinham transpondo a porteira de um triste casebre que se aninhava entre os cômoros, dous rapazinhos maltrapilhos e descalços. Eram os filhos da Sabina viuva — o Manuelsinho e o Cosme — que iam ao engenho do velho Albino Pacheco buscar assucar e farinha para o gasto da casa. Dos meninos do arraial eram elles sem duvida os mais pobres, pois haviam orfanado de pai, tendo um quasi tres annos e outro apenas seis mezes. A mãe, coitada, vivia a bater e a fiar algodão e gravatá desde manhã até á noite, emquanto elles, tão pequenos — o mais velhinho teria agora nove annos e o mais moço não completava ainda os sete — repartiam o tempo entre a lavoura e a pesca.

Mas, apezar da sua grande actividade, na penuria geral do logar, o que ganhavam não lhes dava quasi para a subsistencia, pelo que frequentemente, passavam dias e dias só a café, e esse mesmo, muitas vezes, amargo.

Deixada para traz a porteira e passado o atalho, os dous pequenos entraram a caminhar apressadamente pela larga e solitaria estrada real que a lua, surgindo da barra escura e rendilhada das collinas de léste, banhava aqui e além docemente com a sua luz fria e láctea. Como tinham o espirito saturado das velhas lendas roceiras de lobis-homens e bruxas, de apparições e phantasmas, cousas muitissimo communs nas aldeias, e como ambos sentiam já o medo crescer-lhes

dentro d'alma, á maneira que as desoladas e tristes horas da noite cresciam—para se acompanharem. largaram a cantar n'uma toada estridente cujo diapasão augmentavam ainda, sempre que enfrentavam os grandes espinheiros, cafezaes e laranjaes, cheios de sombras, margeando seguidamente a estrada.

Apezar da noite clara pouca gente cursava os caminhos. e nem mesmo os noctivagos mais famosos do sitio eram encontrados agora nas suas longas marchas costumadas feitas a pé, lentamente, ou em ligeiros cavallos árdegos. As porteiras, nos outros dias rumorosas e cheias de pequenos grupos de gente, alvejavam agora abandonadas, ermas e silentes, sob o clarão do luar. A melancholia e placidez que pesavam dir-se-iam de horas mortas se não fôra, de um lado. uma ou outra venda distante onde alguns compradores retardados parolavam ainda, n'um tumulto de pressa, com o proprio dono da casa; do outro, uns sons vagos de viola e cantigas vibrando jubilosamente, d'envolta com as risadas sonoras da meninada em folia, pelos terreiros das casas, que se aninhavam entre arvores fructiferas, assignaladas, aqui e ali. na lombada das encostas ou no cimo dos outeiros, pelas saudosas chammas das lareiras, ou pela alvura fulgurante de uma parede caiada.

E os dous rapazinhos apertavam o passo, despejando caminho a valer e dissipando os temores ingenuos com seus alegres cantares.

Na volta das Capivaras, ao subirem a Ladeira Grande, as planicies de Canavieiras abriram-se deante delles, num immenso empastamento de sombra nebulosa, onde nada se distinguia quasi, a não ser o espelhante clarão

dos banhados e na infinita faixa de prata polida do rio do Braz, colleando delongadamente para uma negrura mais densa e remota, que se ia perder longe, no horisonte povilhado, e que devia ser o mar.

Ahi um alvoroço colheu-os, dando-lhes uma grande coragem. Era a casa do Rufino Valente que logo adeante, na estrada das Areias, como nos outros annos passados, refulgia, toda accêsa, nos festejos de Natal. E, estacando de subito, ficaram ambos a olhar por instantes o largo pendôr de collina onde a vivenda assentava. Entreviam vagamente, pelas janellas abertas, o alto armario do presepe, resplandecendo alegremente, picado de luzes de ouro como um recanto de céo, em noite limpida, estrellada. Uma multidão de pessoas, velhos, moços e mulheres, abarrotavam a sala. No amplo terreiro murado uma grossa fogueira de tóros abria fulgurantemente, na treva enluarada, a sua gigantesca corolla de purpura, erguendo um inextricavel novello de chammas dançantes que o vento do norte inquietava ás rajadas, e cujas linguas alterosas e loucas, jorrando faiscas ao ar, envolviam por vezes a frontaria da casa num grande chuveiro de fogo. Em torno folgavam creanças, desprendendo risadas festivas que ecoavam ao longe.

Attrahidos por aquella alegria e curiosos de vêr o presépe, que jámais haviam visto, combinaram os dois em dar, quando já de volta do engenho, uma chegadinha até lá. E, já de todo esquecidos de apparições e phantasmas, entraram a descer a ladeira, a passo forte e estugado, enfiando pelo atalho que levava ao Bom-Jesus, onde ficava o engenho do velho Albino Pa-

checo. Na andada veloz em que iam, dentro em pouco o avistaram, ao fundo de vasta pastagem, entre frondes murmurosas de cafeeiros, de laranjeiras e bananeiras altas, cujas folhas tesouradas em franja pelo vento, baloiçavam agora, docemente, com reflexos côr de prata...

Apenas encheram de farinha e assucar os saquinhos que levavam, os dois pequenos metteram-se de novo a caminho, na sua marcha apressada. E parolavam satisfeitos pela estrada das Areias, em direcção ao lar do Rufino, a gosar ao menos um pouco os folguedos de Natal. Já alcançavam a porteira quando um cavalleiro que passava, reconhecendo-os, gritou lhes:

—O' rapazes, vocês ainda estão por aqui! A Sabina já lá anda apensionada...

Era o filho do Zé Basta, que ia para a freguezia assistir á missa do gallo.

Os dois rapazinhos, deante daquellas palavras que os chamavam ao dever, lembrando-lhes a pobre mãe já afflicta no seu casebre da praia, hesitaram por momentos, parados, e a entreolharem-se com ancia, junto aos moirões da porteira. Mas a habitação do Rufino, com a sua grande e alacre fogueira de ouro, o presépe cheio de luzes e flôres como um recanto paradisiaco, e e as risadas deliciosas da creançada feliz, estava lá em cima a tental-os. Decidiram então que seria só por um instante, voltariam logo. E resolutamente enfiaram para o alto do terreiro, onde os meninos da casa os receberam carinhosamente, dando lhes rolêtes de canna, pipócas e brôas torradas.

Mas a grande attracção dos dois petizes recemvin-

dos era o bellissimo presépe, que pediam para vêr com instancia. Seguidos dos filhos de Rufino, romperam então por entre a multidão que inundava a sala e foram postar se, boquiabertos, deante do grande armario estrellado de vellas em chammas, em cujo interior espaçoso delicadas mãos femininas, artisticas e devotas, num esforço imitativo de microscopica creação geologica ou de microscopica creação biblica, haviam improvisado uma Palestina verdejante e risonha, com pastores e rebanho, banhada de rios e lagos, cheia de alegria e frescôr, bem differente de certo dessa outra Palestina da Asia-Menor, onde tudo é abandono e tristeza, seccura e desolação.

O Manuelzinho e o Cosme, encantados com aquella miniatura da Natureza que lhes parecia um doce canto do Céo, entraram a perguntar aos camaradas o nome de cada um dos objectos que viam esparsos pelos recessos microscopicos desse simulacro de paisagem, que era um verdadeiro mimo. E logo um dos meninos do Rufino, que já sabia tudo aquillo por ter visto innumeras vezes armar-se e desarmar se o presépe, lh'os foi enumerando um a um. Falou de Jerusalém, que se avistava, em panorama geral, desdobrando-se sobre as táboas do fundo do armario, em pinceladas ingenuas, de um rude colorido primitivo; das pequeninas estradas colleantes que sulcavam planura e collinas; das cisternas de vidro de espelho, reluzindo á sombra de palmeirinhas; das cabanas que se aninhavam entre oliveiras, entre pequenos cédros e vinhas; dos camellos carregados de myrrha, de joias de ouro e de incenso; dos Reis Magos da Chaldéa e da Grande Estrella ra-

diante e caudata que corria pelo céo n'uma esteira de luz viva, guiando-os para o Estábulo bemdito, onde o Menino Jesus, ainda ha pouco nascido, repousava sobre as palhas, tendo em volta a adoral-o S. José e a Virgem Santa, os pastores de Bethlém, a vacca e a jumentinha...

No emtanto os dous orphãosinhos namoravam, num doce enlêvo infantil, aquellas cousas divinas, que pela primeira vez contemplavam e de que sua mãe lhes falava, ás vezes, nas suas rézas humildes. E o que mais os arrebatava era o Menino Jesus, tão núsinho e pequenino, com os seus olhinhos azues muito limpidos e a sorrir ineffavelmente para elles do seu berço de palhinhas.

Naquelle extasis feliz, esqueciam-se de tudo, das pessoas que os cercavam, ajoelhadas e orando, como da pobre mãe que lá ficára na chóça e que justamente áquella hora, desesperada e afflicta com a demora delles, no presentimento allucinante de que lhes houvesse succedido alguma desgraça, sahiria anciosamente a buscal-os pelos desertos caminhos.

A Sabina deixára o seu casebre já as vendas estavam fechadas, e por isso fazia parar os caminhantes que por acaso encontrava, para lhes perguntar, quasi em pranto, se não tinham visto os seus dois pequenos, o Cosme e o Manuelsinho. Depois de percorrer varios atalhos e trilhas tomou a estrada real e, numa andada anciosa e precipite, sob o ermo silencio do Espaço que a lua largamente cobria com o seu immenso velario de setim branco luminoso — chegou á Ladeira Grande onde, ao avistar de repente a casa de Rufino, toda

illuminada e ruidosa, o seu coração torturado de mãe teve uma subita alegria, pois pensou immediatamente que alli os encontraria.

— Sim! elles deviam estar lá! murmurou intimamente, respirando a longos haustos e moderando agora, um pouco, a violencia da marcha.

Tancionava ir até ao engenho do velho Albino Pacheco a saber dos pequenos, mas conhecendo o que eram creanças e seguindo os impulsos do seu leal coração de mãe — coração que sempre tudo adivinha! — abandonou aquella primeira idéa e dirigiu-se firmemente para a casa do Rufino. Galgou á pressa o terreiro e, rompendo por entre os rapazes e homens que se agglomeravam á porta, ali esbarrou com o velho lavrador a quem inquiriu offegante:

— O' *sô* Rufino, os meus pequenos não estão por aqui? Estes demonios dão-me cabo da vida! Mandei-os ás Ave-Marias ao engenho do velho Pacheco e até agora nada de voltarem! Estou que nem posso de cançada e afflicta! Com certeza os demonios descobriaam lá do morro o presépe e vieram para cá direitinhos. Não sei onde estou que lhes não dê um *ensino*...

E apenas o Rufino lhe disse que os meninos estavam ali, com effeito, ella entrou impetuosamente na sala, onde as moças e matronas que lhe tinham ouvido as ultimas palavras ameaçadoras, correram a cercal-a pedindo:

— O' Sabina, detêm-te! Não os castigues... Olha que hoje é um dia sagrado!...

A Sabina dissera aquillo por dizer. O que ella sentia agora vivamente era um profundo jubilo que lhe inun-

dava os olhos de lagrimas, como ainda ha pouco o fizera a affliccão quando percorria, despenhada, os caminhos. E apenas saudou a todos correu para onde estavam os filhos, quedando-se em extasis, com elles, ante o presépe festivo...

Nesse instante, lá fóra, sob a abóbada enluarada do céu, os gallos madrugadores, com os seus cantos triumphaes de clarim, entravam a saudar alacremente a grandiosa alvorada anniversaria do nascimento de Christo.

A sala agitou-se então num alvoroço indizivel. E todos, seguindo o capellão que ajoelhára já junto ao presépe rutilante, entoaram sonoramente, com elle, um hymno soberbo, de alta devoção e louvor, ao glorioso Deus-Menino...

E foi esse, sem duvida, o dia de maior alegria para a Sabina depois que ficára viuva, e para os filhos depois que perderam o pai.

Rio, 24 de Dezembro de 98.

A Volta das Velas

(Ao capitão-tenente Amyntas José Jorge.)

Maio findara alegremente. E este primeiro dia de junho, na ilha catharinense, expirava n'uma deliciosa calma outonal, sem as cortinas de nevoa cinzenta que fecham, ás vezes, os longes e sem a desolação do vento sul, retardado ainda entre as geleiras austraes. O céo, muito limpido e transparente no seu immenso zimborio ceruleo, que os bulcões negros de inverno viriam em breve toldar, ardia todo ao poente nos ultimos dourados flammantes da agonia do sol. Em baixo, o mar se estendia, n'uma placidez de lago, com recantos fulgurando em espelhações de luz magica. Aqui e além, pelo golfo, pequenas ilhas graciosas e negros rochedos de cabos abriam rendados de bronze no tamiz de ouro do occaso.

A essa hora, uma revoada alvacenta de velas come-

çava a rurgir no horisonte, em direcção ao porto, á maneira de um bando de gaivotas recolhendo ao seu pouso nocturno nos anfractuosos cimos recortados da penedia da costa. Quadrangulares algumas, latinas na maior parte, essas azas leves das velas que o Homem dirige e anima, que andam á mercê dos ventos nos descampados do mar e que são mais preciosas de certo que as azas vivas dos passaros — salpicavam de encantadora brancura o esmeraldino das aguas que se encinzava pouco a pouco, e a linha melancolica e desolada de léste onde a incomparavel e magestosa amplidão do oceano parece qne não acaba jámais.

Eram essas velas as canôas e baleeiras de pesca que regressavam ao seu pequeno arraial, depois de uma semana de ausencia.

Já em frente aos ranchos de palha se agglomeravam em grupos as familias dos pescadores que, como de costume, vinham para ali esperal-os. Eram meninas galantissimas, de saia curta e pés descalços, cabellos soltos e revoltos, limpidos olhos virginaes, sorriso alegre sempre á bocca rosada e fresca como a pôlpa de um fructo que se abre ao sol, docemente, em plena maturidade — todas gyrando, ás mãos dadas, em rodas de ingenua folgança, sonoras de cantos alacres e de ineffaveis risadas; eram moças adoraveis, de face cheia e oval, cutis velludosa e morena, illuminada castamente por olhares de uma expressão ideal; eram matronas de largos e fecundos quadris, de pé ou sentadas sobre a fôfa areia clara, olhos pregados sobre as velas amadas approximando-se pouco a pouco, todas a parolar vivamente, n'uma voz meio cantada, ostentan-

do cada qual gordos fedelhos ao collo, emquanto a outra parte da ninhada — os rapazinhos mais crescidos — divertia-se a correr e a saltar, n'uma algazarra festiva, pela batente do mar.

Ao fundo, na linha dos cômoros, alguns homens empoitavam-se, em camisa e chapéo de palha á cabeça, olhando attentos as aguas e apontando, de instante a instante, as veleiras velas claras. Do interior do arraial, pelas veredas e trilhas que vinham morrer entre as dunas, golfavam ainda para alli magotes de retardados. E á maneira que a luz desmaiava por traz dos montes de oeste, os cascos esguios das canôas e lanchas erguiam-se de sobre o mar, destacando-se uns dos outros pelos latinos voadores, as velas rectangulares que avançavam lentamente para o crescente da praia.

A matinada festiva crescia então pelos ranchos onde as matronas robustas, reconhecendo agora as embarcações em que os maridos, irmãos e filhos andavam, as apontavam ás crianças que corriam para ella n'um jubilo estardalhaçante e n'um berreiro geral. E exclamações de alegria vibravam por toda a praia, apregoando os expressivos nomes sonoros das pequenas quilhas ligeiras, colmadas de pannos alvos:

— A *Andorinha*, a *Esperança*, a *Flôr do Mar*, a *Rajada*...

E dentro em pouco, em frente de cada rancho, uma embarcação abicava, carregada de peixe fresco ou de salga, e cercada para lago das palradoras mulheres e da inquieta creançada. As campanhas saltavam — o patrão e quatro homens em geral — saudosas sempre

da familia e maltratadas, ás vezes, pelos furores do mar: e eram abraços ás esposas e repetidos beijos aos pimpolhos, que estas ausencias frequentes tornavam sempre mais amados.

Então colhiam se as *linhas* e anzóes, os rendados samburás das *iscas*, os catútos dos espinhéis, os remos, velas e mastro, e, em seguida, desembarcava-se a carga, que era o sustento e o dinheiro de todos até á proxima partida para o mar alto. Immediatamente os pescadores puxavam a canôa ou a lancha sobre grossos rolos de madeira e a fechavam no rancho, onde ella ficava ao abrigo das chuvas e das soalheiras bravas. Depois, todos juntos e felizes, em affectiva palestra ruidosa, cortada sempre de risadas, tomavam o caminho dos lares...

Mas a noite cerrara de todo, occultando a praia e o mar — e apenas, n'um ou n'outro rancho, algumas luzes rareadas desobrochavam, aqui e além, na treva, as suas grandes corollas vermelhas que tremiam ao vento, illuminando os ajuntamentos de gente, ao instante menos densos, cercando as ultimas embarcações que chegavam.

No emtanto, em recanto ermo e esquecido da costa, emquanto a maior parte das familias dos pescadores rejubilavam tranquillas com a chegada dos seus, a Maria Rosa, coitada, sentada á porta do seu rancho, com um filhinho de seis mezes ao collo, a velha mãe ao lado, sentia apprehensões e tristezas apertarem-lhe o coração, porque a lancha do marido não apparecia ainda, retardada, agora, com a noite, nos turbilhões do mar largo. Duas vezes mandara a pobre velha ao

rancho do Manuel Cosme, que ficava ali perto e que ainda estava em faina, a saber se a companha de lá tinha visto a *Borboleta* e se este havia largado juntamente com a *Andorinha*, n'aquella mesma tarde. A mãe trouxera resposta favoravel, dizendo-lhe que a demora do genro, do Pedro, segundo informara o proprio Cosme, era devido a ter elle aportado no Arvoredo, onde fôra levar o peixe que lhe encommendara o mestre pharoleiro, quando a *Borboleta* ahi tocara na ida para o mar alto. E, por ultimo, o Zé Clara, que era o «voga» da *Andorinha*, dissera:

— Ora a Maricas que socegue, que o Pedro não póde tardar. Em rompendo a lua, a *Borboleta* está ahi rente...

A essas palavras a Maria Rosa serenara um pouco e, com um olhar rebuscador e ancioso, procurava devassar a treva densa, esquadrinhando minuciosamente o porto. Mas em vão o fazia, porque nem uma sombra de vela se divisava agora nas aguas. Alentavam-na, comtudo, as luzes que ainda ardiam na praia e sobretudo a informação do Zé Clara, que vira o Pedro dirigir-se com a lancha para o Arvoredo quando toda a flotilha da pesca suspendera, recolhendo ao arraial.

Entretanto as horas voavam e pela curva da costa os pharolins se apagavam uns após outros, á maneira que as embarcações eram puxadas. E agora só uma luz flammejava na praia — a do rancho do Cosme que, por fim, se extinguiu tambem.

Ao ver esse rancho fechar-se, a Maria Rosa desanimou de todo e rompeu a chorar, tomada subitamente da idéa terrivel de que a lancha do marido não

chegava por se ter virado, talvez, no costão do Arvoredo, n'esse costão sinistro onde eram sem conta os naufragios e onde as rochas em cháos, que o formavam, estavam crivadas de cruzes, assignalando mortes como um cemiterio. E, meio allucinada, parecia-lhe já estar a ouvir os gritos anciosos do Pedro e dos camaradas, em lucta com o maroiço gigante, abandonados de todo o soccorro e amparo, na desolação infinita da noite e dos furores do mar. No desasocego da sua immensa angustia ergueu-se e, chamando pela mãe, que egualmente chorava a seu lado, apertando o filhinho nos braços, encaminhou-se loucamente para os cômoros, em direcção á casa.

A meio caminho, porém, as duas mulheres sentiram como um vago ruido de remos, vindo do outro extremo da praia. Estacaram por instantes e, certificando-se de que era uma embarcação, lembraram-se da baleeira do Amaro, que ainda não havia chegado. Animadas por esse pensamento, para lá se jogaram a correr. Mas antes de chegarem ao ponto onde a embarcação aportára, esbarraram com o velho José Alexandre, patrão d'aquella baleeira, que se dirigia ao arraial em busca de um carro para a conducção do peixe. A Maria Rosa, fazendo-o parar, inquiriu-o a tremer, os olhos empanados de lagrimas:

— O' *sô* Lexandre, você não encontrou por ahi a *Borboleta?* Até estas horas e nada de chegar! Nunca o Pedro se demorou tanto. Quem sabe não lhe succedeu por ahi alguma?... Você me diga o que houve, *sô* Lexandre. Por Nossa Senhora, me diga, que eu já não posso mais!...

O velho pescador parou muito admirado de encontrar a Maria Rosa assim apensionada e em pranto. E falando-lhe, retorquia com affecto, n'uma meiguice de avô:

— Qual alguma, nem pera alguma, rapariga! Pois tu não acabaste ainda com esses teus sustos! Mas que mulher és tu então? Ora louvado seja Deus! Socega! E deixa-te d'essas consumições que o Pedro não deve tardar, pois que o deixámos lá pela altura do Rapa. Olha, volta para o rancho que talvez já o encontres a arrumar a lancha...

Era tal a segurança d'estas palavras que a Maria Rosa para logo se tranquilisou e disse ao velho, em despedida:

— Então boa-noite, só Lexandre. E Deus lhe pague, por este «peso» que me tirou cá do coração. Parece que foi obra da Mãe Santissima este encontro, porque eu já ia como louca...

O velho, que levava grande pressa, recomeçou a marcha interrompida, murmurando apenas:

— Ora não ha de quê, Maricas. E' para isto que andamos n'este triste mundo...

E o seu vulto se sumiu logo entre os cômoros, que faziam vagamente, no escuro, largas amontoações branquejantes.

A Maria Rosa, gritando para a mãe que a seguisse, o filho sempre apertado nos braços, retomou precipitemento o caminho do rancho.

Quando ahi chegou vinha atracando a *Borboleta*, tão carregada que encalhou a muitas braças da praia. A' luz do seu pharolim escarlate descobriu logo o ma-

rido, que patroava a embarcação, erecto e alto na pôpa. Com o cansaço da corrida e o prazer extraordinario de o vêr assim de repente, a Maria Rosa quas teve um desmaio e, sem poder mais aguentar-se de pé, foi cahir sentada junto á porta do rancho. Mas ergueu-se logo, reanimada. E como o Pedro ainda não tivesse dado com ella, occupado agora com a companha em encher os balaios de peixe para aliviar a lancha e a puxar depois, desceu á batente do mar e gritou-lhe meigamente:

— O' Pedro, olha que eu estou aqui com a mamãe e o pequenino. Que demora foi essa, Santo Deus! Eu já andava como uma louca, sem saber o que fazer. E o que já chorei por tua causa... Nem tu calculas! Se não fosse o velho Lexandre, nem sei mesmo o que seria de mim...

O Pedro, expedindo de bordo os primeiros homens, que iam depondo em terra os balaios carregados, respondeu-lhe alegremente:

— Ora que queres, Maricas! Tive de tocar no Arvoredo, e por isso atrazei a viagem. Depois o demonio do vento não ajudava nada... Até ao Rapa foi um esfregar que não acabava mais. E só a poder de remos é que estamos aqui a estas horas, senão nem pela madrugada! Mas o peior já passou... Deixa puxar a *Borboleta* que isto está a acabar...

E, os pés fincados na bancada de ré, os hombros mettidos á longa vara de empurrar, deu um impulso mais á embarcação, que enxurrou então até á batente da praia.

A faina viva da descarga começou logo e, arrumado

todo o peixe no rancho, o Pedro saltou, entregando aos remadores a baldeação e a «puxada» da baleeira. Saudoso do lar, como estava, correu a abraçar a esposa e, n'um enternecimento paternal de marujo, tomou o filho nos braços e pôz-se a beijal-o loucamente, em meio as duas mulheres, sorrindo agora n'uma indizivel alegria. Depois, todos juntos, n'uma palração animada e n'um incomparavel contentamento, entraram a caminhar praia acima, em direcção á casa...

A'quella hora, para léste, na curva deserta do horisonte longinquo, apparecia o plenilunio, cobrindo de uma luz côr de flôr de laranjeira a cúpola immensa do Espaço. No arraial catharinense os lares adormeciam pouco e pouco, sob a dealbação magica do alto. A vasta praia dos Inglezes branquejava idealmente pela sua faixa de areias, onde o mar vinha bater em novellos espumantes de filigranas de prata. .

Rio, junho de 98.

O dia de S. João

(A Henrique Valga.)

Que feliz e festivo foi outr'ora, no doce lar de meus paes, o dia de S. João!

Na vespera, de manhã, começavam os preparativos para os festejos ruidosos dessa noite e da seguinte, porque meu pae e um dos meus irmãos mais moços se chamava João. A nossa casa, que amanhecera numa alegre lufa-lufa, offerecia o aspecto movimentado de uma lide extraordinaria, em meio a qual minhas irmãs e minhas primas, dirigidas por minha mãe, de mangas arregaçadas e brancos aventaes de peitilho e bolsos, não paravam, na urgencia agitada da confecção de doces de toda a ordem que deviam achar-se promptos até ás primeiras horas da tarde em que, então, a capital provinciana entrava a apresentar um ar domingueiro e de festa. Muito cedo, pelas 7 horas, mais ou

menos, eu e a Clemencia, depois de um leve e rapido almoço, comido as mais das vezes á préssa e quasi de pé, passavamos ao andar terreo, a botar para fóra, para a praia, para o mar, a minha canôa *Estrella,* que meu pae trouxera de Paranaguá, a bordo do paquete *Arinos*, do seu commando, para as minhas infantis diversões maritimas junto á costa, e que recebera esse nome rutilante e de ouro por suggestão de minha mãe, em lembrança da polaca *Estrella* onde meu pae andava quando com ella casou, em segundas nupcias, polaca que eu proprio chegára a conhecer, com os meus quatro ou cinco annos de edade, encalhada e abandonada já, por velhice e ruina, na praia de Cannavieiras, em que ficara a desfazer-se pouco e pouco ao continuo e marulhoso embate das ondas, conservando porém, ainda, orgulhosa mas já desfallecidamente, muito alçada ao de cima dos escarcéos triumphantes, a elevada prôa recurva que durante annos e annos tão vencedoramente lutara com as marêtas do alto mar e onde dois grandes golfinhos, esculpidos no pinho de riga a rudes mas expressivos traços d'arte, abriam e sacudiam ao ar, sinuosamente, as caudas terminadas em léque, perfeitamente em harmonia com os relêvos e entalhaduras da pôpa, de onde a grande estrella dourada que symbolisava o nome do navio desapparecera de ha muito, afundada nas espumas...

Impellida a canôa para o mar sobre dois pequenos rôlos de madeira, através a breve praiazinha arenosa, que se talhava aos fundos da nossa casa, em meio de uma das secções do cáes principal da cidade, e pela qual as grandes marés de agosto nas suas gigantescas

preamares invadiam e alagavam inteiramente a nossa loja, como que convidando a minha *Estrella* a vogar, após isso embarcavamos a palamenta indispensavel (remos, leme e velas) e largavamos a sulcar a bahia, ao longo do littoral, em rumo do Sacco dos Limões ou de Pregibahé onde iamos comprar, ás porções, feixes de cannas miudas, pinhões, rapadura e melado.

A Clemencia, de pé, sobre o panneiro da pôpa, um largo chapéo de palha á cabeça, os negros anneis dos seus cabellos cortados á nazarena esvoaçando ao vento, o seu habitual paletot de traspasse, feito de cachemira cinzenta e debruado de fita preta com bolsos e golla, como os de homem, a sáia de chita vermelha, accommodada contra as seccas pernas musculosas, como se fosse umas calças; a Clemencia, remando e patroando — emquanto eu, sentado no banco do meio e voltado para a prôa, remava tambem a remo-de-pá — dirigia a embarcação admiravelmente, como o melhor canoeiro, soltando ao sol e ás vagas, na sua constante expansibilidade e bom humor, uma série infinita e sonora de cantigas rusticas...

Era uma parda de quarenta annos, mais ou menos, a Clemencia. Muito feia e desairosa, se por acaso fosse negra, tivesse a fronte deprimida e o competente prognathismo, dir-se-hia uma chimpanzé. De estatura regular, magra, porém de hombros largos, os ossos volumosos e fortes, tinha os braços sulcados de veias salientes, grossos e rijos de musculos. Era extraordinariamente robusta, de uma saude resistente, poderosa, formidavel. Possuia uma força de gymnasta, podia bater-se com quaesquer homens: e eu a vi, algumas ve-

zes, quando por elles vaiada pela estranheza do seu todo de virago, affrontal-os frente á frente e fazel-os recuar, num legitimo e possante movimento de justiça e *revanche*. Tinha o rôsto sêcco, cavado, ósseo, com um nariz demasiado chato, a bocca disformemente rasgada, de tumidos beiços revirados. Parecia á primeira vista, um caso phisicamente teratologico, uma descendente directa dos antropoides. Physionomia rudemente inesthetica e de um aspecto másculo possuia, entretanto, uns olhos meigos e limpidos, e uma tal expressão de mansuetude e bondade que prendia a quem a via pela primeira vez e, principalmente, as senhoras e creanças. Analysando-se bem essa mulher, cujo moral tanto contrastava com o physico, pensar-se-hia que a Natureza a formára perfidamente, n'um desses seus raros mas terriveis e inexplicaveis momentos de dolorosa e pungente ironia. Era uma individualidade de uma indole naturalmente doce, placida, superior. Temperamento expansivo e alegre, trazia um constante e sincero riso na bocca, riso feliz de cordealidade e de amôr para todos e que attenuava grandemente a sua immensa fealdade. Creatura constitucionalmente boa, era de um moral adamantino: a sua alma jamais conhecera a maldade, a traição, a perfidia, pois que era só affecto, dedicação e carinho. Organização externa apparentemente viril, e até com um singular pendôr para vestir-se á masculina, essa mestiça era comtudo, no intimo, profundamente feminina: o seu pranto soltava se, sentidissimo, á menor reprehensão e o seu peito alcanceava-se de funda amargura quando alguma creança que ella amava, algum «filho de criação», acaso a tra-

tava com indifferença e desdem, ou parecia lançal-a em abandono. Imperava nella, acima de tudo, essa affectividade levada ao ultimo extremo e quasi mórbida, que caracteriza a raça negra. Sabia relevar e esquecer, com incomparavel generosidade, todas as offensas que lhe faziam, ainda as mais fundas e graves. O seu nome significava bem o que ella era — clemencia: e a sua bondade e virtude, simples e obscuras, estavam integralmente symbolisadas nessa palavra expressiva. Na freguezia da Lagôa, onde nascera, em Pregibahé e no Sacco dos Limões, sobretudo nestes dois arraiaes, não havia pessoa mais popular, nem mais querida, em geral. A sua individualidade, cheia de qualidades affectivas, de multiplas prestimosidades, profundamente serviçal, de uma alegria que podia dizer-se perenne e quasi intranstornavel, quando apparecia numa volta ribeirinha de caminho agreste, era extraordinariamente afagada pelas creanças e mulheres que de todos os lados a acolhiam num unisono de amistosa bondade, umas e outras exclamando em jubilo: «Olha a madrinha! Olha a comadre!» Porque ella, naquelles logares, contava, como ninguem, um sem numero de afilhados e compadres. E eu a vi, muitas vezes, indo em sua companhia, ser assim lêda e carinhosamente recebida, nesses pittorescos sitios insulares do meu Estado natal. Intelligente, sensata e muito arguta, embora analphabeta, era de uma actividade prodigiosa e não havia trabalho, nem investidura, nem incumbencia domestica, e mesmo de qualquer outro genero, que ella não desempenhasse de modo completo, irreprehensivel, cabal. Remava ou corria á vela numa canôa como o melhor

canoeiro, agricultava um campo como o mais integro trabalhador de róça, montava a cavallo com a destreza de um peão. Arrojada para tudo, affrontava sempre o perigo com admiravel sangue-frio e denodo. Nascera escrava e, como tal, servira a varios senhores; mas um dia, occasionalmente, trazida por um irresistivel, natural e legitimo impulso de deixar o captiveiro e libertar-se o mais depressa possivel, viera parar ao nosso lar, como «abonada». Tornou-se então, desde logo, um excellente auxiliar de minha Mãe e como um desdobramento, ou uma segunda pessoa della nas lides da casa. Quando se fazia necessario um homem para decidir algum negocio de monta fóra do nosso lar, era a Clemencia quem ia, porque eu, o mais velho dos filhos, não tinha ainda dez annos, e meu pae vivia sempre no mar, no commando dos grandes paquetes da Linha do Sul, passando sómente, de mez a mez, um ou dois dias com a familia. E por isso, em todas as vésperas do grande dia de junho—desde que me entendi por gente até á epoca em que comecei a tirar preparatorios — lá partia eu na minha canôa, sob o commando da Clemencia, para aquelles sitios visinhos da capital catharinense, a buscar a indispensavel «provisão de bocca» complementar da tradicional fogueira querida desses festejos de S. João...

Voltavamos do Sacco dos Limões ou de Pregibahé quasi sempre pela tarde, a canôa carregada de pinhões, de melado e rapadura, de grandes e grossos feixes de cannas miudas, dessas que são tão sumarentas e tenras que a gente chupa mesmo com casca, tendo apenas o cuidado de as raspar de antemão, ligeiramente

a canivete ou á faca. Descarregada a canôa pela Clemencia, eu corria logo a tratar dos fogos e da barrica de alcatrão para a grande fogueira.

Na mesma quadra da nossa casa — á rua do Principe, a principal do Desterro — tendo apenas de permeio um sobrado, ficava a loja do velho Antonio Mancio, antigo tenente-coronel da guarda nacional e rico negociante de ferragens, que, já em edade avançada, poucas vezes ali apparecia, deixando tudo entregue a um de seus filhos e socio, o João Cantalicio, então um bello rapaz moreno e pallido, de vinte a vinte e dois annos mais ou menos. Essa loja do velho Mancio foi um dos mais agradaveis pontos de attração do meu espirito, dos sete aos dez annos de edade. Depois do collegio, quando não sahia a excursionar pelo mar na minha querida *Estrella*, era para essa casa de negocio que eu me encaminhava, levado pela gentileza e bondade bem acolhedoras do Cantalicio, pelo encanto dos numerosos passaros canoros (uma das minhas mais vivas predilecções d'então) que elle tinha, em numerosas e lindas gaiolas de arame, e, muito particularmente, talvez, pelos artigos e coisas concernentes a navios que se vendiam na loja, taes como cabos e poliame de toda a ordem, folhas de cobre, lona, breu, estopa, alcatrão, verniz collar, fios de vela, agulhas de palombar, dedaes para costurar velame, remos, cróques, forquetas, arrebêm, passadores, macêtes para forrar cabos, bigótas, malaquêtas de cobre, ferro e pau, sondareza, agulhas de marear, barometros, barquinhas *patent*, chronometros, bandeiras, signaes, pharóes e mais uma infinidade de sobresalentes nauticos. Quando eu me

não entretinha, horas e horas, a vêr e remexer tudo isso, numa nervosa e insaciavel curiodade infantil, com absoluta tolerancia do joven associado da casa, tolerancia de que não raro eu teria abusado, supponho — ia abancar a uma pequena mesa de escripta, destinada ao caixeiro para lançamento de notas, mesa que se achava collocada no grande salão contiguo á sala da loja, que servia de deposito de cabos e mais objectos de navegação e, ahi, em pequenos cadernos fornecidos pelo proprio Cantalicio, punha-me a traçar a lapis ligeiras paizagens e «marinhas» (pois que já nesse tempo desenhava e já tirara o primeiro premio de desenho de figura na Aula do Manuel Margarida, um obscuro mas habil pintor provinciano) ou a copiar, para ter commigo no bolso, os versos mais conhecidos de Casimiro de Abreu e de Castro Alves, cujos volumes das *Primaveras* e das *Espumas fluctuantes* o moço commerciante muito prezava...

Dirigindo me á loja do Cantalicio, apenas chegava do mar, eu volvia instantes depois, carregado de uma variedade de fogos que minha Mãe me autorisava a comprar e que eu escolhia sempre tres ou quatro dias antes da véspera de S. João: eram pistolas de doze ou dezeseis tiros, rodinhas-de-fogo, fogos de bengala e de salão, busca-pés, cartas de bichas, foguetes do ar, etc. A' tardinha, então, é que vinha a primeira barrica de alcatrão — pois eram duas, a da véspera e a do dia — rolada pelo pardo Theodoro, criado da casa do velho Mancio e nessa época servente da loja, mas que depois estranhamente a deixou para se fazer sachristão. O Cantalicio, pelas relações de amizade com a minha

familia, presenteava-me sempre com alguns fogos: e era com esses que eu mais jubilava porque eram meus, só meus, e podia queimal-os, quando me aprouvesse, ás porções e á farta, com essa tão conhecida e natural propensão das creanças para acabar, ou melhor, destruir tudo de uma só vez e num instante. (A Sciencia moderna bem diz que a creança não é nem nunca foi o anjo que metaphisicamente todos, em geral, querem que seja, mas unica e perfeitamente um selvagem: assim ainda hoje, na infancia, á maneira do que se dá com a embryogenia humana, relativamente á evolução zoologica, se repete a vida do homem primitivo, desde o primeiro alvorecer da sociedade até á plena civilisação!)

Após o jantar, quando a ultima claridade dourada do crepusculo se afogava na cinza negra das Avé Marias, a Clemencia que, com a sua admiravel actividade, tinha socado de lenha a barrica de alcatrão — já collocada ao centro da rua, em frente á nossa casa—prendia lhe fogo com uma estopa embebida em kerozene: e a nossa fogueira de S. João começava a crepitar, alegre e esplendorosamente, com as suas altas e inquietas labaredas vermelhas que purpureavam vivamente as paredes dos prédios proximos, illuminando quasi todo o quarteirão e derramando, em torno, na grande noite de junho (ora limpida e enluarada, ou esestrellada, ora ennevoada e ameaçando máu tempo, mas sempre varrida de um vento fresco e cortante) um delicioso e confortavel calôr de lareira.

A Clemencia, como uma Luiza Michel mulata, porque, com a densa e curta cabelleira annellada, a cara

óssea e viril, o ar decidido e arrojado, muito se parecia com a celebre communista franceza que combatera vestida de homem nos fortes e ajudara a incendiar os edificios publicos de Paris e que eu vi um dia, em menino, em companhia de meu pae e do vice-consul de França Domingos Livramento, em julho de 1871, ao lado de Rochefort, o leonino ex-director do *Mot d'Ordre*, e no meio de uma multidão anonyma de outros revolucionarios da Communa, a aquecer ao sol de uma fria manhã hibernal no convés da fragata *Virginie*, fundeada então na bahia do norte de Santa Catharina, em viagem para a Nova Caledonia; a Clemencia soltava então a primeira meia-duzia de foguetes do ar, gritando jubilosamente «Viva S. João!» ou cantando com estardalhaço a antiga e conhecidissima quadra:

> Se o bom S. João soubera
> Quando cahia o seu dia,
> Viria do céo á terra,
> Grande milagre faria.

Já em a nossa sala de visitas, toda illuminada, como os demais commodos da casa, meninas e moças da visinhança enxameavam, d'envolta com minhas irmans e minhas primas, em festivas e adoraveis risadas. Pelas 8 horas, fechadas as lojas de negocio, chegavam o Cantalicio e meus primos, empregados no commercio, e mais ninguem, porque não havia convidados, porém, sómente gente intima e de casa. Então, o nosso lar tornava-se «um verdadeiro céo aberto», como dizia, radiosa, minha Mãe.

E a primeira queima de fogos começava; em cada

uma das tres largas janellas da sala, moços e moças, numa alacre e vivissima algazarra, accendiam pistolas e as apontavam para o alto, por sobre os telhados dos predios térreos fronteiros. Jorros seguidos de fogo d'ouro abriam-se logo, em illuminantes cascatas de fagulhas, arremessando ao ar, em cada tiro ou disparo, bolas de chammas azues que, semelhantes a meteoros, ou estrellas cadentes, descreviam, no Espaço escuro, estrellado ou enluarado, igneas e rapidas trajectorias aéreas, que só duravam segundos...

Emquanto isso, eu, de pé, á porta da rua, de sentinella á fogueira — que era o meu grande e incomparavel encanto em todos esses festejos — secundado pela Clemencia (que ora estava a meu lado, ora em voltas domesticas no interior do nosso lar) distribuia cannas, rapaduras e pinhões cosidos ao rapazio endiabrado e gritador da visinhança, aos pretos do ganho e aos catraeiros do tráfego, que de toda a parte affluiam e se adensavam, em chusmas, em torno á fogueira, pedindo, em prazenteiros e ruidosos vivas ao santo e ao dono da casa (aliás quasi sempre ausente e bem longe sobre as ondas do mar, em o vapor do seu commando) as costumadas dádivas de S. João. E quasi ao mesmo tempo que isto fazia, soltava eu foguetes do ar, busca-pés, rodinhas e numerosas cartas de bixas, estas ultimas mettidas todas numa lata vazia de kerozene e espocando numa fuzilada infernal. De vez em quando, queimava tambem, á uma, tres e quatro fogos de bengala que abriam, no encontro esbatido e harmonico de suas variadas côres luminosas — verde, rôxo, escarlate e azul — como um vago e admiravel clarão de aurora-

boreal, que dava ás pessoas, ás casas, á rua e ao céu um aspecto feéricamente radiante, magnificente, phantastico...

Após essa primeira queima de fogos succediam-se outras e outras, espaçadamente, sendo preenchida cada pausa ou intervallo por pequenas sessões de consultas ao Destino, sacudindo se dados e folheando-se livros de sortes, sendo o ledor-mór da noite o Cantalicio, a quem as moças assediavam ás vezes, ruidosamente, com pequeninas e graciosas reclamações ou queixas, quando as sortes sahiam desencontradas de suas aspirações ou desejos intimos, saturadas de ironia e humorismo, ou cheias de galhofa, sortes estas que ellas attribuiam ao espirito gracejador e improvisador do rapaz, dizendo-lhe numa adoravel balburdia:

— Não é esta! não é esta! O sr. enganou-se. Qual! Não é possivel! Isso não passa de invenção sua!...

Elle desculpava-se a rir, affirmando a verdade, mostrando-lhes o livro, apontando o assumpto escolhido, o numero da pagina e o da quadra que os pontos dos dados haviam indicado. Ellas, porém, protestavam ainda, repetindo a esplendida matinada de reclamações e risadas...

Depois tinham logar os jogos de prenda, recitações e cantos ao piano, e variadas marcas de dança, com que sempre findavam os festejos, já por alta madrugada, quando da grande fogueira festinante não restava senão um montão de tristes cinzas, através ás quaes o vento algido d'inverno revivia, ás rajadas, um circulo de brasas de ouro a despedir ainda um derradeiro e fugidio clarão de alegria...

Na noite seguinte se produziam de novo os mesmos fogos, sortes, jogos, cantos e danças, com egual senão maior alacridade e folia. A creançada das proximidades vinha outra vez receber, ruidosa e gulosamente, os seus quinhões de cannas, rapaduras e pinhões, tanto como os pretos do ganho e a marujada em festa, todos aos gritos expansivos de «Viva o S. João para o anno!» Os visinhos, como na vespera, ficavam até tarde, debruçados á janella, a vêr a nossa linda fogueira, os rostos espiritualisados de uma viva expressão de jubilo e batidos pelo clarão rubro das chammas...

Que feliz e festivo foi outr'ora, no doce lar de meus paes, o dia de S. João!...

Rio, 24 de junho de 1903.

Triste carta

(Ao capitão-tenente Rodolpho Ribeiro Penna.)

A luz d'ouro da tarde entrara já a esmaiar no alto, pela porta do rancho, quando o Lucas, depois de arrumada a roupa que estivera a cosicar, pegou de um pequeno maço de cartas e desdobrou uma, cujo papel já muito amarrotado e encardido indicava bem as vezes innumeraveis que andára a rolar nas suas mãos rijas e calosas de marujo. Recebera-a, havia um anno, em um dos portos de escala em que tocára o patacho. Era de sua mãe e occupava-se quasi exclusivamente de cousas que faziam o encanto da sua vida e a maior preoccupação da su'alma.

D'entre as raras missivas que tinha recebido naquella viagem, era essa, sem duvida, a que mais adorava, porque em suas linhas tortuosas e trémulas sua mãe lhe falava mais longamente da Laura, uma trigueira rapariga do campo que por uma linda noite de maio,

na festa da Cruz, lhe captivara o coração com os seus negros olhos fascinantes. E como era essa a ultima carta que lhe chegára de casa, li-a constantemente, nos vagares de bordo: e para isso enclausurava-se no rancho, mesmo nos dias festivos em que os companheiros baixavam á terra, a folgar.

Desde que deixára o Recife onde o navio tomára um fréte para Havana, que não recebera mais noticia da terra natal, não obstante ter escripto á sua mãe, communicando-lhe tudo isso, na ante-véspera da viagem. Demorára tres mezes nas Antilhas e sempre a mesma ausencia de noticias, lá, como n'aquelle porto da Patria, onde se achava agora fundeado o patacho.

Começaram então a surgir-lhe no espirito desconfianças, duvidas, presentimentos e apprehensões de toda a ordem sobre o que teria succedido á sua mãe e á Laura, sabretudo a esta, — desconfianças e apprehensões que só n'aquellas leituras suaves deixavam de escruciar-lhe tão intensamente o coração como quando, com o pensamento desoccupado e ocioso, se entregava de todo ás tristissimas conjecturas d'essa, para si e para todos que n'ella acaso se veem, bem penosa situação.

E assim, naquelle dia — um bello domingo de sol— deixára partir para a Alegria e as mulheres os seus camaradas, emquanto elle, sósinho e soturno, no isolamento da su'alma amantissima e saudosa, prazia-se em contemplar e beijar, no fundo do seu beliche, aquella carta adorada.

Virava e revirava o papel cujas dóbras, em certos pontos, entravam já a rasgar-se, soletrando de vagar

as palavras, na ternura embaladora do seu profundo affecto. Lia-o, relia o successivamente, mal a ultima phrase escoava, e só interrompia a leitura quando o sentido ingenuo e simples da narração se lhe baralhava no espirito, subitamente misturado e fundido ás imagens recordativas das cousas passadas, turbilhonando-lhe n'alma assim tumultuosamente evocadas.

Suspirava então, por momentos, respirando forte— e pousava risonhamente, como agradecido ao Destino ou a Deus, os seus grandes olhos negros em uma nesga azulada do céo da tarde, que se mostrava resplandecendo serenamente lá em cima, muito alto e de um setim delicioso, por entre os mastros e cabos. Depois, volvia outra vez á obsessão inebriante daquella leitura cara...

Mas a luz afrouxava pouco e pouco, e a sombra crescente ia ennoitando nostalgicamente os recantos afastados do pequeno angulo de prôa, onde já se sumiam na tréva as tres ordens de beliches, que corriam ahi, ás amuradas, como um velho mostrador de tasca.

O Lucas, com um ultimo suspiro melancolico, dobrou a carta, enrolando-a, com as outras, no pequeno maço, que tornou a atar com um fio de véla; e ia recollocal-o no escaninho da caixa, quando um outro embrulhinho querido saltou-lhe á vista, em uma recordação ineffavel.

Apanhou-o logo, carinhosamente. E como a claridade ausentava-se, fugindo pela abertura do rancho, veiu postar-se aos primeiros degraos da estreita escada de pinho que levava ao convéz. Ahi, sob a luz vesperal abrindo já pelo céo o seu pallio de lilaz, bei-

jou tres vezes o pacotinho precioso e entrou a desatal-o. Eram as petalas murchas de umas flôres que lhe déra a Laura, ao trocarem o adeus de despedida, numa manhã de partida em que as familias da sua freguezia natal, na faina das pescarias de junho, coalhavam alegremente as praias. Dessa manhã radiosa ficara-lhe perennemente n'alma o deslumbramento de uma grande felicidade.

Nesse dia, mal chegara a bordo, correra a collocar á cabeceira do beliche essa lembrança adorada. E só uma semana depois, no mar alto, quando as flôres se fanaram de todo, em meio aos vae-vens e emanações salitrosas das vagas, é que elle, amorosamente e com os olhos marejados de lagrimas, as foi guardar na pequenina carteira de lona, onde trazia piedosamente, como uma effigie sagrada, um retrato de sua mãe. Sempre que tocava nessas pétalas seccas, já quasi despedaçadas de tanto lhe rolarem nás mãos e de tanto serem beijadas, sentia como um extase de ternura algemal-o áquelle recanto da prôa, onde erguera o seu sacrario.

E por isso alli se detinha agora a rever docemente as reliquias do seu amor, ajoelhado diante da larga caixa de pinho, em cuja tampa erguida e dentro de um florão rude de arte, uma galera corria sobre uma esteira de espuma, com as gaveas enfunadas.

Estava ainda embevecido na contemplação dessas lembranças amadas, quando uma voz écoou lá em cima, para os lados da pôpa.

— O' de bordo! Allô! que bote vae á garra...

O grito passou, sobre a porta do rancho, as ultimas syllabas despedaçadas na rajada do vento.

O Lucas atirou logo a carteira para o escaninho, fechou a caixa de pancada e galgou a escada. No convés, para não dar uma volta muito grande, saltou o molinete, em direcção ao portaló. Ahi, com as mãos n'um brandal e em pontas de pés, porque a borda era alta, procurava descobrir o bote, quando outro grito estalou, rente á escada, meio afflicto e choroso:

— O' da prôa! Olha uma bossa depressa!... Uma bossa pela pôpa! senão vamos agua abaixo...

O Lucas, reconhecendo aquella voz, correu então para o alto, e, agarrando o chicote de um cabo que alli estava de rojo, jogou-o á agua gritando:

— Aguentem, rapazes, que lá vae o virador!...

O virador sibilou por momentos, indo cahir sobre o mar, em innumeras duchas sinuosas, como um reptil monstruoso: e o escaler appareceu, descahindo na corrente, junto ao espelho da pôpa.

Era o bote de bordo, que fôra pôr em terra o piloto, e que, já de volta, ao atracar ao patacho, ficára preso da vasante, por esse tempo de uma tal velocidade, n'aquelle porto, que levava muitas vezes barra fóra as pequenas embarcações. Depois só quem conhecia o local podia atracar com segurança. Mas os remadores do bote eram «marinheiros de primeira viagem», o Luiz e o Leão — dous rapazes de treze annos, inexperientes e que não conheciam o mar senão nas suas costas do sul, onde, de menino, cruzavam constantemente as ondas em pequenas canôas e lanchas.

Os dous, ao fazerem a atracação, em vez de encos-

tarem á prôa do patacho, deixaram o escaler cahir demasiado á ré, e de tal modo que, entregues ao poder da correnteza, apezar de apertarem as remadas, não lograram alcançar o costado, mettidos no reconcavo do leme, onde as aguas remansavam. Anoitecia, porém, e elles, cansados já e sem forças, receiando o turbilhão que fatalmente os arrastaria barra fóra, entraram a gritar pelo Lucas, que estava ao momento no rancho.

Ao verem o cabo, os dous pequenos apegaram-se rijamente a elle, e, dada uma volta com o chicote ao arganéo de prôa, alaram o bote para vante. Quando chegaram á altura do costado onde se arqueavam os turcos, o Lucas, safando as talhas para içar o escaler, disse-lhes gracejando:

— O' seus lôrpas, para outra vez mais sentido! Olhem que isto aqui não é tresmalhão!...

E volveu para o salto, a rir-se muito com os seus dentes brancos.

Içado o bote, emquanto o Luiz dava volta ás talhas, o Leão tirou d'entre os embrulhos que trouxera de terra um estreito enveloppe azulado e foi leval-o ao Lucas, que, de pé sobre a borda, começava a ferrar o tôldo. Como o Leão lhe estendesse a carta, largou por instante o trabalho e, o rosto radiante de jubilo, abrindo o sobrescripto, que reconheceu ser de sua mãe, entrou a soletrar nervosamente, para si, em silencio, as primeiras palavras.

Mas os rapazes, ao outro bordo, abafavam já o tôldo, que bojava na retranca com o seu ruge-ruge de lona.

O Lucas então metteu a carta no bolso, para a lêr depois, com vagar, no recanto remansoso do rancho. E apressava o serviço, lidando destramente com o panno, n'uma disposição que lhe accendia no peito toda a alegria dos seus vinte e tres annos.

D'ahi a pouco, dada a ultima vista-de-olhos ao convéz e á camara, desceu a escada de prôa, solfejando a meia voz a primeira quadra do *Adeus do Marujo*, fitando alegremente as estrellas que vinham já entretecendo no Azul um crivo d'ouro flammante.

Em baixo, mandou que os rapazes se arrumassem e abrindo o pequeno deposito de objectos de bordo que ficava contra a antepara de ré, tirou d'elle o pharolim do rancho. Mal o accendeu, collocou-o num travessão ao centro, dirigindo-se para o beliche, a cantar ainda vagamente uma estrophe da canção:

«Ala braços! caça a escôta
Aproveita a viração!
Acompanha-me, saudade,
Já que vou sem coração!»

E inclinando-se, arrastou a caixa até ao pé-de-carneiro, onde ardia o pharolim: tirou a carta do bolso e, arrojando para longe o cigarro, recomeçou a leitura que deixara apenas encetada.

De repente estacou, levantando a cabeça — a fece livida, os olhos desvairados. Fixou a luz por instantes as pupillas duras, os cilios sem movimento. Parecia accommettido de uma loucura subita, com a carta fechada nas mãos. Tremia todo, n'uma ancia. E lagrimas silenciosas fluiam-lhe das pálpebras, tristemente...

Ficou assim muito tempo. Depois sacudiu os hombros vagamente, como na acceitação resignada de uma grande dôr, de um golpe sobrehumano. No entanto, talvez ainda incerto da verdade, baixou de novo a cabeça e tornou a lêr a carta. A soletração sahia-lhe agoran uma gaguejada e soluçada convulsão... Mas não pôde proseguir e, erguendo se de um salto, como um leão ferido, o papel amarrotado entre os dedos, atirou-se para a tólda gritando:

— Jesus! Jesus! Que afflicção!...

Era a carta que lhe trouxera a noticia esmagadora do casamento da Laura com um capitão de navio, havia quatro mezes. Sua mãe lhe narrava ahi, com essa logica genial e laconica que as mulheres tem, sempre, quando inspiradas pelo sentimento, a historia mortificadora d'aquella traição.

O Lucas, a principio atordoado, mal pudera acreditar na veracidade d'aquellas linhas tremulas; mas, lendo-as e relendoas ainda, comprehendeu por fim toda a sua desgraça. E, alma ingenua e primitiva, como um louco e sem poder conter-se sob os destroços do seu amôr, repentinamente desfeito, saltou para a tólda, levado n'uma rajada de desalento e de angustia

A treva já havia cerrado de todo. A brisa fresca da noite como que o acalmou por instantes. Encaminhou-se então para um recanto do castello e, debruçado da borda, n'uma saudade inexprimivel da Amada, agora perdida para sempre, rompeu a chorar outra vez, diante do immenso Oceano e sob a grandiosa abóbada do Firmamento, áquella hora, e como nunca, resplandecente de estrellas!

No meu sitio natal

*(A' illustre poetiza catharinense
D. Delminda Silveira).*

A minha vida, ha annos, expandiu-se alegre e feliz. Era o dia da festa do Espirito-Santo no logar onde nasci. Domingo assim como esse, delicioso e ineffavel, jámais eu o passara na provincia, e delle me ficou, no espirito, uma lembrança indelével.

Fôra á luz fria e livida de uma aurora de começos de inverno que eu tornei a avistar, emocionado, depois de tres lustros de ausencia, a esmeraldina e magestosa planura dos campos de Cannavieiras, sahindo, fresca e pittorescamente salpicada de liquidos diamantes de orvalho, da espessura *sfumatura* alvadia da bruma alvoral e do arrepio gélido do rio, que a atravessa de norte a sul em rutilas sinuosidades infindas, espelhando o céo azul.

E, galgando á pressa a rustica ponte de madeira que une as duas margens do Ratonnes em toda a lar-

gura da velha estrada-real que ahi deixa os empinados pedregosos e barrentos das collinas de Morretes para ampliar o seu pavimento colleante nas verdes planicies risonhas do Bom Jesus e da Varzea, — eu caminhava a passo estugado e seguro para a casa da tia Josephina, uma santa de bondade e virtudes, e que era a esposa amantissima e muito amada de um irmão de minha Mãe.

Embalado pela cadencia da marcha e confortado já por uma forte circulação que desfazia agora o entorpecimento e gelidez da longa inacção em que passára toda a noite, subindo o rio, mal acommodado e numa só posição no fundo estreito e humido da pequena canôa, pascendo os olhos longamente sobre a immensa e possante Natureza e sobre cada humilde e fragil habitação — eu recordava, saudoso, os meus irrequietos dias de infancia, consumidos alli, a estrafegar em correrias ingenuas, desenfreadas e loucas, ou em assaltos ás frondes d'arvores e aos ninhos por aquelles campos e montes. Já lá se iam quinze annos, mas não mudára o aspecto das coisas!

A casa que fôra outr'ora de meus paes, cercada de laranjeiras e cafeeiros tufados com o engenho da farinha ao pé, branca e risonha na loura luz da manhã, dessa gloriosa manhã de junho, cortada do bom cheiro agreste e saudavel das ameixieiras, com as suas folhas de verde-escuro e os seus fructos dourados, e redondos, fazendo lembrar uma grande vestimenta verde, e semeada de guizos, de algum gigantesco arlequim que se houvesse immobilizado numa attitude firme e aprumada de soldado — bulhava e ria pelas suas janellas

abertas, penetrada de calor e de luz, numa ampla satisfação de animal tolhido e friorento que saboreia, estirado, a morna caricia do sol.

Os outros lares, na maior parte compostos de casinhas vermelhas, mal acabadas, de paredes feitas de um barro cuja fragilidade se mostra em risquinhos tremidos de myriades de rachas onde se vêm, bem fundos, os sulcos das mãos que serviram de improvisada colher-de-pedreiro na sua construcção — dir-se-iam espiar, escondidos, como pessoas acanhadas que não querem ser vistas, o largo e accidentado caminho do sitio, dentre grossas e altas touceiras de bananeiras cujas folhas, largas e tenras, o vento tesoura em franja.

Grupos sonoros e coloridos de lavradores, mulheres e crianças, excursionavam a pé até á freguezia, linguarejando e rindo forte, á monotona cedencia dos tamancos que batem nos calcanhares. E familias mais abastadas, vindas de longe, apinhadas sobre o estrado dos carros, enfeitados e cobertos com colchas vermelhas de chita, que juntas possantes de nédios bois luzidios arrastavam lentamente pela estrada, sob a ramagem dos espinheiros floridos — passavam, amollentadas pelo tédio, amarrotadas, ensomnadas e bocejantes, na lentidão e no chiado fastidioso e nostalgico dos vehiculos.

Rapazes, entre vinte e trinta annos, de rosto queimado pelas largas soalheiras apanhadas nas roças e nas praias, exhibiam-se ante as bellas raparigas palreiras, socadas de hombros e de grossas cinturas carnudas, fazendo saltar e atormentando a relhaços, num enthusiasmo prosa de matuto, os seus ossudos e ma-

gros cavallos enlameados que enchiam de galopes e rangidos de arreios novos todo o percurso da estrada.

No adro do templo, de onde se avista ás vezes, muito longe, a branca alegria de uma vela latina palpitar sobre o mar que faisca ao sol — alinhavam-se festivamente, na direcção da porta principal aberta ao lado esquerdo da pequena torre caiada, cuja agulha negra e de ferro demandava risonhamente o Azul, dois renques de esveltas palmeiras, cheias de festões de flôres, mas desviçadas já pela luz e os ventos, e que desciam ladeira abaixo até uma grande barraca de lona onde se leiloavam fructas e massas a grandes bérros roucos.

Em meio á multidão, accumulada em redór na vasta praça quadrada erguida ao fundo em outeiro e onde domina plenamente o alto cruzeiro negro abrindo os braços no céo — a bandeira escarlate do Divino, com a haste elevada em triumpho, entre as mãos possantes e grossas de um roçeiro de ópa, balouçava solemnemente á brisa fresca dos campos, coroada pela Pomba-Espiritual que, d'azas puras abertas, alvejava no tope altaneiro, abatendo-se ou pousando, de momento a momento, sobre aquelle mar de cabeças, para receber os beijos devotos das crianças e velhos, dos rapazes e moças, por entre o seu glorioso pendão de fitas multicôres. Em torno rufava alegre o tambôr, emquanto o côro rouco dos foliões esforçados lançava ao ar, com fervor, as notas arrastadas e trôpegas de uma antiga melopéa christã. .

A's Ave-Marias, ás chammas rubras e saudosas das fogueiras de grandes tóros, espancando a treva e o frio no adro com os seus largos e ardentes clarões trium-

phantes, novena rezada engroladamente pela voz grossa e de *basso* de um padre gordo e preguiçoso, de cogóte curto e em rôsca, o rosto rosado e fresco como o de um cherubim de painel conventual.

E mais tarde, pelas 8 horas, as voltas e vira-voltas na praça, em redór da vasta barraca de lona, illuminada por coloridos lampeões de papel, de elementar e tôsca factura roceira, á frouxa luz dos quaes os namorados audazes beliscam furtivamente o braço roliço das cachopas amadas, que não gritam nem se queixam ás mães por estarem ainda gozando as saborozas amendoas e brôas que a gente compra em tumulto, por entre os fortes apertões do povo, logrando as pretas doceiras do adro...

Depois, a deshoras, começa a enorme debandada ou exôdo das gentes recolhendo aos seus lares, proximos ou distantes, ao longo de caminhos e atalhos que meandrosamente se estendem, por entre pautas de murmurosas ramagens, pelas planicies e morros. Os moradores d'ali, da freguezia, da Rua Velha e de Morretes somem-se logo em suas habitações cahindo, após a ceia costumada, no seu pesado somno aldeão que termina sempre, intranstornavelmente, quando na mysteriosa e melancolica solidão da Natureza em penumbra começam a desenhar-se luminosamente, a léste, as primeiras barras do dia, ou quando, no céo ainda de um azul-ferrête mui denso, se destaca, como uma aérea e gigantesca sempre-viva de ouro, soberana em esplendor, entre os demais astros, a gloriosa Estrella da Manhã.

Mas os que vieram da Varzea, do Rapa, dos Ingle-

zes, do Rio-Vermelho e das Aranhas, esses se espalham agora pela estrada-real e pelos atalhos e trilhas, avançando para as casas nas suas prodigiosas marchas a pé, nos seus matungos trotadores ou nos seus morosos e rechinantes carros-de-bois. Em algazarra incessante e festiva, em risadas ou em cantigas sonoras e simplices — ás vezes em ambas as coisas ao mesmo tempo — esses alacres bandos de romeiros são recebidos, em frente de cada habitação, pelo latir desesperado e raivoso dos possantes molossos guardadores de gado ou dos zeladores cães de vigia, que entretanto não ousam sahir ao caminho entrincheirados como estão entre as sébes dos terreiros fechados pelas porteiras. A essa hora, a lua que surgiu cedo descamba já para oéste ou então, se surgiu tarde, galga serena o zenith, abrindo sobre a Terra a sua immensa, transparente e luminosa umbrella fina de linho. De instante a instante, um silencio mais alto cresce e pesa sobre os campos. As risadas e a doce e saudosa toada dos cantares matutos vão pouco a pouco recuando para além. E no adro da fraguezia onde a egreja se ergue, cheia de mysterio e silencio na solemne e apavorante atmosphera mystica que sempre e por toda a parte envolve os templos pela calada da noite — as grandes fogueiras de tóros expiram lentamente, sobre um denso montão de cinzas que o sopro gélido do vento revólve de quando em quando, revivendo ainda nos tições carbonosos vagas brazas vermelhas qve, apagando-se e accendendo-se, illuminam agora fugidiamente o cruzeiro, como grandes reticencias de sangue...

Rio, fevereiro de 1902.

O pequeno de bordo

(A Justino de Montalvão.)

A tarde lenta declinava. Esmaecia a luz de amarello rutilo, pelo céo e sobre as aguas. Nem o doce triangulo de uma vela, nem as aligeras e alegres azas queridas dos passaros marinhos, nem a tufada silhueta em crivo de uma ilha risonha ou o longinquo e saudoso recorte branquejante de uma costa continentel, se desenhavam de leve na deserta e desolada amplidão do Atlantico. Era entretanto na altura dos ermos littoraes saharianos da Africa, mas já ao mar muitas milhas e deixadas para traz as grandes calmas da Linha. Vagas altas e espaçadas rolavam, umas após outras, incessantes e sem fim, como immensos zimborios rugidores de esmeralda liquida, aqui e além mosqueados de alvas espumas ferventes.

A barca corria n'uma cochada bolina. Com todo o panno caçado, apezar da rija corda de sudoeste ber-

rante, avançava para o sul, ás bordadas continuas, em demanda do Brazil.

A'quella hora, em cima, no amplo convés e tombadilho do navio — um bello velleiro e forte casco algarvio de Faro, que já andára na carreira d'Inglaterra, d'Australia, do Canadá, do Baltico, do Mediterraneo e da India — toda a pequena tripulação, dividida em dous ranchos, de seis homens cada um, espairecia satisfeita, de mistura com a gente de quarto, estirada sobre o castello abahulado e debruçada ás bordas oscillantes que as vagas lambiam, a gosar as ociosidades e prazeres do bom tempo que trazia a *Gaivota* desde a sahida de Lisboa e que, com as magnificencias radiosas d'essa primeira tarde tropical no hemispherio do sul, se tornavam irresistiveis mesmo áquelles que tinham velado toda a noite, sob o largo e alvo velame enfunado, á luz d'ouro das estrellas, tão amigas das almas marujas que, através o suggestivo silencio espiritual das noites sem névoa ou borrasca, constantemente as amam e fitam enternecidas, na saudade e nostalgia do seu povo, da branca egrejinha festiva em que foram baptisados, da sua aldeia natal e dos seus entes queridos.

Isto passava-se á prôa. A' ré, sobre a espaçosa tólda muito limpida onde se erguia a meia-laranja radiante de metaes recortados e polidos, o homem de governo, olhando as velas e a bussola que se erguia deante delle numa pequena columna cylindrica de ferro, de um metro de altura e coroada por uma caixa dourada circular, a bitacula, fechada por um espesso e largo vidro de crystal — fazia girar de vez em quando

a roda do leme, aproveitando bem a bordada e mantendo a rumo o navio. O piloto, ao lado, dirigia a navegação, repartindo todos os seus cuidados e olhares, toda a sua attenção e pensares, não só pelos recantos geraes do fragil lenho oscillante, como pelo Firmamento e o mar. Um pouco ávante, contra o portaló, a bombordo, meio voltado para a alhêta, o contra-mestre, com as mãos erguidas á altura dos olhos, assestava o oculo para além, para os lados nevoentos do horisonte a nordeste, por onde, havia tres dias, se haviam saudosamente sumido as Canarias, com as suas ilhas pittorescas — Teneriffe, Fortaventura, Lancerote, Ferro, Las Palmas. E o capitão, como nenhuma novidade surgia e o tempo se mantinha seguro, descera ao camarim do commando a escripturar o *Diario Nautico*, pôr o «ponto» na carta, marcar as coordenadas do navio.

N'esse instante, o moço-da-camara, sahindo d'entre vante do mastro do traquete, tendo nas mãos uma gaiola de arame, onde um lindo canario belga trinador saltitava alegremente, côr de ouro e côr de sol, approximou-se da amurada para sacudir os residuos d'alpista que salpicavam as táboas do fundo e comedoiro — quando, n'um balanço mais rijo do casco, inopinadamente, a gaiola escapou-se-lhe dos dedos, rolando logo nas ondas. Rapido, agarrando de um cróque, saltou para a mesa das malaquetas que pautava a borda prôa á pôpa, e foi sobre ella a correr, brandindo com destreza o pequeno apparelho nautico, para vêr se apanhava a gaiola com o seu querido canario. Já ia quasi a transpôr o portaló, mas todos os esforços eram em balde : a gaiola voava na singradura da barca e amea-

çava ir a pique. Então, estabanadamente, e sem mais querer ou poder reflectir, como um louco, no desespero ancioso de vêr perder-se para sempre e ali morrer sem soccorro o seu pobre passarinho—jogou-se audazmente aos vagalhões, sem ao menos tirar o grosso jaquetão que vestia.

Quasi ao mesmo tempo a equipagem de prôa, que seguira a principio com jubilo e traquinada do pequeno (um perfeito gymnasta) pois se acostumára desde muito a tantas outras que elle de continuo fazia, apprehensiva e emocionada de repente com aquelle inesperado arrôjo do rapaz ás vagas, arrôjo que lhe parecera antes uma quéda—gritou forte para ré:

—Gente ao mar! Gente ao mar, *sôr* piloto!

O contra-mestre, que era o tio do menino, pousou de chofre o oculo na gaiúta e precipitamente apanhando um salva-vidas, que arrebatou ao jardim dos balaústres, atirou-o impetuosamente ao mar, pôpa fóra. Mas, como estava bom tempo e o sobrinho nadava como um peixe, pouco se impressionou com aquillo.

Apenas ouviu o grito da maruja o piloto, chamando marinheiros a postos, mandou bracear vergas baixas, fazendo atravessar o navio para uma prompta virada de bordo. A *Gaivota*, porém, levava um grande seguimento, na sua cochada bolina, e, quando entrou de vez na virada, já o pequeno tinha ficado para traz muitas milhas.

Com a matinada da manóbra o capitão surgiu immediatamente no tombadilho, mandaedo prestamente safar o escaler dos picadeiros e engatar as talhas dos turcos, para o arriar no momento opportuno, quando

a barca enfrentasse o Pedrito,—tal se chamava o robusto rapazola da camara do bello casco algarvio.

Entretanto, nesta pequena e angustiosa singradura de soccorro, o navio passou muito longe do pequeno, em virtude da violencia das aguas que o sodueste durissimo impellia para o quadrante opposto, como uma bala, com rapidez incrivel. Mas o Pedrito, possante e intrepido nadador que era, na força ascendente dos seus quatorze annos sadios, bracejava animadamente ainda contra os gigantescos torvelinhos das aguas, e parecia agora, pela distancia e o maroiço bravio, um pequenino ponto negro boiante, que já mal se avistava de bordo e que rolava e fugia para além, para além, sobre a crista espumante das ondas.

O capitão mandou atravessar e aprôar novamente para elle. E ainda outra vez, com profundo desanimo para toda a compânha, apezar da promptidão das manobras, o navio não logrou alcançar o Pedrito que cada vez fluctuava mais longe, mais longe...

Já os vivos dourados flammantes do sol desbotavam pouco a pouco a oéste, emquanto a vasta faixa oriental do horisonte se encinzava tristemente. Parecia que no alto Espaço azulado se ia imperceptivelmente esfolhando toda uma doce floração de lilazes e lyrios. E o infinito e desolado oceano cambiava tambem lentamente a alacridade azul-celeste das suas aguas n'um azul-ferrête muito denso, lúgubre e sinistro.

Agora, a bordo da *Gaivota*, uma immensa afflicção e tristeza esmagavam os corações. O desalento era geral. Ninguem tinha mais esperança de salvar o pobre Pedrito. E o velho contra-mestre, de pé contra a

borda, não cessava um momento de olhar o pequenino ponto negro boiante, onde se lhe ia agora a propria alma, dilacerada e vencida sob uma angustia sem nome: as lagrimas saltavam-lhe dos olhos duas a duas, rolando-lhe após pelo seu venerando rosto septuagenario, que o sol e a edade haviam conjunctamente queimado e pergaminhado, em meio de incomparaveis emoções, durante os seus longos, ermos, trabalhosos e tristes annos de mar...

A aérea poeira carbonosa do crepusculo augmentava de instante a instante, com o desapparecimento derradeiro dos ultimos dourados do sol. E assim nada mais foi possivel distinguir sobre as aguas, que o sudoeste cada vez mais intensamente sublevava, ás rajadas.

Tambem agora se tornava impossivel, e mesmo vão totalmente, atrazar por mais tempo a derrota da barca. Accêsos os pharóes, que lançavam sobre as vagas longos rastos luminosos — brancos, verdes, escarlates — o bello casco velejante da *Gaivota* retomou, airosamente, o seu rumo.

E o capitão, que entrava agora de quarto, vendo de novo a navegação encaminhada, foi encostar-se á gaiúta, gritando para o homem do leme:

— E' aguentar n'essa prôa. E andar assim, que é bom andar...

No emtanto, não se viu mais o Pedrito: elle, como o seu querido canario, desapparecera para sempre, amortalhado, como num sudario alvinitente, nas marulhosas espumas das vagas.

A noite cerrára de todo. E a lua, surgindo na linha

afastada e nostalgica do horisonte a léste, começava a desenrolar o transparente sendal da sua luz nevoenta e de prata pelos páramos silentes do Infinito e sobre a immensa solidão do Mar.

Rio, março de 1903.

O Noivado

(A Emilio Simas.)

Era uma tarde tranquilla e fresca de maio.

Um grupo alegre e festivo de gente d'aldeia, á frente do qual vinha uma rapariga de branco pelo braço de um rapaz grosso e desageitado, de sorriso triumphal, mettido no talhe exquisito de um arruinado frak de panno ainda luzente nas costuras da ultima passagem do ferro — descia, lento e palrador, o relvoso adro da egrejinha amarella onde pastava o «baio» do cura, socegado e feliz, erguendo de vez em quando a cabeça e voltando o pescoço para olhar aquella boa familia em festa que por alli passava.

O ruido fino e miudo de um pequeno sino, pendendo de uma corda amarrada a um travessão de madeira firmado em dois páus ao alto, ao lado direito do pequenino templo — vibrava vivo no ar, num contentamento de sons que o badalo fazia, desforrando-se da

longa mudez melancolica, a que o condemnava a raridade das festas. E assim tangendo-o, numa preoccupação de profissional e de artista, o sachristão esforçava-se, jogando dextramente ao Espaço esfuziadas de notas nitidas e bem rhythmadas.

Na frente dos noivos corriam pela estrada, dispersos, numa immensa e jocunda algazarra, os meninos da visinhança, ante-gostando já na sua gulodice insaciavel e devoradora, o sabor das deliciosas brôas de polvilho, tão communs nessas bodas dos sitios, tão torradas e tão tenras que se esfarelam no paladar.

Moças curiosas, saudaveis e de faces da côr dos morangos maduros, o olhar accêso e inquieto, assistiam á passagem do noivado com risinhos maliciosos e espertos, a beliscarem-se entre si, num cochicho zumbidor de colméa, debruçadas nas porteiras.

Os canarios loiros, os pardos que amarélam ao sol mezes depois de nascidos, e os colleiros luzidios que devoram, em bandos rapinantes, os arrosáes viçosos pelas margens dos banhados — chilreavam alegremente nos espinheiros da estrada, onde as roseiras silvestres, tocadas de flôrzinhas de nacar, se misturavam ás perfumosas boas-noites, estrellando festivamente as cêrcas com as suas pétalas sulferinas e de um recórte delicado.

No céo o sol escondia já a sua luz magica e d'ouro por traz dos montes de oeste.

E d'ahi a instantes a cinza fina do crepusculo principiava a cahir, negra, silenciosa e nostalgica...

Desterro, 1887.

No mar

(A' senhorita Flora de Brito.)

Corriamos a todo o panno.

Um sôpro rijo de norte encrespava a toalha immensa das aguas, enchia as velas e deitava o barco na linha marulhante do rumo.

A tarde estava limpida, transparente, encharcada em sol. Enchia-nos os pulmões, em amplas aspirações, revolvendo-nos os cabellos, a brisa fresca do oceano.

Em frente, na margem opposta do largo canal, contornos recortados de montanhas, esfuminhados na poeira azul da distancia, erguiam relêvos extensos e melancolicos na rubente explosão do occaso.

Pela pôpa, ao longe recuando, recuando sempre de nós, num afastamento saudoso e confuso, a brancura recolhida do frontal da egrejinha de Canavieiras, que

ficava num morro, fazendo surgir em a nossa imaginação de emigrados o viver feliz e cantante de outr'ora.

E que nostalgia funda e desconsoladora de minha Mãe, dos meus que ficavam, e da Ritta, uma linda companheira do *Tempo-será* e da aposta a capote, na raspadura da mandioca, pelas longas e troviscosas noites de inverso, nos engenhos cobertos de palha, mal alumiados pelas antigas candeias de quatros bicos, no tempo das farinhadas!...

Que nostalgia, ó Mar!

Santa Catharina, 1884.

A' Luz das Estrellas

(A Lydio Barbosa).

Ao gradil da larga varanda de madeira do grande predio acaçapado da fazenda cercado de laranjeiras e cafeeiros tufados e adormecido já sob a noite avançada no solemne e profundo silencio dos campos, um vulto de mulher assomara de repente, em gestos mysteriosos, a passadas nervosas, inquietas, hesitantes. Ora voltando-se para a porta de onde sahira e que deixara cautelosamente cerrada, sem o minimo rumor, ora como que sondando com um fundo olhar rebuscador e ancioso a sombra espessa das ramagens em torno, deslisou apressada para os balaustres da escada que descia ao terreiro sob uma pequena latada aromal de rosas e trepadeiras. Ahi estacara por instantes, protegida por esse estranho docél de renda de verdes folhas miudinhas e alçadas corollas abertas que

lhe afagavam em frescas caricias vegetaes o collo, as faces, os cabellos — quando uma figura de homem corpulento, surgindo dentre o laranjal, correu ao seu encontro e pegando lhe de uma das mãos fortemente, murmurou numa arrebatação e num enlevo:

— Vamos, querida! A noite está deserta e silenciosa: resonam os lares. O que tu ouves não é senão a monótona zoeira das arvores ao vento, o latir rouco e melancolico dos cães, ou o pio longinquo de alguma ave nocturna que esvoaça lá para os lados da egreja. Teu pae e teus irmãos nada sabem. Os escravos já dormem. Enrola-te na minha capa, dá-me a tua mão. Vamos!...

Mas a donzella hesitava, olhando ainda o predio, a varanda, as arvores, o campo immenso, tudo indeciso, confuso, somnolento, apagado na treva, — e após ergueu o olhar ás estrellas que se ostentavam idealizadoramente lá acima, no céo muito alto, com os seus pequeninos olhos d'ouro, tremeluzentes.

Por fim, entregou-se de todo ao seu bem-amado, deixando o destino, a felicidade, a belleza, a vida correrem acordes ao seu coração, no tumulto absoluto e absorvente do Amor que tudo irresistivelmente, heroicamente, bemditamente sacrifica á sua consummação.

E elles partiram ao longo de meandrosos atalhos e trilhas, á claridade frouxa, muito vaga, quasi imperceptivel, dos belmazes altissimos dos astros, radiando magicamente, encantadamente, na incomparavel vastidão do Infinito.

Iam felizes, unidos, cochichantes naquella ineffavel aventura, ardente e complicado episodio de romance,

que o amor enchia de energia e audacia, ao mesmo tempo que um calafrio de medo os invadia e traspassava, quando alguma rajada mais rija açoutava as ramarias.

Numa volta da estrada, em que a vegetação se descerrava como num rasgão de clareira, a brancura de uma pedra musgosa paralysou os subitamente num susto, destacando-se, terrivel e apavorante, d'entre a negra espessura das capoeiras, quando um pyrilampo passou faiscando rente. Depois, um novo sobresalto colheu os, ao enfrentarem uma larga porteira de engenho, de onde se avistava, á pequena distancia, em meio ás plantações, uma enorme figura de homem, vestida de branco, ameaçando, com uma vara na mão a quem porventura ousasse acercar se. Pararam outra vez por instantes, observando attentamente o vulto, muito achegados aos espinheiros do outro lado da estrada e occultos na sombra densa de suas altas frondes rendilhadas, através de cujas malhas tremulantes espiavam as estrellas, essas adoraveis, louras e luminosas veladoras do Espaço, durante o curso nostalgico e desolado das noites. E apenas os dois amantes reconheceram que o «homem» não passava do conhecido espantalho feito sempre na roça para afugentar os passaros e macacos rapinantes dos milharáes em semente e maturidade — retomaram o seu caminho.

Mais adiante, porém, um ruido de patas que lhes deixou no peito anhelante a palpitação de um perigo — elevou-se e foi morrer longe, cortando o ar na direcção do rio. Aqui e além então, os latidos roucos dos cães se tornaram mais intensos, menos espaçados, echoando merencoreamente em meio ao silencio augus-

to, mysterioso, espiritual e solenne das altas horas da Noite.

Tremulos e offegantes, estreitamente enlaçados, caminhavam agora precipitadamente, como se algum tropel os seguisse pela espessura das arvores, das moitas, ou pela vasta amplidão desafogada e livre das immensas pastagens em sombra.

E assim chegaram a um rancho, onde os esperava uma grande canôa de vóga tripolada por negros. Embarcaram. E logo uma voz precipitada e viril vibrou de rijo:

— Larga!

Então, em seguida, um marulho fresco e crystalino d'agua mansa sulcada, se ouviu, afastando-se por entre o ranger secco e compassado dos remos a cantar nas toleteiras concavas.

Nesse momento, como minutos antes, um grito possante e formidavel golpeou o espaço, n'uma prolongada estridencia, perseguidor e alarmante:

— Ladrões! Assassinos!...

Era o Vicente, o filho da Andrêza, um verdadeiro «québra» dos sitios, rapaz arrojado e valente, que, ao recolher a cavallo da sua costumada perambulação nocturna, ouvira vozes de homem falando no rancho, e então, batido da curiosidade de saber quem estaria de viagem por uma noite assim escura, promettendo máu tempo — lançara-se a galope até perto, deixando porém, para não ser presentido, o seu gordo e fogoso *Tordilho* bem amarrado e occulto entre os vassouraes da estrada, a alguns metros do porto. Ahi, agachado, attento, quedara-se cautalosamente a espreitar: os

seus olhos de roceiro noctivago, varando o ambiente escuro, iam pouco e pouco dominando todo o terreno em volta, com uma grande nitidez de visão. E elle poude descobrir uma grande canôa que fluctuava sobre a faixa negra do rio onde, arrumados e bem postos aos remos, alguns homens esperavam, parlando segredeiramente. Percebeu que ali havia «marosca» e aguardando um desenlace para tudo aquillo, puzera-se á escuta, quando subitamente lhe chegara aos ouvidos a voz grossa do patrão:

— Ahi vem elles... não tardam... olha os cães como ladram...

Com effeito, d'ahi a instantes, dois vultos embuçados — um homem e uma mulher — chegavam a passo estugado, embarcando precipitadamente.

Ao vêl-os, o Vicente lembrou-se de subito da Eugeninha, a filha do Venancio (o ricaço que morava havia um anno no sitio), uma rapariga morena e formosa, que tivera, segundo diziam, não fazia muito tempo, uma grande paixão amorosa por um rapaz da cidade, a quem o pae odiava e perseguia. Indignado e não podendo conter-se, diante d'aquella fuga traiçoeira da moça com o primeiro namorado, a quem ia agora pertencer para sempre, quando já era noiva do Ernesto, o seu presado camarada de infancia que havia dois mezes não sahia de casa empolgado pela malária — berrou forte, com a sua possante garganta de touro:

— Ladrões! Assassinos!...

E sinistramente o grito perseguidor echoou, por momentos, na alta noite estrellada, profundamente si-

lenciosa e solemne, emquanto a canôa em que ia o amoroso par fugitivo galhardamente singrava sobre a ampla corrente do rio, retinta, chamalotada e marulhosa, aqui e além constellada de uma immensa pontilhação de ouro liquido.

Rio, Abril de 1903.

O navio negreiro

(Heine.)

I

No camarote, sentado ao beliche, *mynher* van Koek, o capitão do brigue, põe-se a fazer as suas contas. Calcula o preço de venda do carregamento e os lucros provaveis :

— A gomma é boa, a pimenta boa : tresentos saccos e tresentas barricas, e marfim e ouro em pó ! Mas a carga, preciosa entre todas, é a «negra», que vale mais que tudo. Seiscentos negros, apanhados na praia do Senegal, em tróca de ninharias, pois outra cousa não tinham custado em verdade, era um carregamento excellente. E todos elles, de ossatura poderosa e musculos rijos, dir-se-iam de bronze bem modelado. Uma tal fortuna a obtive apenas com algumas medidas de aguardente, contas de vidro, facas e canivetes. Que me não

deem muito lucro : basta que só metade sobreviva á viagem e ás doenças para que eu ganhe oitocentos por cento! Sim, se me fôr dado chegar ao Rio de Janeiro com tresentos negros, ao menos, a casa Gonçalves Pereira comprar-mos-ha á razão de cem ducados cada um...

De repente, porém, alguem interrompeu *mynher* van Koek nessas profundas meditações de commercio. Era o cirurgião de bordo, o dr. van der Smissen, que assomou á porta do camarote, com a sua figura alta e magra, o nariz crivado de rubras verrugas.

— Oh! bemvindo, sr. esculapio naval! exclamou alegremente van Koek. Como vão os meus caros negros?...

O medico acudiu :

— Ora, capitão, venho justamente communicar-lhe que a mortalidade entre os pretos, augmentou consideravelmente, esta noite. Entre um e outro sexo, têm perecido cerca de dois por dia. Os mortos desta madrugada attingiram o numero de sete — quatro homens e tres mulheres, que foram logo lançados no registo dos obitos. Mas, para bem me certificar de que estavam mortos, examinei detidamente os corpos um por um, porque estes patifes frequentemente se fingem de mortos, afim de serem jogados ás vagas. Preferem a morte ao captiveiro... Após esse exame mandei tirar-lhes as algêmas e, ao romper do dia, segundo o meu habito, ordenei fossem lançados ao mar. Immediatamente os tubarões, ávidos de carne negra, coalharam as ondas, em immenso cardume. Como sabeis, são elles os meus pensionarios. Acompanham-nos, na es-

teira do navio, desde que deixámos a costa. Os malditos farejam de longe os cadaveres, com as suas narinas sôfregas. E não ha nada mais comico que os vêr aboccar os mortos: este arranca a cabeça, aquelle a perna, e os outros tassalhos de carne... E, quando tudo foi devorado, saracoteiam alegres em torno ao costado, fitando-me com os seus grandes olhos de vidro, como se quizessem agradecer-me o almoço...

Mynher van Koek interrompeu suspirando:

— Mas como fazer cessar tamanha mortandade?

O cirurgião respondeu:

— Ha um meio, uma meio facilimo. Uns têm morrido por falta de accommodações e pelo máu cheiro do porão; outros de melancolia. É dar-se-lhes, portanto, um pouco de ar puro no convés, um pouco de musica e dansa, e o mal desapparecerá.

— Admiravel! exclamou o capitão. O senhor, meu caro esculapio naval, é tão sabio como Aristoteles, o preceptor de Alexandre. Muito respeito eu o presidente da Sociedade de aperfeiçoamento das tulipas, de Delft, como um grande homem; mas elle não possue nem metade da vossa argucia nem do vosso engenho... A' musica! á musica, pois! E que bailem os negros... Mas ai daquelles a quem a dansa não conseguir alegrar! Nós os alegraremos a golpes de calabróte.

II

Na alta abobada do céo azulado pestanejam as estrellas, brilhantes de desejos, como os olhos intelligentes das amadas: e todas ellas contemplam mudamente a infinita vastidão do Mar, aqui e além coberta de um véo phosphorescente de ardentia. As vagas marulham voluptuosamente.

Raras velas bojam ou branquejam nos mastros e vergas do navio negreiro: e como, para o alto, os cabos se fundem na negrura da noite, dir-se-ia estranhamente despojado dos tópes de seu apparelho. No emtanto, em baixo, num recanto do convés, pequenas lanternas reluzem — e a musica e a dança estrugem vivamente.

O piloto raspa com o arco as cordas de um violino, o cosinheiro sopra numa flauta, o grumete rufa um tambor, o medico faz vibrar um piston como se fôra um clarim. Em torno d'elles, cem pretos mais ou menos — homens e mulheres — em gritos de alegria, saltam e giram como loucos. E a cada movimento dos corpos, negros e nús, as algêmas retinem, em cadencia.

As longas taboas do convés estremecem aos pinchos tumultuosos dos pobres captivos. E no immenso circulo em torvelinho, veem-se bellas negras corpulentas, envolvendo com os seus braços, grossos e roliços, o tronco herculeo do companheiro. De vez em quando, atravéz da grossa algazarra de todos, passa um côro de gemidos...

O contra-mestre é o mestre-sala: elle estimula, de calabróte em punho, os dançadores já fatigados e os excita a alegria.

E *trá-trá-trá!... Dum-dum-dum!...*

Do seio fundo das ondas, os monstros marinhos, despertos do seu estupido somno, acodem ao barulho. São em geral tubarões, centenas de tubarões, que, ainda entorpecidos, veem reluzir á flor d'agua, ao colorido clarão das lanternas e pharóes, erguendo pasmadamente, para as bordas do navio e para a scena qne no convés se desenrola, os seus grandes olhos de vidro. E, percebendo desde logo que a hora do seu almoço não chegou ainda, com a habitual e feroz voracidade, escancaram a bocca até a fundo, mostrando as suas gigantescas maxillas, onde sinistramente alvejam, como estranhas laminas de serras, fileiras de dentes agudos, enormes, terriveis.

E *trá-trá-trá!... Dum-dum-dum!...*

A dança e a musica não céssam um instante: e os tubarões, volteando sempre em torno ao casco do brigue, mordem a cauda, impacientes. Penso que elles não amam a musica, como alguns dos seus eguaes. Por isso, muito bem disse um grande poeta inglez: «Não te fies nos animaes que não amam a musica!»

E *trá-trá-trá!... Dum-dum-dum!...*

A dança prosegue sempre. *Mynher* van Koek, que assiste sentado junto ao mastro-grande, olha, preoccupado e pensativo, a «preciosa mercadoria» que ali se agita loucamente. De repente ergue os olhos ao céo e, pondo as mãos, implora:

—Por Jesus, Senhor, poupai a vida aos pescadores

de «pelle negra»! Se elles acaso vos offendem, sabeis perfeitamente que é porque são mais estupidos que os bois. Poupai-lhes a vida, em nome de Jesus, que morreu por todos nós, pois se me não fôr dado chegar ao Rio de Janeiro com tresentos negros, ao menos, hei de fazer um máo negocio!...

Rio, 99.

Enterro no sitio

(Ao senador Hercilio Luz.)

Meio-dia.

O sitio conserva aquella tranquilidade alegre e venturosa de todos os dias, aquelle estado planturoso e verde que transborda da seiva e d'onde se erguem, embalsamando o ambiente, o aroma delicioso das flôres, as frescas e penetrantes exhalações de verdura.

Quatro meninos, tristes e silenciosos, sahem de uma igrejinha rude e mal acabada, situada num alto, carregando um caixãosinho aberto, de metim azul, dentro do qual vae deitada uma creaturinha loura, fria, inerte, de seis mezes mais ou menos, sorrindo vagamente na sua immobilidade de morte infantil, bonita, parecendo viva, com os olhinhos semi-cerrados como pela intensidade da luz que lhe bate a prumo.

Mais atraz caminha um preto, idoso e curvo talvez

pelos seus sessenta annos de enxada, que leva a tampinha do caixão.

Pelas margens da estrada branca e enflorescida, cortada pela agua murmurante e limpida dos corregos, os espinheiros tufados e vigorosos, n'uma felicidade vegetativa e exhuberante, cantam monótonamente carregados de cigarras, e acênam para o mortosinho, n'uma expansibilidade de verdura, como se lhe dessem o ultimo adeus!

Dos terreiros das casas onde recentes colheitas de café seccam, fumegando, mulheres de lenços vermelhos pela cabeça assistem piedosamente, com olhos de chôro, a passagem do feretro.

Um sol glorioso e resplandecente enche toda a paizagem. O calor abafa. E pelos terrenos alagados e gramosos pastam satisfeitamente os bois.

Desterro, agosto de 1884.

Passaros marinhos

(A' senhorita Laura Sampaio.)

— Que linda tarde e que admiravel occaso!

A vóz fresca, alegre, clara, argentina que estas palavras soltara, partira de um grande caramanchão envôlto em espessos rendilhados de verdura estrellada de flores que ficava a um canto do jardim, bem na linha do alto e vasto gradil da frente, numa bella chacara de Icarahy.

E logo um rapaz alto e moreno, forte e de tenue bigode curto, com uns olhos negros expressivos e um vago ar melancolico, o qual percorria os canteiros um a um atraz de uma flôr predilecta que não encontrava entretanto, apanhando á pressa uma singular orchidéa côr de ouro aberta, como uma pequenina estrella, entre as demais companheiras vulgares, no parapeito musgoso do velho muro lateral, — encaminhou-se, radiante, para o logar de onde aquella doce phrase partira.

Entretanto, ao subir a escadinha cimentada e ao transpôr a pequena porta, cheia de festões aromaes, do caramanchão, estacou de repente, vacilante e enleiado, deante de sua prima Laura, a adorada do seu coração, que, contra toda a sua espectativa, alli se achava sósinha, desacompanhada da infallivel camarada de sempre, a sua irmãzinha Olga, uma graciosa menina de oito annos, inquieta e pipillante como um passarinho, mas que era ás vezes ingenuamente maliciosa com a sua finura e ditos infantis. A buliçosa pequena, esquecida por instantes da irmã, andava a brincar agora, com algumas camaradinhas da visinhança, lá para os fundos da chacara. Laura, porém, vendo o primo meio timido e embaraçado, disse-lhe risonha e naturalmente:

— Entre, Armando; sem cerimonia. Não se inquiete por me vêr aqui sósinha. A Olga não deve tardar. Venha apreciar este magnifico occaso...

Elle acudiu a sorrir:

— Mas podemos ficar ambos aqui, assim tão afastados de todos e a sós?

E se o titio e a titia falarem?...

— Porque não?

Era o que faltava se os parentes que se estimam já não pudessem mais estar a sós, por instantes ao menos! Depois, o papae e a mamãe estão ali bem perto na varanda. Deixe-se pois de tolices, e venha admirar commigo o esplendor do crepusculo...

Elle então avançou para a frente do caramanchão e debruçou-se com ella á larga janella rasgando-se entre a densa folhagem enfestoada de trepadeiras em flôr.

O crepusculo era, com effeito, sumptuoso.

A praia de Icarahy estendia-se, recurva em crescente, desde o Canto do Rio até á praia das Flechas, na sua immensa faixa branca arenosa, recoberta para o alto, á fila das vivendas e chacaras, de rasa vegetação e densos massiços de pitangueiras, salpicadas de fructos rubros. Por toda ella, aqui e além, viam se pequenos grupos de pessoas, alguns caminhando lentamente, em passeio, para cá, para lá, na batente do mar, emquanto outros pousavam, de pé ou sentados, nos monticulos dos cómoros, as physionomias saturadas do immenso esplendor da tarde estival e voltadas para o gigantesco lençol liquido e azul celeste, em certos pontos chamalotados, da magestosa bahia de Guanabara. Creanças traquinavam, em alacres disparadas, ao longo da vagas quebrando-se metricamente em largas barras d'espuma, com um grosso marulho reboante e monótono; ou jogavam pedaços de páu ao mar, que grandes cães terra-nova, a latir, numa pacifica jovialidade animal, saltavam a buscar, a nado, em consecutivas viagens. Em frente a alguns clalets, cortando a monotomia geral das construcções brasileiras, inglezes, em claros e leves trajos de verão, palravam e cachimbavam preguiçosamente, olhando os ares luminosos e o mar.

Do outro lado da Bahia, as montanhas do Districto Federal e da cidade do Rio de Janeiro, correndo numa extensa, recortada e alta mancha azulada, faziam destacar, na fulgurante barra escarlate do occaso, os pincaros culminantes da Tijuca, do Corcovado e da Gavea. Um grande *steamer* transatlantico passava vagarosamente, em demanda dos pórticos cyclopicos da en-

trada da bahia, deixando uma esteira de aljôfares a ondular, pôpa fóra, nas aguas. A ilha da Bôa-Viagem erguia-se, empinada a um lado, em bordado relêvo pinturesco, com a sua egrejinha em ruinas destacando tristemente no alto, contra o céo azulado. A Itapuca e um outro minusculo ilhote granitico evocavam, n'uma vaga e idealizadora poesia de lenda, os velhos *menhirs* da Bretanha. Ao longo do Canto do Rio ostentava se uma multidão colorida de pequenas canôas de pescadores — umas puxadas em terra, em descanço, outras carregadas com as suas escuras rêdes de tucum para os primeiros lanços da noite. O vento leve do mar refrescava. A tarde, de uma suavidade e transparencia ideáes, fulgurava deliciosamente, ao poente, pelos brilhos d'ouro do occaso...

Armando e Laura, muito unidos á janella do caramanchão, profundamente enlevados no encanto da paizagem e do céo, entreolhavam-se de vez em quando, trocando palavras de amor em vagas phrases murmuradas...

De repente, após um pequeno silencio, formosa donzella, que tinha agora os seus negros olhos fascinantes voltados para o morro da Conceição, teve este alegre grito alviçareiro para o primo e namorado:

— Olha o primeiro cordão de passaros marinhos que ahi vem! São os biguás que já começam a recolher do fundo da bahia, por onde andaram o dia inteiro á pesca, e buscam o seu pouso nocturno, lá fóra, nas ilhas da barra. Mas como pairam hoje tão alto!...

Effectivamente era o primeiro bando de passaros marinhos — desses que no verão costumam passar to-

das as tardes do interior placido da bahia para as costas bravas do mar — que se destacava no céo, por de sobre o morro da Conceição, voando, em demanda do seu pouso de pernoite, direito ás ilhas da barra. Plainava muito elevado esse pelotão de azas, mantendo-se quasi invariavelmente numa linha horisontal, que só se quebrava quando, para vencer a pressão do vento do mar, se tornava necessario um vôo mais esforçado. Mas essa ligeira alteração de linha que de vez em quando occorria e apenas durava momentos, jámais se fazia abruptamente, por uma québra brusca e rude, mas, constantemente, por subitas e vagas curvas bem dispostas e pelas quaes dir-se-ia que naquella phalange de passaros os corpos de cada um se achavam como ligados por delgadissimo e invisivel fio, formando um estranho e aéreo rozario d'azas palpitantes.

No emtanto, a esse primeiro cordão d'aves do mar seguiam-se outros e outros, numerosa e incontatavelmente—uns voando alto como o primeiro, alguns numa elevação média ao ar, e ainda alguns quasi rastejando nas aguas azues da bahia. E era admiravel vêr passar, seguidamente, destacando no céo vesperal, essa infinita successão de negras reticencias voadoras — pois outra coisa não parecia serem taes enfiadas de passaros marinhos, cortando a tarde, norte-sul, para os seus ninhos insulares da costa, perennemente embalados pela rouca cantilena das vagas e pelas revôltas espumas do Atlantico...

Laura, então, ineffavelmente deliciada com esses graciosos bandos de passaros, que amava ver deslizarem aos crepusculos pelos céos estivaes, mostrava ao

noivo vivamente cada nova fileira que surgia, aviventando e pintalgando de pequeninos pontos negros moventes o setim doce do Espaço. E, tomada de um vago arrebatamento de amôr, dizia a Armando meigamente:

— Olha aquelle enorme cordão que ali vem agora (e apontava um que pairava já a meio da bella praia alvacenta, onde os grupos de pessoas se quedavam tambem, ao instante, a contemplar os bandos d'aves marinhas) e aquelle... e aquelle outro... e ainda aquelle... Repara bem como vêm todos unidos, tão felizes e contentes, envôltos no mesmo affecto reciproco, para o socego e o conforto dos ninhos... Por que nós, sêres humanos, não havemos de viver como esses bellos passaros marinhos que, todas as manhãs, invariavelmente, partem juntos e cheios de ardôr para a batalha da vida e voltam sempre, pelas tardes, ligados pela mesma affeição, ao remanso dos seus lares, para a paz e para as doçuras da vida?... Um dia, quando fôr o nosso enlace, havemos de viver como esses passaros, sempre unidos e com um mesmo ideal na existencia, gozando os nossos amores num acórde d'alma perfeito, suave, mutuo, sublime...

Elle, fundamente enternecido ante aquellas palavras, murmurou:

— Pois sim, querida, pois sim!...

E, arrebatado, ia para abraçal-a e beijal-a, quando a irrequieta e espertissima Olga, como um pequenino mas verdadeiro «demonio dos embaraços», entrou, graciosamente, ás risadas, pela porta do caramanchão, seguida de um bando gorgeiante de creanças amigas...

Já então, dentro desse torreão de verdura, se fizera

uma densa penumbra, porque a barra purpûrea do crepusculo, se sumira de todo a oeste. As aguas azues da bahia ennegreciam pouco e pouco, na gradativa e melancolica retirada dos ultimos clarões vespertinos. A praia de Icarahy apagava tambem a sua alvura, á poeira subtil e funeraria das Avé-Marias, que lentamente amortalhava na treva os derradeiros encantos do dia. Nas altas e recortadas montanhas fronteiras do outro lado, os rútilos e fulvos collares da illuminação publica da Capital Federal cortavam as faldas, chapadas e declives com a pontilhada fulguração da sua luz recuada e longiqua. O céo tornava se de um azul-ferrête muito denso, já todo pregueado a léste pelos belmazes d'ouro das estrellas. E, apezar do denso esfuminhado do firmamento e das aguas, onde tudo era ao intante uma poeirada de cinza, distinguiam-se ainda as negras azas dos ultimos passaros marinhos, passando, unidos em cordão, avançando, voando mais aligeramente agora, com a noite, e perdendo-se totalmente, por fim, sobre os montes, já escurecidos e tristes, do sacco da Jurujaba...

Rio, maio de 1903.

Velha Paixão

(Ao dr. Lopes Trovão.)

Havia minutos que o Israel lidava com o *raino*, no terreiro, em frente á entrada da casa. Queria sahir ao caminho e não podia, porque o cavallo, ainda meio rodomão, não «encostava» direito, impedindo-lhe correr as varas aos moirões da porteira, embora mettesse-lhe rêlho a valher. Muito fogoso e pouco «feito de bocca» de novinho que era, pois o rapaz o comprara quando ainda em «repassos» na mão do domador e dono, o criolo Bonefino, do Rapa, negava rédea a uma camba, e de tal modo que, esporeado a obedecer, empacava chucramente, saltando, empinando-se, boleando-se, aos galões e aos trancos. Coberto já de suor não parava, entretanto, o animal, aos pinchos, para traz e para frente, quasi no mesmo logar, sem querer

reatar a marcha. Era preciso, talvez, apear. Mas o cavalleiro se recusava a isso porque abrir uma porteira a cavallo, em ginete de «grito» e fazendo figura, é para a ardente mocidade roceira verdadeira gloria e façanha. E por isso o Israel teimava, lançando pequenas «largadas» que revolviam o terreno, abancando e virando consecutivamente d'encontro á cancella, e, curvado todo sobre o arção, alongava o braço para as varas, sem poder corrêl-as, no emtanto. E o damnado do *raino* a negar seguidamente a camba! Furioso, recusando desmontar-se por lhe parecer uma humilhação, dispunha-se já a fazer o cavallo saltar a porteira d'arranco, quando, n'uma das voltas da estrada, surgiu de repente o Julião, de mão erguida para elle, no seu *mala-cara* lunanco:

— O' Raél, não te jogues! Olha que perdes o cavallo! Espera lá um instante! ..

O rapaz deteve-se então, mas chicoteando e esporeando sempre o animal, que rodava em grandes empuxões revolvendo todo o chão.

O outro abancou de repente, cosendo-se á porteira, cujas varas começou a correr destramente, com uma das mãos, e, tolhido e rubro do esforço, ia dizendo ao Israel, seu antigo camarada d'infancia:

— Tu és o diabo, Raél! Tu não te emendas, rapaz! Queres ter mais força que o «raino»? Olha a «guêcha» do costão!...

Falava numa vóz contrafeita, quasi dependurado do cavallo, as veias do pescoço tumefeitas de sangue.

Com as suas derradeiras palavras, alludia á quéda que o amigo levára, nos Inglezes, pela festa dos Na-

vegantes, ao montar, pela primeira vez, uma égua chucra, que saltara com elle um precipicio derrubando o numa sanga.

O Israel, apenas foi sahindo ao caminho, retrucou-lhe na sua prosa de garrador intrépido:

— Qual o quê, Julião! Já lá se foi esse tempo! Hoje não ha cavallo que me metta medo...

E perguntou-lhe o que andava a fazer e para onde se atirava, pois não o via ha um anno, desde que o Julião se mudara para as Aranhas, onde morava agora, num sitiosinho que comprára, ao voltar do Rio-Grande, com as economias de um triennio de mar, na catraia da barra, lutando na braveza das ondas.

O outro tornou, muito alegre, correndo a ultima vara á porteira, e vindo emparelhar-se com o Israel, que já largara estrada abaixo, num tróte:

— Vou até á Rua-velha, ao José escrivão, por causa da escriptura de umas terras. Aquelle ranchosinho do Lucio, na encrusilhada do Santos, negociei-o para a mamãe, que não se dá com a Merencia e quer ter o seu canto. Custou-me muito separar-me da velha, coitada, uma santa, como sabes. Mas a Merencia é uma furia, e ha dois mezes para cá, mal eu sahia para a róça, punha-se em rixa com a velha que era uma coisa sem conta. E fôra tal a quisilia que, para ella não lidar pela casa, chegara até a esconder-lhe o bordão. A mamãe, que já se não tem sobre as pernas sem um amparo qualquer, assim privada da cotia, passava os dias amarrada á esteira, chegando a aguentar «precisões». Essa judiaría me trazia cá o sangue a ferver, e, de uma feita, cheguei a «ensinar» a Merencia com

alguns safanões. Mas isso andou-me a doêr cá por dentro semanas e semanas. E' uma estimação que a gente tem que não póde. E eu para não cair em outras razões, tratei o ranchosinho com o Lucio, afim de a velha socegar no seu canto. E ella já lá está ha dois dias, muito concha, a bater e a fiar algodão. Foi um pêso que tirei cá do peito. Por isso, hoje, peguei cedo o lunanco, e botei me, como vês, para o José escrivão. Depois ha festa hoje por lá, pois vão metter um boi bravio na *vara* e ha *corôado* e fandangos...

O Israel ouvia tudo em silencio e só se interessou verdadeiramente pelas ultimas palavras, perguntando-lhe ainda duvidoso:

— Então hoje ha folia por lá, Julião?! Mas quem te contou? Cá no arraial ainda não se sabe de nada. Até hontem á noite, pelo menos, não corria essa nova, nem pela venda do Cosme, nem pelo engenho do Albano, e lá se sabe sempre de tudo pelo o Albino e o Pires, que andam a pombeirar todo o dia por aquellas bandas. E' verdade que os não encontrei hontem por alli, na tréla costumada. Mas se tal se désse, os rapazes da praia saberiam de tudo, e elles lá estiveram a grulhar até ao cantar do gallo, e nem «pio» sobre a festa na Rua-velha! E' para admirar, Julião, que elles não soubessem do caso! E' para admirar, meu rapaz!...

O Julião, porém, insistia:

— Pois ha folia, repito, e é na casa do Vidal. O Luiz Mafra foi quem me disse, ante-hontem, quando veiu do Zé Alves. A rapaziada de lá estava muito influida, por ser a ultima noite de *terço* no Vidal e pelo

boi que vão pegar hoje para a «vara». O boi vae estar só do «fino», pois vão laçal-o no campo, do lado do rio do Braz. O diabo é «meio inteiro» e investe como um raio! Já tem dado corridas damnadas na gente que atravessa o Luiz Dias e a Roça-de-Baixo... O' Raél, vamos num pulo até lá? Vae ser um barrigado, menino, pois a que tempo não se péga um *baqual*... Hoje é feriado, dia fôrro, nada se tem a perder. Aproveita-se o brinquedo e o *raino* toma mais um «repasso»...

— Não, Julião; hoje, não! Estou aqui de laço nos «tentos», para ir pegar o salino para o tronco. O diabo já está com um anno e muito bom para se amansar p'r'o engenho e p'r'o carro. Já devia ter ido ha mais tempo, mas tu conheces as coisas: hoje p'ra amanhã, ámanhã p'ra depois, e lá se vae todo o tempo... Não, Julião, hoje não posso... Vamos juntos até á Estiva, e de lá ou tomo p'r'os Banhados e tu p'ra Rua-velha ou para o rio do Braz... Depois não me convem apparecer por alli por causa da Anninhas. Lembras-te do caso da Anninhas, não?... Se eu fôr até ao Vidal, tenho de entrar na folia do boi, e vou de certo encontrar-me com ella que ha de andar entre as raparigas... E Deus me livre, aquelle povo vae-me chamar de offerecido... Não, lá não ponho os meus pés nem a mandado de Deus! E' uma questão de capricho que não ha quem não tenha... E vamos puxar, menino, que o sol já vae alto...

Romperam então num galópe, sob os espinheiros tufados que leiravam, á uma e outra margem, o caminho arenoso, entrançando no alto as ramagens que

formavam um largo tunnel de renda verde, sobre um fundo dourado. O sol vivo da manhã — uma alegre manhã estival — aquecia todo o ar, malhando o sólo de gemmas rutilantes que tremiam na areia ao tremer das folhas na aragem.

Em pouco chegavam á Estiva, onde a estrada desafogava amplamente no campo, immensa planicie de esmeralda cortada em todas as direcções pelos sulcos negros dos carros e as fitas colleantes dos atalhos, interrompidas aqui e além por altas macégas d'hervagens. No começo da Estiva cavallos dispersos pastavam, de focinho no chão, tosando pacificamente a grama, emquanto outros, em manadas, caminhavam, a passo, para a Roça-de-baixo. Densas tropas de rêzes mansas moviam se lentamente, em manchas de côres variegadas, em plena campina rasa ou contra a orla dos capões. Do céo, de um azul delicado, onde nuvensinhas erravam em sidérios vagares, cahia a luz fulgurante illuminando tudo e fazendo brilhar os banhados. Ao fundo, os morros da Rua-Velha erguiam os cimos no espaço, ostentando em seus pendôres e lombadas fartas culturas de canna, de mandióca e de milho, fulvas de maturidade. E d'entre as altas frondes dos pomares, branquejava alegremente, ao sol, a frontaria risonha dos engenhos e casaes...

Na encruzilhada das trilhas que levavam ao rio do Braz e aos Banhados, quasi leirando as mattas virgens da Caieira, o Israel estacou o cavallo e, puxando de um grosso e longo cigarro que trazia á orelha direita acendeu-o ao isqueiro, dizendo immediatamente ao outro:

— Bem; adeusinho, Julião. Vou já pegar o *salino*, para o metter no tronco esta tarde...

O outro procurava retel-o, exclamando:

— Ora deixa-te d'isso, Raél. Guarda o novilho p'ra depois. Hoje é dia de descanço. Vem comigo á Rua-velha, que nos divertiremos a grande. Deixa os caprichos p'ra outra vez. Isso não passa de tolice. Eu sei que gostas ainda da Anninhas, e ella é doida por ti. Isto é mais do que sabido. E todos dizem que vocês veem ainda a casar... Tens um bom dia para as «pazes». Ninguem repara. E fazes isso sem sentir. Deixa o novilho p'ra depois, ó Raél. Anda d'ahi, homem! Caprichos o demonio que os leve!...

O Israel meditava, tirando largas fumaças ao cigarro, com os olhos vagamente perdidos na immensa amplidão do campo. Estava quasi, quasi, a ceder ás palavras tão docemente convidativas do amigo. Mas dois pensamentos, ambos de egual possança e imperio, inteiramente adversos, debatiam-se-lhe no seu espirito, e eram — primeiro, o orgulho em manter bem saliente e bem alta a apparente indifferença que votava á Anninhas desde que, ao voltar do Rio-Grande, soubera que ella, durante os seus tres longos annos de ausencia, voltara-se deslealmente para outro quando tinha com elle casamento, embora todos lhe dissessem que isso não passara de uma leviandade innocente e passageira da rapariga; segundo, não deixar transparecer nunca que partia d'elle o desejo de um reatamento, mas fazer com que isso, ao ter de dar-se, ficasse patente publicamente como coisa toda originada d'ella. Entretanto, se tal jámais succedesse, pacien-

cia: resignar-se-hia a soffrer, a morrer com essa dôr. O que não era possivel é que, ludibriado uma vez no seu grande affecto — não obstante logo se arrependesse d'essa falta a ludibriadora — fosse elle, agora, o primeiro a submetter-se, a dar o braço a torcer. Amava-a talvez, ao presente, mais intensamente que d'antes: não queria, porém, fazer de «padecente» e, sobretudo, sanccionar precedentes que lhe podiam, quem sabe! acarretar desgraças futuras. O Julião, no emtanto, arrastava-o. E elle estava vae, não vae, para o acompanhar á Rua-velha, curioso de vêr como o enfrentaria a Anninhas, apóz dois annos de abandono...

Por isso, emquanto o amigo falava, consultava-se intimamente, com os olhos sem fixidez certa e perdidos no campo, a pesar tudo com criterio para tomar uma deliberação condigna. Esta veiu incontinente. Iria, por que não? Nesse acto não havia o menor desdoiro ou vexame. Sim, porque não poderia toda a vida andar a furtar voltas á Anninhas. Seria um nunca acabar e, mais do que isso, uma tolice... E, teso de repente na sella, como para uma heroica largada, gritou ao amigo:

— Pois sim, Julião! Deixo o novilho p'r'outro dia. Vamos lá á Rua-velha!...

E deitaram ambos a galópe para o rio do Braz. Do atalho do Siqueira, para lá do Capão Alto, encontraram já um ajuntamento de povo, por entre os macegões e rinchões. Eram rapazes a pé e laçadores a cavallo, que andavam a tocar um boi de pello negro e de guampas retorcidas para o recanto do rio, onde o queriam pegar.

Ao vêl-os chegar a galópe, um dos laçadores que passava em torno á alimaria, numa disparada, gyrando o laço no ar em largas voltas campeiras, berrou ao Israel, accenando num gésto vivo do braço :

— O' Raél ! Tira o laço dos «tentos» ! E acóde cá, rapaz, que nós precisamos de ti !...

Homens a pé, correndo egualmente em volta para cercar o animal, gritaram tambem :

— Encosta o *ruino*, Raél ! E ataca o «bicho» lá pela Tóca, cerrando-lhe o laço nos galhos !...

O Israel, sem detença, calcou esporas no cavallo, e partiu para o sitio indicado, abrindo o laço no ar, numa attitude de mazeppa e peão. O camarada, impellido como elle numa rajada «gaúcha», largou a toda a brida, a escorar o animal n'outro ponto.

Por toda a parte, em torno, via-se o gado manso a correr, assustado, de cauda no ar, a refugiar-se nos vassouráes e capões. O boi chucro, apertado contra a volta do rio sob a perseguição dos cavalleiros, já com dois laços partidos e os pedaços de rastros, atirava-se furiosamente á agua, atravessava-a a nado, galgava présto a outra margem e tomava, numa disparada terrivel, em direcção ao arraial.

A multidão seguia-o, correndo por entre o mattagal, a cercal-o por todos os atalhos, numa gritaria infernal :

— Oô ! oô ! oô ! oô !...

O boi fôra esbarrar, na corrida, á Cancella-grande, que fecha o caminho na cêrca geral das pastagens particulares extremantes com o campo, e não podendo vencêl-a de um salto, varou o posto do engenho do

Mauricio, indo sahir na estrada real, onde tomou para os lados do Vidal. O povo, que enchia o caminho nessa altura, em frente ao pasto da casa, ao centro do qual se erguia um grande chorão secular onde o animal ia ser amarrado para o brinquedo da «vara» — tocou-o porteira a dentro e atirou-se após elle.

D'ahi a pouco toda a estrada rumorejava á galopada furiosa dos laçadores montados, vindo á frente de todos, a bolear garbosamente o laço, o Israel que parecia um centauro. D'envolta com elles, outra multidão de homens a pé vinha correndo, num berreiro colossal. E todos se jogaram para o pasto, perdendo-se entre os outros, que já batiam as capoeiras onde o boi se asylara.

Defronte, no vasto predio do Vidal, situado num alto, a poucos passos da estrada, pelo terreiro e ás janellas encameavam as filhas da casa e as moças da visinhança, em meio das quaes se via a Anninhas, alvoroçada e curiosa com a presença inesperada do Israel, que ella descobrira logo entre os laçadores. As amigas que o tinham visto tambem, começaram a caçoar:

— Então, Anninhas, estás outra vez nas tuas sete quintas, hein?! Viste como o Israel passou ufano a cavallo?... Deixem lá dizer, vocês ainda se gostam... Hoje decerto é o dia das «pazes»... E se não logo á noite veremos...

A Anninhas protestava, mas a sorrir, o rosto muito fresco e rosado, os olhos fulgindo d'alegria:

— Que não! Nem pensar nisso, meninas! Nem eu quero, nem elle... Com tudo ha tanto tempo acaba-

do, era o que faltava! Estas coisas não se fazem assim...

E via-se-lhe claramente nos olhos — uns formosos olhos negros que se não despegavam um instante do pasto — um lumesinho de curiosidade e cuidado pelos movimentos do rapaz que galopava airosamente, com os outros, no laçamento do boi.

Entre a grande massa de povo agitando se em toda a zona em volta, era uma verdadeira preoccupação saber quem seria o primeiro a laçar. Faziam se apostas, optando uns pelo Manoel Maria e outros pelo Zé Thomaz, os famosos peões e laçadores da Rua velha. Mas, entre os homens, matronas e moças que enchiam a casa do Vidal, a maioria era toda pelo Israel. Alli não havia quem o excedesse n'aquillo! Era impossivel! E todos se recordavam perfeitamente do que elle tizera, havia seis annos, com o *queimado*, um boi chucro como nunca mais pisára outro no sitio. O animal levára o dia inteiro a pintar, a zombar dos melhores peões, partindo laços, saltando cêrcas, investindo como uma féra contra cavalleiros e pedastres e levando tudo, ante si, de roldão. Pois o unico que o conseguira laçar — e isto já á bocca da noite — fôra o Israel, no seu famoso *picaço*, um cavallo ligeiro como um cervo e valente como um leão...

Nisto, o boi surgiu de repente, de cauda no ar e sinistro, sobre grama rasa do pasto, bem em frente á porteira. E, em galões violentos e loucos que revolviam o sólo, investia como um cão contra a gente de pé, o laço cerrado nas chifres e preso á chincha larga do *raino*, em que vinha o Israel.

De todas as boccas uma acclamação estrugiu, triumphante. As moças, lá no alto da casa, em signal de alegria, agitavam os lenços. E a Anninhas, arrebatada, tirou a faixa vermelha que trazia á cintura e, acenando com ella ao rapaz, deixava a palpitar nervosamente ao vento como uma flâmmula de sangue...

Mas o boi, num furor possantissimo e açulado pelos gritos do povo, arremettia cegamente para todos os lados e por fim voltava-se todo para o cavallo do Israel, quando o Manoel Maria deitou-lhe outro laço certeiro nas guampas. Então, no claro que abriu entre a gente o laçador, o boi se jogou numa disparada terrivel, e o laço, retezado de tirão, partiu-se no ar, num estalo. O Julião, porém, sahiu-lhe logo na «cóla» e emquanto o Israel buscava evitar outro tirão acompanhando a fera na corrida, elle atirou lhe o seu laço, apanhando a pelos chifres, e, disparando para frente, foi abancar adiante, mantendo-a agora sem movimento, para traz ou para vante, entre os dois laços têsos.

O povo prorompia agora em uma nova acclamação ao Israel que, muito risonho e num jubilo por se sentir a principal figura daquella festa, fixava mais demoradamente então a janella da casa do Vidal onde estava a Anninhas a agitar ainda para elle a sua larga faixa vermelha, que tremia alegremente ao vento como uma estranha flâmmula de sangue.

Mas era preciso metter o boi na «vara» e o Israel gritava já por uma corda para essa funcção, quando um dos escravos do Vidal se precipitou pela porteira com uma peça de rijo cabo de cairo á cabeça. O Israel apeou então, e para corôar a alta façanha daquelle

dia, desenrolou rapidamente uma das pontas do cabo e, com uma dessas resoluções instranstornaveis da affoiteza inculta e bronca quando investe com o perigo, devagar e sorrindo, encaminhou-se serenamente para o boi e deitou-lhe a corda aos chifres. O boi arrancou logo em marradas satanicas, mas elle com admiravel rapidez e destreza deu um salto para o lado, continuando a desenrolar o seio colleante da corda. Em seguida dirigiu se para o grosso chorão secular e ahi a amarrou a grandes voltas seguras. E voltou para a fera, que empacara de novo, a lingua de fóra, os olhos em sangue, furiosa e berrante, entre os dois laços retêzos. Ardido, mas cauto, foi avançando cuidadosamente por um dos flancos da rêz para desprender os dois laços e deixal-a sómente a puxar pela corda possante. Com effeito, num abrir e fechar d'olhos realisou o seu intento e voltou immediatamente a montar o seu *raino*...

A multidão victoriou-o ainda, em prolongada acclamação.

E todos achegaram-se do animal num grande circulo compacto, a jogar-lhe páos e calháos apanhados alli mesmo, açulando-o com um vozear ensurdecedor e assuvios estridulos, desenvolvendo em torno, com a rapidez de um apparelho mechanico, toda a sorte de figuras, cambalhotas, saltos, tregeitos. Alguns rapazes mais atrevidos agarravam no pela cauda, torcendo-a destros a um lado, para o fazerem espinotear furioso; ou montavam-lhe á garupa ou no dôrso, fazendo verdadeiros equilibrios e deslocações de acrobatas...

Assim entregue o boi á multidão, os laçadores su-

biram até á casa do Vidal, a tomar uma pinga da *branca*. Mas o Israel, ainda um pouco vexado, recusou-se acompanhal-os, apesar dos rogos de todos e dos instantes convites do lavrador, que ameaçava até de o arrastar por um braço. A' noite, porém, ancioso por acabar de uma vez com aquella «situação impossivel» e falar francamente á Anninhas, que já duas vezes com as amigas descêra a «espial-o» na estrada, em frente á venda do Cypriano onde elle fôra jantar, — dirigiu-se resolutamente para a habitação do Vidal, a assistir ao *corôado* e tomar parte nas danças.

Na sala, onde estava armado o altar entre duas portas ao fundo, já o *terço* começara. Todos, ajoelhados, acompanhavam em côro, e numa vóz arrastada, o *Padre Nosso* que o capellão resava num tom rouco e monótono.

Mal o Israel se accommodara num recanto onde estavam os homens, seguido sempre do Julião — que fraternalmente o não deixara um momento durante todo o dia — deparou-se-lhe a Anninhas, que o fitou logo com o maior desembaraço, a sorrir, com os seus dentes muito alvos. E emquanto as oblatas subiam até Deus não cessaram ambos de olhar-se, enlevados e felizes, no reatamento da sua velha paixão.

Quando as danças começaram, em quadrilhas, polkas e walsas da róça que se succediam enthusiasticas e com pequenos intervallos — o Israel e a moça, em reciproca adoração, não se despegaram um do outro, nas marcas, senão apenas por instantes. Parabens e risos festivos, partindo de raparigas e rapazes, choviam de toda a parte sobre os dois, no meio do immenso turbilhão dos pares...

Ao terminar a festa, já com o sol despontando nos montes, estavam definitivamente cimentadas as «pazes» entre os dois namorados e, ao trocarem o adeus de despedida, ella lhe pediu que a fosse vêr, ao menos uma vez por semana, como d'antes.

E assim o Israel triumphou na sua velha paixão.

Rio, novembro de 96.

No Littoral Catharinense

(A Pedro Couto.)

A tarde esmorecia serenamente, na vastidão do céo limpido, azulado. Por traz das altas montanhas de Cubatão, de uma côr rôxa e nostalgica, com agudos pincaros em recorte, sumiam-se, escoavam se os ultimos listrões d'ouro do occaso.

A velha fortaleza de Sant'Anna, adormecia, sobre as pedras á beira d'agua. Nas muralhas denegridas, antigas peças enormes alongavam, em fileira, o pescoço de bronze, a bocca aggressiva e temerosa, oxydada pelo tempo n'uma longa inacção. A um angulo, junto de uma guarita arruinada, um mastro delgado e alto sustinha tristemente, cahida ao longo da haste, a bandeira nacional, desbotada, silenciosa e murcha no abandono dos ventos.

Em baixo o mar estendia-se, aplainado, manso, turvo, n'uma larga refulgencia d'aço polido. A nordestia dura de março acalmara, depois de açoutar a costa por espaço de dias, cobrindo-a de nevoeiros.

Reinava uma grande calmaria.

Do ancoradouro da Praia de Fóra, pequenas embarcações de cabotagem, arribadas alli, arrancavam ferro e proseguiam a viagem retardada, levadas pela corrente, as vellas pardacentas a bater contra os mastros.

Aqui e além, como parados nas ondas, latinos claros de botes, virgulados de rizes e com as amuras recurvas, semelhavam, de longe, estranhas laminas gigantescas de foices ao alto.

De uma e outra banda do canal, sobresahindo saudosamente á distancia, no pendor das encostas, ou na linha rasa das planicies, brancuras de casas, denunciando os povoados — S. Miguel, Biguassú, Sambaqui, Gacopé...

Alvuras de praias desenrolavam-se, norte-sul, como fitas brancas debruando as enseadas. Entre pontas, distante, a barra: ilhas mal distinctas já no crepusculo, a vastidão das aguas atlanticas.

E sob a luz violacea e melancolica da hora, em meio ao Taboleiro, desenhando-se á claridade poente, uma enorme barca, com o panno todo largo, sahindo lentamente para o norte, em lastro, na maré da vasante.

Desterro, novembro de 84.

No Caminho da Fonte

(A Azevedo Cruz.)

Luiza deixára o bando alegre e chalrante das amigas e, de cangirão na mão, tomára para a fonte pelo estreito e branco caminho que sae do lado direito da habitação e atravessa o verde e pittoresco declive do terreno, como um longo sulco sinuoso interrompido aqui e além pela obesidade tranquila de algumas rochas cinzentas ou pelo vigoroso tamanho da grama.

Então o José, o filho da Albina, um rapaz robusto e louro como um allemão, uma d'essas almas simples e rudes mas amantissimas e generosas, foi atacal-a, ás escondidas, debaixo d'uma velha figueira ramalhosa que sombreava, em certa altura, o caminho; e, arrebatando-lhe o cangirão, numa brejeirice franca e suave de namorado, pespegou-lhe um beijo tão forte

que chegou a manchar de rôxo o rosto rosado e fresco da rapariga, deixando-a atrapalhada, trémula, n'uma estonteação voluptuosa...

Era á tardinha. O sol esbrazeava o poente e arrastava ainda a orla do seu immenso manto d'ouro luminoso pelas grimpas atalaiantes da serra.

Rapazes alegres e gritadores, em camisa e chapéos de palha á cabeça, as grandes abas derreadas, corriam e cambalhotavam sobre a planura relvosa dos pastos, os alcandorados terreiros das casas ou ao longo das estradas, na expansão irriquieta e alacre dos seus corações infantis, despreoccupados dos constantes cuidados e duros encargos da Vida.

E a toáda longinqua e sonora dos pegureiros recolhendo o seu gado, echoava melancolicamente no alto Azul silencioso e sereno das Avé-Marias.

Desterro, 1885.

Na Bretanha

(Maël.)

Acompanhada da perceptora Magdalena, obedecendo ao impulso de suas idéas, encaminhou-se para o Campo dos Martyres. Ahi se deteve algum tempo a olhar meditativamente o monumento em que jazem as ossadas das victimas de Quiberon. Leu e releu a inscripção latina gravada no frontão do cenotaphio de marmore : PRO DEO, PRO REGE NEFARIE TRUCIDATI. E, de vez em quando, contemplava tambem a lampada melancolica que desce á grande fossa sinistra, ao fundo da qual se confundem os destroços gloriosos d'aquelles que, atraiçoados pelos perjuros, deram a vida pelas suas crenças.

Depois dirigiu os seus passos para as margens pittorescas do Auray, com os olhos perdidos ainda nessa collina funeraria que presenciou o negregando crime

de Tallien e da Convenção, de Tallien, o allucinado corypheu do Thermidor, esse amigo de phrases campanudas e de confusa latinidade, mas accordes com o seu temperamento de impulsivo e degenerado, — de Tallien que um dia exclamara contra a justa insurreição dos filhos da Bretanha:

— Ousaram perturbar a terra da Patria?! Pois bem: a terra da Patria os ha de devorar a todos impiedosasamente!...

E sentia-se presa áquelle sitio, sempre repassado de um encanto penetrante e de uma poesia sombria. Quem sabe, talvez as almas dos fuzilados trouxessem ainda mal-assombrado esse outeiro de hervagens verde-negras, quando, á hora da meia noite, sahiam a girar, em rondas invisiveis por entre as ramagens murmurosas e cheias de luar, attrahindo para ahi bandos e bandos de rouxinoes! Quem poderia contestar a verdade da crença popular, narrando que esses alados cantores ahi se reuniram, pelas primeiras vezes, nesses agitados dias de julho de 1793, em que novecentos cidadãos, o peito varado pelas balas e a face livida, voltada para o céo muito alto mas sereno e juncado de estrellas, ficaram a dormir para sempre no immenso fósso que fôra cavado ás pressas e tumultuosamente pelos soldados de Hoche?...

Mas o sol desapparecera já tristemente para as bandas de oeste e do mar. A noite invadia o firmamento e amortalhava collinas e aguas, campos e arvoredos, nas suas pesadas roupagens de crépe. No emtanto, ainda a escuridão não se adensara de todo e já a lua-cheia

surgia, illuminando tudo com a poeira da sua luz doce, idealisadora e de prata.

Deante do esplendor do luar, Magdalena e a preceptora resolveram prolongar o seu passeio, avançando até ao cimo do pequeno monte de Loch, de onde se dominava amplamente a paizagem. Caminhando a passo egual chegaram juntas á falda da empinada eminencia. E começaram logo a galgar o zig-zag abrupto que levava até ao terra-pleno da torre.

Ao chegar ahi, Magdalena apressou se em chamar a ettenção da companheira para aquella velha construcção. E mostrava-lhe a grande cruz de Loch, culminando a torre ameiada e quadrada, com rendilhados torreões aos angulos á maneira de estranhas guaritas, e que, segundo a tradição, fôra construida pelos Chuanes, no tempo das grandes guerras da Vendéa. Esta torre de Loch não é muito alta e mede apenas treze ou quinze metros da base ao ápice onde se acha a grande cruz de pedra, talhada de um só blóco ; porém o outeiro, sobre o qual se eleva, é dos mais altos d'aquella região, permittindo abranger do seu pincaro um maravilhoso panorama.

N'esse momento mesmo a vista era admiravel.

Uma brisa muito tenue, suave e fresca agitava a fronde das arvores. O plenilunio mostrava a leste o disco cheio e perfeito, escalando o firmamento limpido e claro como feito de crystal. Estrellas rutilavam numerosamente, como enormes diamantes. Em baixo, a terra achatava se, desenrolando planos longinquos, prodigiosos, reverberando tambem, aqui e ali, nas aguas, sob a luz do alto. Os cimos das folhagens pareciam

caiados. Tal era a brancura da luz que, na gradação proporcional dos tons, as sombras projectadas tinham uma pretidão intensa, de tinta de escrever, desenhando nitidamente perfis sobre o sólo. E o luar escorria, como agua, por sobre a folhagem: fazia degraus, e cahia em cascatas pelos altos massiços dos bosques, accentuando profundamente grandes bordados e manchas largas de sombras. As aguas do Auray incendiavam-se, como se todo o rio fosse feito de raios de prata em fusão. Abaixo da collina, os telhados e os muros da aldeia proxima alvejavam n'uma claridade mystica, discreta. E para além da ponte de pedra, unindo as duas margens do pequeno rio, S. Goustan deixava vêr um amontoamento de casas cobertas de lousa ou colmo, com frontões do seculo XVI, egrejas, castellos e a barragem d'aguas, cujo perpetuo cachoeirar fazia tremer os reservatorios de pedra. Estas aguas, espumantes e luminosas, attrahiam indefinidamente os olhos.

O Auray corria em meandros, enlançando a terra com suas numerosas voltas radiantes. Sobre a collina escarpada a torre de Loch destacava-se, inaccessivel e soberana no Azul, dominada pela cruz que assignalava o testemunho supremo da Religião subjugando a Natureza. Em toda a volta, para longe, o panorama ampliava-se ainda, desenrolava-se em planos successivos, em painéis variados e estranhos, de um claro-escuro gigantesco, inaudito, á Rembrandt. Em certos recantos descobriam-se, por entre massas de ramagem, paredes brancas de convento. E do meio dessas pastas sombrias surgia, mais longe, uma abbadia e o Campo dos Martyres. Os caminhos, como fitas, riscavam a

planicie e uns trilhos de estrada de ferro, dispostos como sempre em parallelas sem fim, deixavam escapar, aqui e ali, grandes brilhos metallicos. Distante, mui distante, no extremo horisonte onde o olhar só percebia contornos incertos, pontos rútilos e claros, como estrellas pallidas suspensas a alguns metros do sólo, marcavam a illuminação de outra pequena cidade bretã.

Magdalena, reconhecendo-a, murmurou alegremente :

— Lá está Sant'Anna!...

E enviou mudamente um pensamento secreto á grande imagem dourada que domina a torre da basilica de Sant'Anna. Gloriosas claridades — pensava a moça — banhariam decerto, áquella hora, a effigie celebre e sagrada, cercariam a imagem milagrosa da mãe de Maria de um grande nimbo triumphante...

Mas do seio d'aquella natureza em repouso, d'aquella terra muda, d'aquellas massas de vegetação, d'aquellas coisas adormecidas no silencio, erguia-se agora um acorde poderoso, uma immensa harmonia de vozes identificadas, constituindo um verdadeiro poema de adoração. E á medida que as horas altas da noite tornavam a mudez mais completa, os mil pequeninos rumores esparsos suavisavam o ambiente. Subia do chão e invadia o ar o estalido metalico dos grillos. Depois, muito longe, o latir rouco e velado dos cães de quintas, cortado irregularmente pelo *hú* monótono e tétrico das corujas.

Alguns passarinhos agora elevavam o seu canto no recolhimento tacito da campina, invadida pelos ninhos e posturas da estação estival. Ouviam-re ranger os *gorrui-gorrui* de alguns piscos joviaes — pobres passa-

ros que ralam e limam dentro da garganta, eternamente este som.

Magdalena e a perceptora extasiavam-se, enlevavam-se na contemplação d'aquelle extraordinario quadro da Natureza. No entanto, os cães haviam emmudecido, bem como as corujas. Os piscos e as toutinegras mantinham apenas raras notas smorzantes. E os grillos velladores faziam calar, pouco e pouco, o *pique-pique* monótono de suas membranas metallicas...

De repente, um som mais alto abriu vôo no espaço, um som suave, raro, feito para a harmonia das trevas, tão cheio de melodia que, ouvindo o, se sentia uma estranha curiosidade de inquirir se esse som provinha com effeito do larynge de um passaro ou de que origem, embora suggerisse logo á lembrança a lenda de Philomela-a grega. Mas em que ponto pousava o maestro d'esse descante nocturno?

Lá em baixo, muito em baixo, no immenso fundo negro onde cimalhas de mosteiros erguiam as suas linhas alvacentas, além, nos massiços de arvores acima do Campo dos Martyres, mal-assombrado decerto pelas almas dos mortos — um rouxinol, inclinado para o ninho da companheira afim de amenizar os longos enfados da incubação, acabava de lançar o accorde iniciante a todos os seus irmãos, attentos ao signal e velando, como elle, pela eclosão de suas esperanças. Era apenas um preludio. A nota rara rolou na espessura das ramagens, com um poder desconhecido e, como uma scentelha electrica, fez romper um concerto de vozes maravilhosas. Então, por toda a parte, simultaneamente, começou a orchestração.

A preceptora, que estava ao lado de Magdalena junto á grande cruz de pedra da torre, murmurou docemente:

— *Nightingale!*

Eis, certamente um vocabulo que desmente o renome de aspereza da lingua anglo-saxonia. Ha n'essas quatro syllabas delicadissimas uma vibração crystalina, que melhor que qualquer outra exprime o encanto que representa.

Nightingale, cantor da noite!

Só os latinos possuiam talvez um termo mais doce para exprimir a mesma idéa e representar a mesma imagem, mas tinham ido buscal-o ao sobrenetural do Mytho e da Ficção...

No emtanto os rouxinóes compunham um choral.

Oh! Harmonia! Harmonia divina amada de Platão, o poeta philosopho, que fez de ti o supremo ideal da Sciencia e da Natureza, terás porventura a tua origem nos maestrinos dos bosques e da noite?!...

E o concerto generalisava-se a toda a paizagem, estendendo se até ás mattas do Castello e aos pequenos arbustos enfezados da lande.

Soára meia-noite.

A moça e a perceptora deixaram então precepitadamente a torre de Loch e retomaram a estrada que conduzia a Ely.

N'esse instante, tambem, o concerto admiravel findava. Obedecendo — quem sabe! — a alguma batuta magica os rouxinoes emmudeciam.

Rio, 1891.

O Velho Professor

(Ao dr. Primo Teixeira.)

Dia limpido e alegre, de sol d'ouro ardente, aquelle domingo de fevereiro de 1897. Eram 7 horas da manhã. Da larga curva de *rails* que vem da Estação de D. Clara assignalando o sólo com um parallelo faiscante, um trem surgia, com uma grande voluta de fumo a jorrar no espaço, arquejando e silvando monstruosamente pela sua possante locomotiva Baldewin, em corrida para a linha central, no tumultuar das rodas em movimento. Subito, toda essa matinada caminheira teve uma pausa, e o comboio parou em Madureira. Uma agglomeração de pessoas de todos os matizes, que alli estava á espera do trem sob um dos alpendres que ladêam a pequena casa de madeira dessa Estação suburbana, barafustou á pressa para o inte-

rior dos wagons de primeira e segunda classe. Após um ou dois minutos novo silvo agudissimo, novos arquejos poderosos de machina a vapor e uma como que trovoada de ferros entrechocando-se — e o comboio abalou, perdendo-se ao longe, em meio á casaria e á paizagem verdejante e risonha, para os lados de Cascadura...

No largo de Madureira, a quatrocentos metros da Estação mais ou menos, um ajuntamento de velhos, moços e meninos, num vosear alegre e festivo, tendo ás mãos grandes ramos de flôres naturaes, com uma banda de musica á frente tocando um dobrado — largava do alpendre de uma habitação, estrada Marechal Rangel acima, ao admiravel esplendor da manhã. Em todas as casas do largo as familias assomavam ás janellas e portas, olhando curiosamente o prestito, bem como as demais pessoas em transito e os raros populares em descanço que por alli vagavam, gozando o domingo.

A principio nesse suburbio pouco movimentado e pacifico, todos ignoravam a origem e destino do pequeno cortejo em marcha. Mas logo depois se soube, com inteira certeza, que aquillo era uma manifestação ao conhecido e estimadissimo cidadão José Theodoro Burlamaqui, velho professor primario da freguezia de Irajá. Tal homenagem fôra improvisadamente organizada pelos principaes funccionarios publicos, negociantes, agricultores e artistas de Madureira e cercanias, que, havia quarenta annos, tinham sido alumnos desse famoso preceptor de creanças, e que, sabedores na véspera do decreto que jubilava o seu que-

rido e venerando educador, lhe iam testemunhar, por esse modo, a sua estima e gratidão.

O principal outor de tão bella e carinhosa idéa tinha sido o tenente-coronel do corpo de policia da Capital Federal Antonio Joaquim Vieira, actualmente reformado nesse posto e que fôra discipulo amado do velho Burlamaqui. Vieira, que é um homem sympathico e de têz de um negro bronzeado, de estructura athletica e de um pórte de colosso, intelligente e loquaz apesar da sua ligeira cultura mental, feita tão sómente na escola primaria e com aquelle velho professor — preparára, com arte e originalidade, o meio por que devia levar-se a effeito a manifestação que assim fraternalmente os reunia nesse momento, combinando com todos os antigos condiscipulos levarem ao seu velho mestre um relogio de ouro cravejado de brilhantes tendo gravadas, na caixa, uma expressiva dedicatoria e as datas de sua nomeação e jubilação no magisterio. Combinaram mais levar cada um os filhos e netos — que como elles tinham cursada a escola — e reproduzir, durante o trajecto de Madureira a Irajá, o que haviam feito diariamente outr'ora, em meninos.

Effectivamente, apenas passaram o local denominado Octaviano, entraram, como nos tempos já remotos e saudosos da infancia, a saltar, correr e brincar uns com os outros, em disparadas que levantavam uma poeirada branca no caminho, ao longo das bastas sébes floridas. Os filhos e netos acompanhavam-nos, praticando a mesma coisa, como se fossem todos meninos. Destacava-se á frente do bando, como um antigo «baliza» de batalhão, o tenente-coronel Vieira que,

gordo e musculoso, com a sua pelle bronzeo negra de nubio e o seu pórte colossal, de um metro e noventa de altura, se deslocava mais que todos em piruetas e pinchos, em troças e traquinadas festivas...

A'quella matinada collegial de velhos, moços e meninos, matinada tão fóra do commum alli, principalmente aos domingos, os habitantes sahiam ao terreiro ou desciam ás porteiras do caminho para vêr o que era aquillo.

Nas pastagens planurosas ou nas lombadas das collinas, os cavallos e bois que retoiçavam satisfeitamente a grama ainda meio humida da orvalhada da noite, suspendiam por instantes a sua faina comedoira e, pescoço erguido e orelhas fitas, ficavam pacificamente a olhar, numa muda admiração animal, o algazarrento séquito caminhante, até este perder-se de todo na primeira volta poeirenta da estrada cheia de sol.

A *troupe* fazia alto á porta de cada venda, e todos, principalmente os velhos, invadiam essas pequenas casas de negocio, num alvoroço, como verdadeiros collegiaes, a comprar pão e bananas, chamando familiarmente pelos antigos donos da casa:

— O' *seu* Luiz! O' *seu* Fonseca! O' *seu* João!...

Mas os novos proprietarios respondiam:

— Já não está mais aqui! Ou: — Já é morto, coitado! ..

E despachavam, solicitamente e a rir, aquella multidão jocunda e ruidosa de freguezes de momento que jámais alli haviam visto e que iam de certo em romaria a algum sitio proximo.

Assim, de venda em venda e em folgares pelo ca-

minho, o cortejo percorreu, primeiro, a estrada Marechal Rangel, depois a de Monsenhor Felix, entrando por fim na da Pedreira que levava á casa da escola, em cujas proximidades a Linha Férrea do Rio Douro fizera uma estaçãozinha adequadamente denominada — Parada do Collegio.

Apenas foi avistado o grande e novo prédio para onde, havia dois annos, se tinha mudado a escola, fez-se silencio no préstito.

Seriam mais ou menos 9 horas, justamente o momento regulamentar para a entrada dos alumnos e inicio dos trabalhos escolares diarios.

Chegado o bando ao portão principal, velhos, moços e meninos metteram-se em fórma, dois a dois, e como a porta do predio que deitava para a varanda alpendrada estivesse aberta, por ella entraram, nessa formatura, penetrando no salão d'aula. Ahi, como ha quarenta annos passados, os velhos — bem assim os filhos e netos — tomaram logar á sua carteira-classe, affectando aguardarem o professor para as lições do dia...

O velho Burlamaqui, não obstante a surpreza em que fôra colhido porquanto muito longe estava de pensar em semelhante manifestação, apenas viu entrarem os seus discipulos de outr'ora comprehendeu tudo e, intelligente como era, resolveu não se «dar por achado» diante de tudo aquillo. Engravatado e abotoado como sempre no seu térno de brim pardo que costumava trazer de verão, instantes depois apresentava-se no salão d'aula, e, correspondendo ao côro unanime de saudações dos presentes, todos respeitosamente de

pé, sentou-se na sua cathedra e fez um signal com a mão para que cada qual se sentasse tambem. Em seguida, batendo com a regua na mesa, como a impôr silencio, disse meio commovido:

— Está aberta a ultima aula...

José Theodoro Burlamaqui era então um velhinho de cerca de setenta annos de edade. Baixo, robusto, tinha ainda o porte aprumado e uma voz clara e nitida, apezar de cortada já de uma vaga tremura. De altas qualidades moraes — um caracter immaculado e uma grande nobreza d'alma — fôra toda a vida um virtuoso. Tivera sempre um certo sentimento de meiguice e affecto para os seus alumnos, mas isso sem a menór québra da sua grande linha de austeridade pedagogica, principalmente quando estava em aula. Durante o seu longo magisterio, quando tinha de castigar algum discipulo delinquente, fazia-o sempre com moderação e justiça, pesando bem o valor de cada falta. Taes castigos, porém, raramente os applicára elle nesses quatro lustros fructuosos de serviços á Infancia, porque bastava um gólpe energico da sua vóz ou uma expressão reprovadora do seu olhar para que os mais inquietos socegassem e os mais desabusados se contivessem. Obtivera a cadeira de professor primario da freguezia de Irajá por concurso, vencendo um bom numero de contendores. Ao iniciar o magisterio publico, tendo mais ou menos trinta annos, era um moço que já sabia impôr-se pelo seu todo digno, austero, correcto. Era então, a despeito da sua pequena estatura, um bonito homem, de pelle clara e rosada, barba e cabellos castanhos, com uns olhos

muito vivos, expressivos, azues. Agora, já em ancianidade, com o rosto enrugado, os olhos doces ainda, mas vasios de esperanças e sonhos, os cabellos e a barda de uma alvura immaculada, tinha o grande ar venerando de um Patriarcha ou de um Santo...

Mas apenas o velho Burlamaqui pronunciára as melancolicas e commovidas palavras — «Está aberta a ultima aula...» — o seu antigo e querido discipulo tenente-coronel Vieira ergueu-se e, aproximando-se da mesa, disse:

— Professor! Venho queixar-me do sr. José Machado (e apontava para um velho alto, magro, de barba e cabeça brancas) que *hoje*, quando vinhamos para a escola, deu-me um pontapé...

— E' verdade, sr. professor, acudiu logo o José Machado, erguendo-se da sua carteira. Dei um pontapé no sr. Vieira porque elle soltou um passarinho que eu trazia num alçapão...

Esta encantadora reproducção de uma passada e remota scena da infancia fôra bem imaginada e melhor executada pelos dois antigos discipulos da humilde escola de Irajá.

O velho Burlamaqui então, muito enternecido mas procurando representar o seu *papel* até ao fim, pegou da penna e do *Livro dos Castigos*, exclamando:

— Bem, vou tomar nota. Hoje não os castigo porque é domingo; ficará para ámanhã... Amanhã?!... Mas que digo, se este é o ultimo dia de aula?!... E quasi sem poder concluir as palavras, numa grande emoção, accrescentou ainda: — Mas só agora é que vo-

cês se lembraram de queixar-se? Só agora que são passados quarenta annos?!...

E tinha as mãos mais trémulas que de ordinario, e as lagrimas corriam lhe, duas a duas, pelo rosto e pelas barbas venerandas e brancas. Então os alumnos — velhos, moços e meninos — correram a abraçal-o, chorando tambem d'emoção...

Depois, o tenente-coronel Vieira puxou do rico relogio d'ouro cravelado de brilhantes e, após ligeiras mas expressivas palavras, entregou-o ao velho professor em seu nome e no de todos os seus camaradas.

Velhos, moços e meninos aproximaram-se então com os grandes ramos de flôres naturaes que levavam e os desfolharam sobre a cabeça do velho Burlamaqui que os abraçava a todos um por um, murmurando por entre a commoção e o pranto:

— Eu não merêço isto, meus filhos! Não! Vocês é que foram sempre bons meninos, como são hoje bons paes de familia e bons cidadãos...

Rio, outubro de 903.

A's Avé-Marias

(A Emiliano Pernetta.)

Junho.

Poente côr de ouro velho por traz de montanhas saudosas, recortando os pincaros escuros na téla concava do céo. Azul vasio de sol a léste, onde não tardarão a desabrochar as flôres prateadas das estrellas.

Nem um sôpro áspero, neste inverno que rompe!

Mar chão, achatado, polido e d'aço, desdobrando-se para além da barra n'uma infinda amplidão. Faixa larga de praia clara, extensa, curva, brilhante.

Um vulto triste de mulher se destaca, n'uma meia-tinta cinzenta, de pé sobre a lombada de um cômoro. Está á porta da sua chóça, n'uma immobilidade de estatua, tendo ao collo uma creança.

E' a esposa do pescador.

Ella olha melancolicamente as quiétas aguas planas

e, com o braço direito estendido, mostra ao filhinho innocente a vela branca de um barco que se affasta para longe...

As primeiras badaladas das Avé-Marias rolam na paz ermal dos campos.

E ondas de filó negro, éthereo, impalpavel sepultam tudo em torno, enchendo-nos o coração de uma irreprimivel saudade de extinctos amôres e gozos evocados vivamente, no espirito, pela nostalgia desoladora da hora!

Rio, setembro de 90.

Por um Caminho d'Arraial

(A João Grave.)

Era manhã. O sol faiscante e vivo punha no ar uma mornidão traspassante e amollentadora.

Eu caminhava alegre e silencioso, sósinho, alagado de luz.

O caminho colleava infindavelmente deante de mim — largo, branco, plano, convidativo. Marginavam no ininterruptamente verduras pujantes e fecundas, de onde se erguiam e se espalhavam no ambiente gorgeios doces de ninho e o aroma inebriante das flôres.

Grupos sonoros de meninos satisfeitos e pinoteadores que correm, gritam e estrafégam, na distancia livre e preciosa que vae do lar ao mestre — desappareciam ao longe. Borboletas felizes passavam e repassavam, á luz d'oiro ardente, numa inquietitude d'azas,

palpitando ao vento como pequeninos retalhos de gaze colorida.

Aqui e além, desciam riachos, sob pontes rusticas de madeira, num murmurio perenne e crystalino.

E ao lado das casinhas risonhas, alvas, enflorescidas e agrestes, cheias da felicidade tranquila e virginal do campo, cobriam as cêrcas de páu-a-pique e pintalgavam alegremente os pomares, irrompendo numa impetuosa e indomada exuberancia, as sanguineas e revolucionarias *pancetas*, que dir-se-hiam vivas triumphaes á Republica sahindo d'entre a Monarchia... das arvores!

Desterro, agosto de 85.

A morte do Domador

(Ao dr. Wilhelm Storck, em Münster.)

Cedo, muito cedo, naquelle domingo de entrudo, os rapazes da freguezia e lagarejos proximos começaram a affluir ruidosamente, em bandos, para o pasto do Manoel Luiz onde o Zé Pedro, o velho tropeiro «guasca», puzera desta vez a cavalhada que trouxera do sul, das estancias de Mostardas e Santo Antonio da Patrulha. Arrastava-os até ali esse entretenimento alegre e rustico das tropas percorrendo os sitios pelas quadras festivas e, sobretudo, a noticia que se espalhara de que, naquella manhã, iam ser experimentados o *Picaço* do Estevão e o *Tordilho* do Claudino, dois parelheiros que, segundo corria, esses abastados lavradores tinham ha muito encommendado para o serviço de sella e para um desafio a *Corruira*, á famosa egua

do Teixeira, que nas costumadas corridas da praia se tornára invencivel. Mas a esses rapazes attrahia principalmente, e com mais enthusiasmo, o espectaculo — querido entre todos pelos roceiros — da domação de um pôtro chucro, em que ia montar o Miguel, um joven campeiro dos Zimbos, que se criára a bem dizer sobre os lombilhos, não só no arraial onde nascera como no Rio-Grande e na região serrana catharinense — em Lages, Coritibanos e S. Joaquim.

Na véspera á tarde o Alexandre Bastos, depois de regatear longo tempo, forcejando por obter uma «pechincha», porque «não pagava vontades» nem que lhe obrigasse «o Divino» — escolhera entre os «baguaes» da tropa um bello pôtro *zebruno*, de tres annos, que muito lhe agradara pelo largo peito musculoso, a linda «taboa», de pescoço, as grandes patas, fortes e bem encascadas, e as suas fórmas esguias, revelando promptidão de movimentos e uma ligeireza de veado. E, feito o negocio, o Alexandre falára logo ao Miguel, que viera passar a festa com a noiva em casa do Pinheiro, para dar-lhe o primeiro «repasso» naquella manhã de domingo.

A' proporção que os rapazes chegavam, a algazarra crescia no terreiro do Manoel Luiz, onde já se agglomeravam pessoas da visinhança, jovens e velhos, alegres e expansivos em meio á zurzinada das crianças — meninos de oito a doze annos — que desenvoltamente estrafégam, nesses dias de descanço, ao longo de caminhos e atalhos cortando planicies e montes.

Em frente, no immenso pasto verde alongando-se a perder de vista, manchado aqui e além pelos homens

a correr de um para outro lado entre altas macégas de rinchão — ouvia-se já, por entre o vivo latir dos cães de gado, a sonora toada dos tropeiros, reunindo a cavalhada dispersa e tocando-a em direcção á porteira. Homens bem montados surgiam, ás vezes, em disparadas infrenes na orla das capoeiras: e os cavallos irrompiam de baixo, do matto, galopando com estrépito, destacando na planura do pasto, sobre gramma rasteira como n'um rodeio dos pampas. Eram o Alexandre Bastos, o Miguel e o *Zé* Pedro, que andavam a ajudar os peões na faina de juntar os animaes no potreiro, porque o pasto extremava com o campo e a cavalhada, durante a noite, internara-se pela tiririca e o matagal dos banhados.

Quando a tropa se reuniu já o sol ia alto e o céo cobria-se todo de um pó d'ouro flammante. As cigarras chiavam, traspassadas de calor, no crivo verde dos ramos. E os homens e rapazes que inundavam a estrada, esperando a domação, depois do rude e esfalfante trabalho de atacar os cavallos, estiravam-se agora, todos rubros e suando, sob as arvores do terreiro, as latadas da horta e os galhos bastos das cercas que estendiam sobre o chão uma estreita renda de sombra, malhada de pingos d'ocre e que vagamente tremia, na areia, ao balanço das ramagens ao vento.

O intenso alarido de vozes esmorecera por momentos, transformando-se num murmurio surdo de conversação zumbidora. As proprias crianças, esquecida por instantes a sua perpetua e invensivel inquietitude, repousavam tumbem junto aos homens, n'uma posição derreada de fadiga e silencio. E só ficaram ao longe,

no pasto, o ladrar vigoroso dos cães e a zoada somnolenta e nostalgica dos peões, separando os animaes.

Mas, de repente, o rumor violento de uma disparada estalou no caminho, para os lados da porteira — e o pôtro *zebruno* do Alexandre appareceu, aos galões e aos trancos, n'uma nuvem de pó denso.

Ergueu-se então um berreiro. E logo d'um salto, todos se puzeram de pé e, com os braços no ar, cercavam o animal, impellindo o para dentro do terreiro onde o Miguel, no seu *baio-encerado*, o laço ainda na cilha, procurava arrastar o potranco, que empacára na estrada a um dos lados da cêrca.

As moças, das janellas e portas, n'um alvoroço e ridentes, agitavam os lenços claros, buscando tambem espantar o cavallo, que se mantinha esticado, o pescoço recurvo no ar e eriçado de crinas, mnito erguida e attenta a pequena cabeça bem feita, os olhos em sangue, as narinas dilatadas, respirando fortemente. Em torno d'elle continuos brados atroadores, d'envôlta com o latir agora amiudado dos cães, feriam o ar morno e dormente:

— Eh potranco! Eh demonio! Eh! Eh!...

Mas o animal não se movia, de olhar enraivado, obliquo nas orbitas, todo o pello em fremencia.

O Miguel, escarlate e n'uma impaciencia, gritou então para os homens, n'uma voz estridente:

— Mettam-lhe um páu de porteira! Desanquem-n'o, rapazes! Desanquem-n'o que elle ha-de espirrar d'uma vez!...

Todos, a uma, se lançaram á porteira e, arrancando das longas varas polidas, começaram a malhar o

potranco, fisgando o pelas virilhas, a garupa, os flancos. Subito, o poldro, aggredido, jogou-se aos saltos para a frente.

O Miguel apeou-se logo e dextramente, n'um abrir e fechar d'olhos, deitou-lhe a focinheira dando, em seguida, com o seio rijo do laço, uma volta firme e forte no guapurubú do terreno. E puchando de uma guasca arrochou-o de bico contra o grosso tronco da arvore: com as outras voltas do laço, peritamente, envolveu-lhe, primeiro, as patas trazeiras, depois as da frente, com segurança, pelos machinhos. Em seguida, agarrando-o pelas pernas, emquanto o Alexandre e o Zé Pedro o amparavam pelas ancas e o ventre — jogou-o ao chão, de pancada, quedando-se ahi o animal, immovel, de focinho preso.

O Ignacio, o velho preto carreiro do Manoel Luiz, correu immediatamente á casinha dos arreios e volveu n'um pulo, com um antigo lombilho alongado, recurvo e de grandes cabeças, cujos lóros de couro crú findavam por um pedaço polido de páu, á laia d'estribo, atravessado em baixo aos extremos. De volta com isso vinham tambem os apeiros: um espesso chergão de lã a quadrados brancos e negros, a cilha forte de guasca, as duas canas das rédeas e a larga carôna resequida, toda malhada e de pellos.

Então o Alexandre começou a encilhar o pôtro, que parecia dormitar, os olhos cerrados, atado de pés e mãos. Não obstante, o Zé Pedro, por precaução, segurou-lhe ainda o focinho, emquanto os outros calcavam nos cascos inquietos, que riscavam continuamente o terreiro.

O povo apinhara-se em torno, sob a ampla e alta parreira ensombrando largamente o terreiro, e sob as frondes ramalhosas dos cafeeiros e laranjeiras proximas. Moças enxameavam encantadoramente no patim da alta escada de velhas pedras musgosas, e ás grades da varanda.

Prompto o animal, o Miguel preparou-se para montar, sacando as grossas botas amarellas e o «pala» de listras brancas, emquanto o Manuel Luiz corria a buscar o rêlho de «chiquerá» e as chilenas de ferro, de rosetas acutangulas. Ao voltar, o rapaz, decidido e risonho, erecto no seu pórte elevado, de fortes musculos possantes, tomou lhe présto os objectos e, armando-se para a montaria, gritou ao Alexandre:

— Vamos, homem! Tira as voltas do laço ao potranco, e solta-o para vermos essa «dança»!...

Lésto, n'um perfeito lidar de campeiro, o Alexandre desfez as voltas ao laço, deixando apenas a que prendia o pôldro ao palanque.

A multidão, sábia e previdente, como sempre nos momentos supremos, recuou para os lados, esvasiando o terreiro para dar «campo» ao potranco.

Este, resurgido de repente, ergueu se aos roncos do chão e, curvando-se desesperadamente, atirou-se em medonhos corcóvos, o lombo encolhido em constantes contracções, procurando arrancar o lombilho e mordendo-se, em revira-voltas vertiginosas e torceduras terriveis, pelo peito e pelos flancos. Após isso, como um raio, rojou se em cheio no chão, rebolando-se no pó patas e queixo no ar, n'um furor rodopiante. Debateu-se assim meia hora, finda a qual quedou-se ex-

hausto, o ventre tumido a arfar, as crinas densas em novellos, o pello todo arrepiado, n'um suor abundante.

E logo o Miguel, endireitando-se para elle de chicote em punho e colhendo resolutamente o *fiador*, fel-o subito levantar-se com um relhaço nas ancas e, tapando-lhe os olhos com as canas das rédeas, uma das mãos ás crinas, firmou-se rapido nos pés juntos onde tiniam as chilenas, e cavalgou d'um salto, com vigorosa destreza.

O povo, enthusiasmado, rompeu n'uma acclamação.

E o pôtro, outra vez sublevado sob aquelle corpo de homem que o supplantava fortemente, atirou-se aos galões para a estrada, saltando o cercado da horta, vencendo tudo de arranco. A multidão, apupando, jogou-se atraz do cavallo que, com o dorso curvo e enrijado, a cabeça occulta entre as mãos, redopiava violentamente, electricamente, bem em frente á casa do Manuel Luiz, a *velhaquear* sem cesssar, n'um turbilhão de poeira. O Miguel, firme e forte na sella, apezar das negaças do pôldro que não parava um instante, malhava-lhe a relho a cabeça e mettia-lhe as esporas no ventre que escorria sangue.

Das janellas do predio caiado, faiscando ao sol ardente, as raparigas roceiras, todas risonhas e rubras em umas véstes frescas, contemplavam alegremente a scena, com olhares de admiração e affecto para o bravo domador.

Mas o animal não parava, o olhar em brasa, a bocca espumante lacerada aos cantos pelas laçadas das rédeas arrochando-lhe os beiços: empinava-se, jogava-se em impetos para traz, para a frente, e, negaciando sem-

pre contra a parede da casa, em esbarradas brutaes, tentava deitar fóra o cavalleiro. O rapaz, entretanto, na sua pericia campeira, assim que o potranco encumeava, sentando de anca no chão, boleando se — saltava présto da sella e, apenas o animal endireitava, galgava-a, vivo, outra vez.

N'isto o pôtro arrancou n'um impeto para a séde da freguezia, para o grande largo da egreja. A multidão, n'um frémito, abalou atraz em avançadas de gamo, a gritar fortemente com as suas notas roceiras:

— Eh puna! Eh puna! La vai o *raio* perdido! Aquillo esbarra-se na primeira cêrca! Esbarra-se mesmo, o demonio! E' d'esta vez que o Miguel «benze» o chão!

E o potranco, envôlto n'um véo amarello de poeira dançante, sumia-se por entre as voltas da estrada, na galopada tremenda, seguido da multidão enthusiasta, acompanhando-o n'uma corrida alacre e ruidosa, velada tambem n'um vulcão de pó denso.

O Miguel só conseguiu *abancar* na Ladeira de Fóra, já no adro da egreja, em frente á casa do Pinheiro, onde estava a Luizinha, «o seu bem». Fatigado, apeou se um momento, indo amarrar o pôtro para um recanto do largo, ao galho de uma laranjeira. E atirando-lhe um relhaço á garupa, aproximou se da janella, á falar á noiva, muito rubro e num enternecimento.

Das vivendas vizinhas muita gente acudiu a vêr, attrahida pelo rumor da galopada e pelo grosso vozear do povo que chegava a correr...

Era meia-tarde quando o Miguel voltou de novo a montar. O ajuntamento, que se quedara a descançar

sobre a gramma da praça, ergueu-se logo, contente.

A casa do Pinheiro, como os demais predios vizinhos, regorgitava já cheia, pois que a noticia da domação, espalhando-se electricamente, fizera ainda affluir para ali bandos e bandos de gente.

A Luizinha, feliz na sua adoração pelo noivo, sorria, em meio de um grupo de amigos, ao ouvir os elogios que se faziam ao Miguel como «garrador» e domador valente: e nem um instante despregava os olhos do rapaz que, rodeado do povo, se encaminhava para a laranjeira — onde o pôldro, apenas se viu de novo cercado, ergueu o pescoço, tomando uma attitude selvagem e, com o olhar ainda em sangue, entrou a voltear a arvore, resabiado e aos roncos. Os homens romperam então num berreiro:

— Olha o *louca* ainda ás cocegas! Olha o estupôr! E não é ainda desta que elle endireita, rapazes! O diabo vae dar «coisa»!...

A poucos passos d'ali, o Manoel Luiz e o Pinheiro commentavam o caso, mirando bem o animal, que reputavam «má compra». Entretanto o Alexandre conhecia os cavallos como poucos, pois fôra muitos annos peão; mas agradara-se daquella «estampa» e não olhara dinheiro. A elles é que o «bicho» não conseguira lograr com as suas «pinturas» e manhas... Aquillo fôra uma verdadeira espiga para o Alexandre. E agora era aguental-a, não havia remedio. Não se fiasse elle, porém, porque cada vez que o montasse a «cova estava aberta no chão»...

Suspenderam-se para olhar o Miguel que, já montado e bem firme nas curvas, esporeava fortemente o

potranco nesse instante empacado — quando o Alexandre passou por elles, furioso, brandindo uma vara de cêrca, em direcção ao animal, que entrou a malhar ás mãos ambas.

Então o Manoel Luiz, vendo imminente uma arrancada terrivel para algum lado perigoso, ia gritar-lhe cessasse — quando o pôtro atirou-se, qual raio, pela ingreme ladeira pedregosa que ia dar ao costão. Houve um arrepio no povo, seguido de um silencio que empallideceu a todos. A's janellas das casas, as mulheres, invadidas tambem de um temor, tinham uma anciedade nos olhos e uma vaga lividez no rosto.

Mas já o Manoel Luiz e o Pinheiro atiravam-se para a ladeira, gritando:

— Acudam, rapazes! Acudam que o Miguel vae ao chão!...

A turba jogou-se logo, seguindo os dois homens.

Do meio do morro avistava-se o Alexandre que já descia adiante, em direitura ás pastagens da praia, toda fechada entre cômoros. Então, cada um entrou a investigar miudamente a ladeira pedregosa, batendo a verdura das bandas, quando o irmão da Luizinha e outros deram com um rastilho vermelho que levava a uma gruta entre rochas, onde jazia o corpo do rapaz, numa larga pôça de sangue. Todos correram, bradando:

— Olha o Miguel desacordado! Olha o Miguel como morto!...

E desceram á grota, a suspender o corpo, que estava ainda quente — o pescoço cahido, uma grande brecha na fronte. Agarraram-no em braços e o leva-

ram para a casa do Pinheiro, emquanto o Manoel Luiz muito consternado, corria a chamar o vigario. A maior parte do povo, passada a emoção do primeiro momento, outra vez em alvoroço, tomou para a praia, onde o Alexandre procurava, por toda a parte, o potranco...

Quando o corpo do Miguel chegou á casa e foi postado na sala sobre uma velha marqueza, a Luizinha precipitou-se sobre elle, soluçando e cobrindo-o de beijos. Os parentes e pessoas amigas acercaram-se tambem, num côro de lastimas plangentes. O Pinheiro, triste e aturdido ante tudo aquillo, nem sabia o que fazer: machinalmente, porém, pegara de um vidro de arnica e com um pedaço de panno, apanhado ao acaso, applicava-a á cabeça do rapaz, num gesto trémulo das mãos.

Em pouco, chegou o vigario. Era um velhote alto e sêcco, a face cavada e cidrenta, todo corcunda dos annos. Examinou o Miguel, e amarrando-lhe a testa com um lenço ensopado em arnica, tirou da velha batina um vidro de outro remedio, do qual vasou-lhe tres colherinhas seguidas na bocca livida e inerte. E olhando as pessoas em roda e a Luizinha, que chorava ininterruptamente agarrada ás mãos insensiveis do noivo, murmurou surdamente um phrase de consolo. Aproximou-se ainda da moça e, com os seus dedos osseos e longos, ameigou-lhe docemente a fronte, dizendo:

— Não chores, menina! Deus é bom e poderoso!...

De novo examinou o rapaz, cujas feições murchavam pouco e pouco, perdendo a delicada expressão das linhas num regelado pallor. Apalpou-lhe um dos lados — o do coração — espalmando sobre elle uma das

mãos muito magras e, com a outra, tacteava o braço todo procurando as pulsações fugitivas. Permaneceu assim um instante, concentrado e attento. Depois, a um furtivo estremeção do ferido, sacudiu tristemente a cabeça e, cerrando os olhos com recolhimento, como em préce intima e fervorosa, murmurou compungido esta phrase de dôr:

— Já não soffre! Expirou!...

Todos, em volta, se lançaram de joelhos, clamando desolamente:

— Está morto! Está morto!

A Luizinha então ergueu-se de um salto, os olhos desvairados, toda desgrenhada, como uma louca:

— Ai! que ancia! Ai! que ancia, meu Deus!...

E foi cahir, sem sentidos, entre os braços das amigas, que a cercaram com amôr...

*

* *

Nesse instante, lá fóra, na estrada, á luz fria do occaso afogando-se em sombras, ouvia-se, como o rugir do mar em tormenta, o grosso vozear da multidão, perseguindo o pôtro para o matar a tiro. O clamôr perdia-se ao longe, na extensa paizagem serena, como um écho prolongado de desolação...

Rio, outubro de 96.

FIM

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes publicados

1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.
2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado.
3 — Carmen, trad. de M. Level.
4 — A Feira de Paris, por Iriel.
5 — O direito dos filhos, por George Ohnet.
— John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas.
7 — Esgotado.
8 — A lenda da meia noite, por M. Pinheiro Chagas.
9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas.
10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel.
11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas.
12 — Esgotado.
13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho.
15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino.
16 — Esgotado.
17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel.
18 e 19 — Esgotado.
20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves.
22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.
23 — Esgotado.
24 — Contos, por Affonso Botelho.
25 — Esgotado.
26 — Esgotado.
27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas.
28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.
29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.
30 e 31 — Esgotado.
32 — As netas do Padre Eterno, por A Pimentel.

33 — Contos, por Pedro Ivo.
34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
37 — Obras primas, por Chateaubriand
38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
42 e 43 — Espelho de portuguêses, por Alberto Pimentel.
44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
51 — Esgotado.
52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caïel.
56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
57 — Dramas da côrte, por Alberto de Castro.
58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
— Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
— Insulares, por Moniz de Bettencourt.
62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
65 — Retalhos de verdade, por Caïel.
66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
74 — Individualidades, por Henrique das Neves
75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.
78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves
79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis.
87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.
88 — Elogio da loucura, critica de costumes, por Erasmo.

OUTRAS OBRAS

Azevedo (D

Dic
r
2
e
Gra
Gra
ap
tr
Liçõ
fr
Oll
ap
(2

Car

Ao c
Arte
Avent
mes
Cereb
Chron
Coisas
Contos
Em P
Figura
Herois
Impres
No me
Nossas
Pelo m
Raphae
(ed. d